

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM SERVIÇO SOCIAL**

**JULIANA ABRAMIDES DOS SANTOS**

**SERVIÇO SOCIAL E CULTURA: PROCESSOS CRIATIVOS NA MEDIAÇÃO DO**  
**TRABALHO PROFISSIONAL**

**MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL**

**SÃO PAULO**

**2014**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM SERVIÇO SOCIAL**

**JULIANA ABRAMIDES DOS SANTOS**

**SERVIÇO SOCIAL E CULTURA: PROCESSOS CRIATIVOS NA MEDIAÇÃO DO**  
**TRABALHO PROFISSIONAL**

**MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lucia Silva Barroco.

**SÃO PAULO**

**2014**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

*Em memória de meu avô Eduardo Abramides, contador de histórias, agrônomo e professor e  
de minha avó Eunice Maria dos Santos, mulher guerreira, simples e sorridente.*

## AGRADECIMENTOS

Os trabalhos desenvolvidos no Pará e em Taboão da Serra ampliaram minha formação e experiência com o conhecimento da cultura quilombola e o aprendizado de como atuar profissionalmente ao potencializar processos criativos. Além disso, as pessoas com as quais trabalhei me ensinaram a ser mais paciente e solidária, valores que julgo fundamentais para o exercício da profissão que escolhi.

A imensa disponibilidade, o envolvimento e a criatividade das comunidades foram determinantes para o desenvolvimento deste trabalho, e sou grata, em particular, aos moradores dos quilombos e dos núcleos habitacionais.

Agradeço aos profissionais e estagiários que trabalharam comigo na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente de Taboão da Serra e no Projeto de Extensão Universitária Irati-Trianon, especialmente, aos professores Naira Ciotti, Hamilton Octávio e Maristela Teixeira.

Queria agradecer, de forma especial, à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lucia Silva Barroco, orientadora e amiga que muito me estimulou a estudar e a me qualificar para o Mestrado, com sua inteligência e amor. Agradeço também à banca de qualificação composta por Maria Lúcia Martinelli e Cristina Maria Brites, ambas me auxiliaram a pensar na lapidação do texto e me deram aportes para aprofundamentos teóricos. Com satisfação, espero encontrá-las no momento da defesa desta dissertação.

Agradeço ao Walter Freitas, diretor e dramaturgo, com quem pude idealizar, escrever e realizar em conjunto o projeto “Bandurra – Eh!”, à companheira Marina Mota e à equipe de trabalho.

Agradeço igualmente ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social por me aceitar como aluna, oportunidade única na qual pude sistematizar e refletir sobre a minha trajetória profissional de maneira a contribuir, espero, nos avanços teórico-metodológicos dessa importante profissão. Quero agradecer, também, às colegas do Programa com as quais convivi nesses últimos anos.

Meus agradecimentos aos professores doutores Jeanne Marie Gagnebin, José Paulo Netto, Maria Beatriz Costa Abramides, Maria Lúcia Martinelli, Antônio Rago pelas brilhantes aulas ministradas e valiosas contribuições que nortearam esta dissertação. Não poderia deixar de agradecer aos funcionários da PUC-SP pela atenção e gentileza ao longo dos anos.

Agradeço imensamente aos amigos que me apoiaram nesta empreitada, em especial, ao companheiro Weber Lopes por todas as indicações bibliográficas e à amiga Samara Xavier.

Aos meus pais, José Ivanez dos Santos e Maria Beatriz Costa Abramides, dos quais tenho muito orgulho e com eles sou muito feliz. Na verdade, tenho muita sorte de ser filha desses companheiros de vida.

Sou muito grata à contribuição da Cleisa Rosa, que, além de revisar este trabalho, deu indicações para aprofundar e aperfeiçoar esta dissertação.

O auxílio financeiro proporcionado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) foi fundamental sem o qual não teria avançado no processo de aprofundamento teórico e, nem mesmo, garantidas minha sobrevivência financeira e moradia.

*Viver não é necessário; o que é necessário é criar.  
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.  
Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha  
de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo.  
Fernando Pessoa*

## RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo investigação os processos criativos na mediação do trabalho profissional a partir da observação e estudo do cotidiano de três comunidades quilombolas: Matias, Maú e Juaba, no interior do Pará e da população das favelas Irati e Trianon, do município de Taboão da Serra, no estado de São Paulo.

Este estudo procurou compreender, sistematizar e analisar processos criativos, levando em conta a experiência profissional e as atividades desenvolvidas pela assistente social nas vilas quilombolas e nas favelas.

Os processos criativos articulados a perspectiva teórico-ontológica desenvolveram-se em duas dimensões: no reconhecimento das expressões culturais dos moradores de quilombos e favelas e nas práticas profissionais interdisciplinares criativas e inovadoras.

O trabalho social ao lidar com as manifestações culturais e experiências criativas pode contribuir para novas formas de intervenção profissional. Esta perspectiva encontra-se ancorada ao projeto profissional do Serviço Social brasileiro de ruptura com o conservadorismo articulado ao projeto societário de emancipação humana.

**Palavras-chave:** cultura, trabalho, favelas, quilombos, processos criativos, mediação, sociabilidade, cotidiano.

## ABSTRACT

The particular object of this study is the mediation of creative processes in professional work from the observation and analysis of the everyday three 'quilombos' communities: Matias, Maú and Juaba inside of Pará and the population of the slums Irati and Trianon, in Taboão da Serra municipality, in the state of São Paulo.

This study sought to understand, systematize and analyze the creative processes, taking into account professional experience and activities undertaken by the social worker in quilombolas villages and slums.

The creative process articulated to ontological - theoretical perspective developed in two dimensions: the recognition of cultural expressions of the residents of slums and quilombos and interdisciplinary professional practice creative and innovative.

Social work when dealing with cultural expressions and creative experiences can contribute to new forms of professional intervention. This perspective is anchored to the professional project of the Brazilian Social Service break with conservatism articulated to the corporate project of human emancipation.

**Keywords:** Culture, work, slum, quilombos, creative process, mediation, sociability, everyday.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APASSP – Associação Profissional dos Assistentes Sociais do Estado de São Paulo

ABRAÇO – Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária

AEIS – Áreas de Especial Interesse Social

ASBC – Aquecedores Solares de Baixo Custo

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

CFESS – Conselho Federal de Serviço Social

CIETEC – Incubadora de Empresas de Base Tecnológica em São Paulo

CONAQ – Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

CONFECON – Conferência Nacional de Comunicação

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

EDUC – Editora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

FNDC – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação

HABI – Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo

HBB – Habitar Brasil BID

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPEN/USP – Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares da Universidade de São Paulo

INTERPA – Instituto de Terras do Pará

INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social

LSN – Lei de Segurança Nacional

MDF – Movimento em Defesa das Favelas

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTST – Movimento de Trabalhadores Sem-Teto

MUF – Movimento Unificado de Favelas

NAEA – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

ONG – Organização não governamental

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PMSP – Prefeitura Municipal de São Paulo

PMTS – Prefeitura Municipal de Taboão da Serra

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SESC – Serviço Social do Comércio

SOSOL – Sociedade do Sol

TUCA – Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

UFPA – Universidade Federal do Pará

ULC – União de Luta dos Cortiços

UMM – União dos Movimentos de Moradia

UNESP – Universidade Estadual Paulista

USP – Universidade São Paulo

ZEIS – Zonas Especiais de Interesse Social

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO, 14

### CAPÍTULO I – TRATO TEÓRICO DAS CATEGORIAS CENTRAIS

1. Trabalho: categoria fundante do ser social, 21
2. Cultura, 30
3. Processos criativos, 39
4. Características da vida cotidiana, 42

### CAPÍTULO II – QUILOMBOS E FAVELAS

1. Terra de quilombos, 48
  - 1.1. O Pará e a titulação de terras, 51
  - 1.2. Cameté, 54
  - 1.3. Quilombos no Pará e manifestações culturais, 55
2. Processos criativos na mediação do trabalho profissional, 66
  - 2.1. Quilombo Matias, 72
  - 2.2. Quilombo Maú, 76
  - 2.3. Vila Juaba, 81
3. Tradição, resistência e violação, 86

### CAPÍTULO III – FAVELAS

1. A questão da habitação, 91
2. Violência e outras formas de repressão, 98
3. Favelas de Taboão da Serra, 102
  - 3.1. Favela Trianon, 102
  - 3.2. Favela Irati, 103
  - 3.3. Jardim Pôr do Sol, 103
  - 3.4. Jardim Primavera, 103
4. Cotidiano e expressões culturais, 108
5. Caracterização da população, 111
6. Trabalho social, 120
  - 6.1. Frente de Comunicação: Rádio Comunitária, 121
    - A. Objetivos, 122
    - B. Formação, 123
    - C. Estratégias para implantação da Radio Comunitária, 124
    - D. Vivência experimental da Rádio Comunitária, 124
    - E. Efetivação da Rádio Comunitária, 126
    - F. Análise crítica, 1126

6.2. Frente de Meio Ambiente: Aquecedores Solares de Baixo Custo (ASBC), 127

A. Objetivos, 130

B. Etapas de implantação, 131

C. Análise crítica, 132

6.3 Frente de Cultura, 133

I. Trabalho com jovens, 133

A. Objetivos, 134

B. Formas de fazer, 134

C. Análise crítica, 137

II. Trabalho com idosos, 139

III. Processos criativos com crianças, 142

A. Reuniões e assembleias, 142

B. Limpeza lúdica do lixo, 143

C. Oficina de dança, 143

D. Cinema, 148

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 145

GLOSSÁRIO, 151

BIBLIOGRAFIA, 154

## INTRODUÇÃO

*Até o momento, nosso sistema de trabalho consiste num desperdício de saúde e esforço, é uma loucura completa. Esforços que não produzem resultados visíveis merecem o ridículo e não o respeito. Atingir o máximo de resultado com um mínimo de esforço – este é o princípio correto. Eu já o coloquei em prática. Trabalhar com calma e despreocupação, sem se irritar, sem devotar muito tempo a um assunto – este é o meu sistema.*  
*Rosa Luxemburgo*

Esta dissertação aborda processos criativos na mediação do trabalho profissional, a partir da análise de duas experiências de trabalho: uma, com populações quilombolas no município de Cametá, interior do Pará e outra, desenvolvida em favelas de Taboão da Serra.

As oportunidades de atuar profissionalmente com práticas criativas, como assistente social e, em Cametá, também como atriz, favoreceram a ampliação do universo profissional na relação do Serviço Social com a Cultura.

As atividades – entendidas como intervenções que valorizam a cultura dos sujeitos envolvidos em cada uma dessas experiências – buscaram a construção de zonas autônomas e temporárias de criação e de liberdade. Essa perspectiva no campo da intervenção profissional buscou a intencional fuga do rotineiro, das respostas imediatas e burocratizadas. As possibilidades de trabalho estão dadas na realidade, mas não são automaticamente transformadas em alternativas profissionais, portanto, cabe aos profissionais objetivá-las em projetos e frentes de trabalho. Nesse sentido, a formação e experiência da profissional<sup>1</sup> na área das artes combinada às do Serviço Social possibilitaram o conhecimento de novos elementos para pensar e atuar no campo cultural e social.

A experiência do trabalho profissional na área da habitação social desenvolveu-se em dois momentos.

O primeiro como funcionária da Prefeitura Municipal de Taboão da Serra (PMTS) e coordenadora do trabalho social e, na sequência, como coordenadora de campo e supervisora de estágio do Projeto de Extensão Universitária Irati-Trianon, ligado à Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Este projeto foi realizado em convênio com a PMTS, no

---

<sup>1</sup> Juliana Abramides dos Santos é formada em Serviço Social e fez o Curso de Preparação para Atores e Atrizes do TUCA, ambos ligados à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

período de junho de 2008 a dezembro de 2013<sup>2</sup>, como parte do trabalho social do Programa de Urbanização, Provisão Habitacional e Regularização Fundiária do Programa Habitar Brasil BID (programa HBB) com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do Programa de Aceleração ao Crescimento (PAC).

Desde o início dos trabalhos, a profissional buscou se informar sobre o estado da arte da política habitacional, das ações públicas na área de intervenção a partir da leitura de quatro trabalhos de conclusão de curso de antigas estagiárias de Serviço Social, da leitura de relatórios do trabalho social e das entrevistas com todas as assistentes sociais que trabalharam no programa HBB em Taboão da Serra. Esse aprofundamento teve o intuito de conhecer a população usuária da política habitacional e de apreender as estratégias e ações sociais implementadas a fim de dar direção à atuação profissional.

O trabalho social estabeleceu como fio condutor o acompanhamento do processo de urbanização nas favelas Irati e Trianon e de pós-ocupação no Jardim Primavera e Pôr do Sol, com abordagem estratégica a partir dos eixos: sociabilidade e emancipação, processos criativos, comunicação e meio ambiente.

Os projetos foram desenvolvidos em três frentes de atuação: Comunicação, Meio Ambiente e Cultura, que resultaram em diversas atividades, além de pesquisa de avaliação quantitativa e qualitativa do Programa Habitar Brasil BID.

O Projeto de Extensão Comunitária Irati-Trianon contou com a participação do corpo docente e discente dos cursos de Serviço Social, Comunicação e Artes do Corpo vinculados à PUC-SP e com profissionais de campo em ações de intervenção multidisciplinar.

Por outro lado, o desenvolvimento dessa experiência profissional com inúmeras atividades permitiu reconhecer os processos criativos dos sujeitos envolvidos nas frentes de atuação. Essas experiências criativas e de sociabilidade – inovadoras na profissão – constituem-se conhecimento e práxis culturais na esfera da reprodução social.

A segunda experiência profissional, denominada Bandurra-Eh!, ocorreu no período de julho de 2010 a março de 2011. A equipe de trabalho, composta por dramaturgo, músico e arquiteto, dançarina, educadora física e assistente social (também atriz e videomaker), atuou em três comunidades quilombolas<sup>3</sup>: Matias, Maú e Juaba, no município de Cametá, estado do Pará.

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que, nesse período, houve quatro interrupções no trabalho pela ausência de pagamento dos profissionais por parte da PMTS.

<sup>3</sup> É importante destacar que, quando se fala em quilombos, há que se atentar para a complexidade que o conceito abarca. Sabe-se que alguns têm origem em redutos de escravos fugidos; outros foram formados em fazendas

O projeto Bandurra-Eh! desenvolveu um conjunto de atividades em cinco grandes áreas de atuação:

1. Estudo da relação da cultura com o trabalho, da musicalidade e da corporeidade das gerações locais remanescentes de quilombos, levando em conta suas histórias e lutas na interface das linguagens do teatro, da música e da dança elaboradas ao longo do tempo<sup>4</sup>.

2. Oficinas culturais de teatro, dança e música para troca de saberes e estímulo ao repertório cultural das comunidades.

3. Filmagens documentais, registros em desenhos, poemas, fotografias sobre as comunidades trabalhadas na recuperação de lembranças dos quilombos antigos, causos e lendas, subsistência e trabalho, saberes medicinais, manifestações culturais e formas de resistência e luta<sup>5</sup>.

4. Montagem de espetáculo cênico “Bandurra – Eh!”

Esta dissertação está estruturada em três capítulos, além de introdução, considerações finais, glossário e bibliografia.

A introdução apresenta o tema e o objeto de estudo em sua relevância para a profissão, quais sejam, os processos criativos como mediação do trabalho profissional e explicita a forma e a exposição do presente projeto.

No primeiro capítulo, busca-se apreender, contextualizar e apresentar em seus fundamentos teóricos, o Trabalho, como a categoria fundante do ser social e a Cultura, nas dimensões dos processos criativos na vida cotidiana.

Nesse aspecto, visualiza-se a concepção de criatividade compreendida, como a capacidade de produzir novas e originais ações, ideias, consciência, invenções quer sejam científicas, estéticas ou produtos artísticos, intervenções sociais e técnicas. A criatividade envolve processo criativo, produto/ação criativa, indivíduo criativo e estímulos para criar.

No segundo capítulo, busca-se entender os processos de exploração, segregação, opressão escravista que marcaram a trajetória dos negros. São apresentadas as conformações social e cultural de quilombos nas particularidades das regiões trabalhadas, com destaque às questões sócio-históricas e políticas relativas a essas temáticas.

---

abandonadas pelos “senhores” escravocratas após a criminalização da escravidão, ou em terras deixadas para negros como herança.

<sup>4</sup> Em razão das inúmeras expressões próprias da cultura quilombola e indígena e de outras singularidades regionais, foi elaborado um glossário, ao invés de informações isoladas ao longo do texto ou em notas de rodapé.

<sup>5</sup> Parte dos registros em vídeo serão apresentados na defesa da dissertação. Para conhecer as condições de vida das favelas Irati e Trianon em Taboão da Serra, ver: <http://www.youtube.com/watch?v=Nv3KO0Z4nGI>  
Os poemas não nomeados são de Juliana Abramides dos Santos, a saber: O suicídio, Percepção dos Dedos, Viver na Roça e Essência. Todas as fotos e desenhos (realizados durante o processo de trabalho como registro) são de Juliana Abramides dos Santos, exceto uma, de Marina Mota.

Pretende-se, nesse capítulo, analisar propostas de trabalho, estímulos e processos criativos desenvolvidos no exercício profissional em duas dimensões: conhecimento do cotidiano a partir do reconhecimento das expressões culturais dos moradores dos quilombos: Matias, Maú e Juaba e das respostas profissionais criativas (alternativas) frente às demandas nas vilas quilombolas.

Tenciona-se indicar e analisar, ainda, os processos criativos empreendidos a partir da recuperação das corporalidades, musicalidades, lendas, saberes da medicina feminina, do registro fotográfico do cotidiano, de registros de desenhos e poemas e de mediações culturais realizadas nas oficinas de teatro, sociodrama e expressão corporal; esses elementos fazem parte da ilustração desta dissertação.

No terceiro capítulo, busca-se entender e avaliar como a situação habitacional das favelas inseridas no processo de segregação socioespacial no território é resultado da sociedade de classes e da produção e reprodução das desigualdades, constitutivas do modo de produção capitalista. Essa perspectiva de análise, associada ao diálogo com o território geopolítico e com a identidade cultural existente entre os habitantes das favelas dão base à intervenção profissional.

Assim, propõe-se realizar a demonstração crítico-metodológica de estímulos e processos criativos na intervenção social em trabalho interdisciplinar, a partir da apresentação e análise das experiências realizadas no campo da habitação social com moradores das favelas Irati e Trianon em Taboão da Serra.

Pretende-se analisar os processos criativos empreendidos, que resultaram em ações inovadoras, como a criação da Rádio Comunitária, do cinema na favela, do espaço coletivo de cultura com a realização de oficinas de dança, de práticas de sociabilidade e memória com idosos, além da implantação dos aquecedores solares de baixo custo.

Nas considerações finais, procura-se apontar o caminho adotado, neste estudo, que está em conformidade com as vivências profissionais e pessoais da profissional ao realizar estímulos e práticas criativas nas mediações profissionais significativas. Essa análise foi feita a partir da recuperação das expressões culturais dos povos quilombolas e dos moradores das favelas e da apresentação e reflexão de procedimentos metodológicos, técnico-operativos e criativos no exercício profissional. Vale destacar a análise da relação entre Trabalho e Cultura, levando em consideração as culturas tradicionais originárias e quilombolas e de trabalhadores que vivem em favelas, destacando as possibilidades criativas desses sujeitos sociais.

Este trabalho está vinculado a uma perspectiva teórica que busca orientar-se pela ontologia social de Marx e alinhado a uma direção ética e política emancipatória. Trata-se de reflexão que propõe contribuir para o fortalecimento do Projeto Ético-Político do Serviço Social.

A análise das experiências profissionais, na área rural e urbana as quais implicam na luta pela terra, habitação e titularidade dos quilombos, têm na cultura uma mediação de (re)criação da vida cotidiana. Esta é fundamental para repensar estratégias e instrumentos do trabalho profissional a partir da realidade sociocultural das comunidades estudadas na direção estratégica do projeto ético-político profissional de ruptura com o conservadorismo e assentado em valores emancipatórios.

Nesses tempos de barbárie e desumanização, de criminalização e judicialização das expressões da questão social, coloca-se como urgente a criação de estratégias de enfrentamento profissional que possibilitem buscar novas formas para a renovação da práxis profissional de maneira a dialogar, potencialmente, com os sujeitos sociais, tendo em vista os desafios apresentados pela realidade social.

De que maneira, é possível lutar a favor das políticas sociais públicas universais, de políticas estruturantes de emprego, da reforma agrária e urbana, da regularização fundiária e da soberania nacional? De que forma combater a propriedade privada dos meios de produção, mas pensando nas sutilezas, nos processos criativos, nas subjetividades articuladas às objetividades como unidade indissolúvel, na memória, na corporalidade e simbologias de cada população trabalhada?

No seio das contradições da sociedade brasileira, os profissionais do Serviço Social encontram limites concretos para o enfrentamento da desigualdade social e das diversas formas de exploração e opressão. Nessa perspectiva profissional, o assistente social, contraditoriamente, situa-se não só no processo de reprodução das relações sociais, no interior da política hegemônica, mas também na execução e criação de políticas públicas e de serviços sociais para subsidiar as condições para reprodução da força de trabalho.

É importante que os profissionais, em seu exercício cotidiano, busquem mediações que possibilitem atender aos pressupostos do projeto profissional para evitar um possível hiato entre os avanços ético-políticos da profissão e a ação cotidiana do profissional. Além disso, é fundamental construir estratégias sociopolíticas e profissionais que respondam às demandas e requisições imediatas, e permitam ao conjunto da categoria sintonizada com a mobilização da sociedade combater os avanços neoliberais, tendo em vista a construção de uma sociedade justa e igualitária, como princípio norteador.

O Serviço Social pode contribuir, como tem contribuído historicamente, com a luta dos trabalhadores em defesa do direito ao trabalho, ao salário, à moradia, à saúde, à cultura, à arte, ao conhecimento, à comunicação, à terra para quem nela mora e trabalha e na luta pela igualdade.

Incentivar processos criativos, identificar valores históricos e de sociabilidade e, sobretudo, contribuir com a superação dos automatismos alienantes no âmbito sociocultural são elementos que se somam ao Projeto Ético-Político do Serviço Social brasileiro.

## CAPÍTULO I – TRATO TEÓRICO DAS CATEGORIAS CENTRAIS

*Mas, quando entre camaradas nos encontramos  
e ousamos sonhar futuros.  
Quando a teoria nos aclara a vista  
e com o povo, ombro a ombro, marchamos.  
Respondemos: vale a pena viver,  
quando se é comunista.  
Mauro Iasi*

Este capítulo expõe as categorias teóricas específicas do ser social pertinentes ao objeto e ao caminho investigativo adotado para a pesquisa. A totalidade das relações sociais pressupõe uma articulação entre economia, política, cultura e ideologia no conjunto da produção e reprodução da vida social que expressam determinações de sociabilidade humana. “(...) o modo de produção da vida material condiciona, em geral, o processo social, político e espiritual da vida” (MARX, 1988, p.137).

O trabalho como categoria fundante do ser social possui uma prioridade ontológica em relação às outras categorias, ou seja, embora ele não tenha uma relação hierárquica não se pode falar de outras categorias sem ter um entendimento da produção social da vida e da relação do ser humano com a natureza e com os outros de sua espécie. Do ponto de vista teórico, torna-se importante demarcar que essa determinação supõe que outras categorias teóricas a ela se vinculem, como cultura, gênero e etnia, ou seja, deve-se compreender que produção é imediatamente reprodução social, nas quais todas essas esferas se articulam.

Para esboçar a concepção de processo criativos como mediação do trabalho profissional, torna-se fundamental compreender o significado da categoria cultura em sua relação com o trabalho na perspectiva das expressões de sociabilidade na vida cotidiana das populações quilombolas e das favelas.

## 1. TRABALHO: CATEGORIA FUNDANTE DO SER SOCIAL

Durante a maior parte da história da civilização, o trabalho foi considerado como atividade depreciável. Para o cristianismo, o trabalho era concebido como castigo divino, o protestantismo, ao contrário, asseverava o trabalho como oferenda a Deus, isto é, defendia a ideia de que as pessoas ao trabalhar realizavam um bem para a humanidade e respondiam à vontade divina. Para os gregos, só o ócio criativo era digno do homem livre e para as demais civilizações, a escravidão representava a forma natural e mais adequada de relação laboral.

Etimologicamente, a palavra trabalho evoluiu de *tripalium*, instrumento feito de três paus, às vezes munidos de pontas de ferro, com o qual os agricultores batiam o trigo e as espigas de milho com a função de rasgar e esfiapar<sup>6</sup>. Certamente, essa breve história da palavra trabalho possa indicar a origem de conceitos e de como eles foram se constituindo e adquirindo determinados significados.

Neste capítulo, pretende-se mostrar como Marx tratou essa categoria, levando em consideração a noção de processo de trabalho. Para ele, essa categoria é fundante da sociabilidade e da existência humana, é autoatividade, ou seja, é condição fundamental para existência humana e atividade universal do ser humano.

Em seu ensaio intitulado “O papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, em 1876, Engels afirmou que não só a riqueza, mas também o homem é produto do trabalho (ANTUNES, 2004).

Além de Marx e Engels, acresce-se a contribuição do filósofo húngaro Lukács, no sentido de destacar a premissa de que o processo de desenvolvimento do homem é resultado do trabalho, pelo fato de ter dado o salto – ontológico – de ser animal para social por meio do trabalho. O trabalho possibilitou ao homem se libertar da natureza e a ele subordiná-la.

O ser humano tem origem na natureza e ele próprio é ser orgânico e natural como gênero *homo sapiens*; seus atributos de diferenciação com os demais seres naturais aparecem

---

<sup>6</sup> A maioria dos dicionários, no entanto, registra a palavra *tripalium* apenas como instrumento de tortura, que tem ligação com o verbo do latim vulgar *tripaliare*, que significa justamente torturar. *Tripalium* (do latim tardio) é um instrumento romano de tortura, uma espécie de tripé formado por três estacas cravadas no chão, no qual eram supliciados os escravos; a expressão reúne os elementos *tri* (três) e *palus* (pau), literalmente, "três paus". Daí derivou-se o verbo *tripaliare* ou *trepaliare*, que significava torturar alguém no *tripalium*, o que fazia do "trabalhador", também, um carrasco. Os romanos tinham uma forma de tortura em que o condenado era posto sobre o *tripalium*, uma espécie de cavalete feito com três estacas dispostas na forma de pirâmide. O objeto teria dado origem ao verbo *tripaliare* (submeter alguém a esse sacrifício), que evoluiu para *travail* na língua francesa e trabalho para o português.

em sua autoconstrução humana na materialidade da existência histórica a partir da relação com a natureza.

Na interatividade humana com a natureza, mediada pelo trabalho, a fim de satisfazer às necessidades, o homem não somente a alterou como também a si mesmo e se distanciou dela. Isso, possibilitou-lhe, também por meio do trabalho, criar a linguagem cuja finalidade foi a de se comunicar com os demais e, concomitantemente, produzir cultura – formas de organização societária e outros atributos, resultados das relações sociais dentro de especificidades, como a política e a religião.

Após satisfeitas suas necessidades é que o ser humano encontra a medida para as coisas e, ao mesmo tempo, é este ser, em especial, que não só satisfaz as próprias necessidades, como também as de toda e qualquer espécie. Ora, o ser humano reproduz a natureza toda e é capaz de aplicar a medida de todo o necessário e, ainda, pode estabelecer a medida do belo.

O trabalho é fundante do ser social sendo este ato ontológico e primário, aquele em que as mediações para satisfação das necessidades são estabelecidas e no qual a essência humana se faz. Para manter a vida humana, há necessidade eterna de relacionamento com o mundo da natureza, no qual se encontra o necessário para a existência.

Há posições contrárias a esse argumento que afirmam que o trabalho não é o elemento constitutivo do ser social, mas que a arte precede ao trabalho, como inerente ao homem. Outro caminho, mas da mesma natureza, argumenta que a centralidade não está no trabalho e sim na comunicação, na linguagem. Tais argumentações têm a ver com escolas filosóficas e sociológicas<sup>7</sup> que buscam negar o papel eminentemente importante do trabalho, como autoatividade, na transformação do homem. Ao escamotear a categoria trabalho, as contradições de classe vividas atualmente em nossa sociedade são igualmente camufladas e escondidas.

O trabalho é atribuição específica do ser humano. Por meio da ação inteligente e a partir da pré-ideação, o homem elabora antes de materializar o produto do trabalho. Essa é a capacidade que o ser humano tem, intelectivamente, de projetar o que vai ser realizado, como a arte, religião, linguagem, trabalho e todas as atividades que o diferenciam dos animais. Marx exemplifica.

---

<sup>7</sup> Apenas para citar, Jürgen Habermas e Claus Offe.

(...) uma aranha executa operações semelhantes à do tecelão e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que a distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha e que ele construiu o favo em sua cabeça antes de construí-lo em cêra (MARX, 1988, p. 142).

O ser humano idealiza, fantasia e cria em sua mente o que será realizado. O trabalho é ação inteligente, é teleológico, tem uma dada finalidade.

O trabalho é o modelo da práxis, e esta enquanto ação humana criativa sobre a matéria é função central na estrutura ontológica da teoria social de Marx. A práxis inclui todas as objetivações humanas e o resultado de toda e qualquer práxis é gerar uma nova realidade, que subsiste independente dos sujeitos que a geraram, a partir da transformação da matéria e da interação entre os seres sociais.

A categoria de práxis permite apreender a riqueza do ser social desenvolvido: verifica-se, na e pela práxis, como, para além das suas objetivações primárias constituídas pelo trabalho, o ser social se projeta e se realiza nas objetivações materiais e ideais da ciência, da filosofia, da arte, construindo um mundo de produtos, obras, e valores – um mundo social, humano, enfim, em que a, espécie humana se converte inteiramente em gênero humano. Na sua amplitude, a categoria de práxis revela o homem como ser criativo e autoprodutivo: ser da práxis, o homem é produto e criação de sua autoatividade, ele é o que (se) fez e (se) faz (NETTO; BRAZ, 2006, p. 44).

O animal não possui a capacidade intelectual, porque o pensar e a ideação são características específicas dos homens; é, nesse processo, que os homens vão se humanizando. Entende-se humanização, como apropriação da produção humana e é do processo de trabalho que o ser humano se nutre, satisfaz suas necessidades e se humaniza cada vez mais. É prática dos homens a apropriação da riqueza social produzida e, nessa ação, eles se desenvolvem.

Faz-se necessário afirmar, que o processo de apropriação dos homens deve ser entendido, tanto na produção material quanto na espiritual, pois eles criam e se apropriam da produção artística, por exemplo, culminando na “alimentação” do espírito, assim como ocorre na apropriação dos produtos materiais.

O trabalho é, portanto, atividade exercida pelos homens cuja finalidade é satisfazer suas necessidades e quando os homens as suprem eles criam outras; é peculiar ao homem criar necessidades. Nesse caso, o trabalho é uma atividade historicamente determinada e está presente em todas as formas de sociabilidade. Por essa razão, essa categoria não pode ser

tomada como uma mera atividade “técnica”, conforme entendiam alguns teóricos da sociologia do trabalho.

O trabalho põe em movimento consciência e sociabilidade cujo fundamento base é a necessidade de sobreviver. A práxis e suas modalidades realizam-se pelo movimento humano teleológico – caráter consciente da atividade humana de formular perguntas e projetar finalidades. Ao projetar possibilidades, os homens recriam necessidades e alternativas no campo das escolhas relativas a outras posições teleológicas.

Para enriquecer a argumentação em relação ao trabalho tomado como elemento fundante da socialização, faz-se necessário abordar o processo de trabalho, no qual estão contidos três elementos de fundamental importância abordados por Marx: a atividade adequada a um fim – o próprio trabalho; a matéria a que se aplica – o objeto de trabalho e os meios – o instrumental de trabalho.

O primeiro elemento é o próprio trabalho, atividade dirigida a um fim, que no capitalismo se objetiva pela venda da força de trabalho. O segundo elemento é a categoria objeto de trabalho, que são as forças produtivas naturais: a terra, a água, a madeira, o peixe, o minério, etc., – elementos indispensáveis para que o homem possa completar a sua relação com a natureza a fim de materializar o seu produto e de satisfazer suas necessidades. A categoria meios de trabalho é o instrumental que possibilita a relação humana com as forças produtivas naturais, isto é, o fio condutor entre a atividade e o objeto. Tal atividade é projetada na mente cujo fim é a criação de valor de uso no ato do trabalho.

Levando em consideração o processo de trabalho, pode-se afirmar que os homens estão sempre trabalhando com a finalidade de produzir valores de uso e, nesse processo, vão produzindo e reproduzindo relações materiais e espirituais, subordinadas ao trabalho. Sendo assim, essa é a categoria que Marx denominava o trabalho em geral. Essa capacidade de abstração permitiu ao autor captar o trabalho como categoria do real, como elemento constitutivo do ser social e, portanto, o trabalho é fundante em qualquer forma de sociedade.

Posto o trabalho como estruturante da existência humana, constata-se que a linguagem, a política, a cultura, a arte são produtos dele. Ao contrário daqueles que buscaram argumentar que a linguagem antecede o trabalho, vê-se que esses atributos são resultado da precisão que o homem teve de se comunicar devido às mudanças ocorridas e às intensificações da produção, pelas quais as relações sociais foram se complexificando cada vez mais. Se a linguagem se consolida a partir da intensificação e do desenvolvimento das relações travadas entre os homens, esse fato tem a ver com o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho.

À medida que o homem foi se apropriando da natureza e desenvolvendo sua produção, os laços comunitários foram aumentando e foi necessário ampliar e sofisticar a linguagem; assim sendo, ela deve ser tomada como resultado das forças produtivas do trabalho. O trabalho, assim, é o cerne do mundo e autoprodução humana.

No ato do trabalho, consome-se energia e trabalhar é dispêndio fisiológico de energia e consumação do tempo de trabalho. Na física, a força (energia) que coloca algo em movimento é força positiva, enquanto que aquela que não movimenta é negativa. Em relação à filosofia e à sociologia, a positividade refere-se ao trabalho em geral, como categoria humana, natural e eterna que realiza a produção de coisas úteis ou serve para a elevação espiritual. Já o trabalho negativo é apontado, primeiramente, por Marx como sendo aquele que surge desde o excedente econômico, na divisão social do trabalho, com a formação de classes sociais antagônicas na sociedade – sociedade escravocrata, feudal e capitalista, qual seja, o trabalho alienado.

Os economistas clássicos foram os que mais deram ênfase à positividade do trabalho. Smith (2009), em seu livro “A Riqueza das Nações”, abre o texto tratando da divisão do trabalho. Esse economista via no trabalho e, sobretudo, na divisão parcelada da produção, o meio de sua intensificação. Para ele, havia intensa ligação entre trabalhadores e divisão do trabalho, pela qual era possível extrair e potencializar a agilidade e destreza do trabalhador. Em suma, os homens tinham em si a natureza impulsiva para o trabalho.

Na perspectiva filosófica, Hegel (2007), em sua obra “Fenomenologia do Espírito”, demonstra a positividade do trabalho ao tratar da dialética senhor e escravo. O autor aponta que o senhor submete o escravo ao seu domínio e, ao mesmo tempo, o escravo ao ser submetido, apenas trabalha. Hegel afirmava que o trabalho é uma atividade universal dos homens e a síntese dessa ação pode ser encontrada no dinheiro e, nesse, estavam contidas as “portas para a felicidade”.

Marx também positivou o trabalho, conforme já foi apontado, uma vez que ele captou o trabalho como elemento constitutivo do ser social, porém, diferentemente dos economistas e de Hegel. Seu mérito foi criticar o trabalho no interior das sociedades de classe, detendo-se na sociedade capitalista com a sua formulação científica de leis econômicas.

Segundo Marx, a concepção adotada pelos economistas clássicos quanto à positividade do trabalho, no seio do modo de produção capitalista, fez com que eles não captassem o outro lado do trabalho, isto é, não fora apreendida a natureza do trabalho abstrato enquanto resultado da divisão social do trabalho no interior da sociabilidade do capital. Nesse caso, ao

não captar o concreto, a totalidade, eles não verificaram a degradação do trabalho no modo de produção capitalista.

Nessa direção, assevera Marx que, o trabalho subsumido sob a égide do capital, torna-se redundante. A atividade do trabalhador na sociedade capitalista reduz-se à mecanização, culminando na putrefação e degradação do trabalho, limitando as potencialidades humanas.

Coube a Marx, a partir da ciência, demonstrar que o trabalho é negativo no interior do modo capitalista e sob o controle do capital. O trabalhador ao produzir um determinado produto é subsumido ao valor de troca e não ao valor de uso, transformando sua força de trabalho em mercadoria. O trabalhador se aliena e não se realiza no trabalho, ao contrário, o trabalho lhe é hostil.

Nos Manuscritos de 1844, Marx (1992) afirma que o trabalhador produz apenas para o valor de troca e, em virtude, da divisão social do trabalho, a produção passa a ser estranha ao produtor. Dito de outra forma, na sociedade capitalista, o trabalhador produz e não se reconhece no ato da produção. Essa forma de alienação no capital expressa-se em quatro momentos.

Primeiro, há uma não identificação do trabalhador com o produto do trabalho. No segundo momento, o trabalhador ao se estranhar com o ato da produção, também, se estranha com o produto do trabalho. Em razão da separação das suas potencialidades, o trabalhador não se reconhece no processo e ao produzir, seja qual for a natureza da mercadoria, não se reconhece nela e delibera poder estranho a ela. Em terceiro lugar, o humano não se reconhece como indivíduo, e mais, ao não se reconhecer no produto do trabalho e produzir apenas parte do produto que será jogado na esfera do trabalho, o produto se volta contra o próprio criador. Em quarta instância, há a alienação do humano pelo humano e um não reconhecimento do humano como ser genérico; materializa-se, portanto, o processo de alienação no trabalho, posto que sua força de trabalho se transforma em mercadoria.

Marx (1988) argumenta que o processo de trabalho está diretamente vinculado ao processo de valorização. Cria-se a mercadoria em que a força de trabalho humana se constitui na primeira mercadoria. A valorização do trabalho ao subordinar o valor de uso ao valor de troca extrai a mais-valia (trabalho não pago). A exploração da força de trabalho constitui elemento chave para o processo de acumulação capitalista.

A alienação no trabalho em relação a sua criação é uma determinação histórica, logo, só pode existir no momento em que o trabalhador passa a ser expropriado pelo capital. Isso quer dizer que o estranhamento no trabalho é expressão da alienação na divisão social do

trabalho do modo de produção capitalista e na sociedade de classe. O estranhamento é um elemento constitutivo da subjetividade dos indivíduos no processo de alienação.

Seguindo os passos de Marx nos Manuscritos, quanto mais rico o produto do trabalho, mais pobre é o trabalhador, quanto mais civilizado o produto do trabalho, mais bárbaro torna-se o trabalho e quanto mais rico de espírito o produto do trabalho, mais pobre de espírito é o trabalhador.

Para Marx, o processo de exteriorização nada mais é do que a objetivação da criação humana ao planejar algo. Tudo aquilo que é produto do trabalho pertence à humanidade. Nessa direção, a exteriorização é uma categoria que possibilita apreender que os humanos, tenham ou não consciência, são seres sociais e que só eles podem viver em sociedade.

A categoria alienação [*entfremdung*] é uma categoria fundante de toda elaboração de Marx, existente em todas as formas de sociabilidade que se constituem a partir da consolidação da divisão social do trabalho, do Estado, concomitantemente, à política, às classes sociais e à propriedade privada. Nessa direção, a alienação é produto da sociedade de classes.

O trabalho, enquanto atividade vital e consciente, torna-se alienado, precisamente, porque o ser faz de uma atividade vital da vida consciente e genérica apenas um meio de sua existência. O ser humano torna-se servo do seu trabalho para viver o meio de subsistência.

A essência da divisão social do trabalho no modo de produção capitalista cinde os indivíduos em classes sociais. A divisão social do trabalho é a forma alienada das relações humanas e é esta forma de divisão que abole a interação entre os humanos. A divisão social do trabalho separa as capacidades humanas que passam a ser desenvolvidas de maneira unilateral, isto é, suas forças multilaterais de projeção, conhecimento e produção são fragmentadas.

Para os humanos, na sociedade burguesa, o produto do trabalho aparece como um objeto estranho que tem poder sobre ele e, simultaneamente, o mundo exterior sensível o enfrenta hostilmente. O trabalho produz mercadorias e produz a si mesmo como mercadoria. Assim, a natureza do trabalho, enquanto práxis positiva de autocriação, é negada. A alienação torna-se a inversão da natureza criativa, livre e consciente do trabalho.

Vale ressaltar que, na forma mais plena da divisão social do trabalho, isto é, do capital, a alienação adquire formas específicas a partir da instituição da sociedade salarial, quando as capacidades humanas estão sumariadas na forma do dinheiro e sua existência é medida pela venda da força de trabalho.

O capital, para manter sua hegemonia sobre o trabalho, precisa do Estado, força externa ao homem e instrumento para amenizar os conflitos e garantir afluência e igualdade entre os detentores dos meios de produção e, também, para continuar a usurpar as capacidades humanas a fim de garantir a concorrência e a concentração de riqueza. Logo, o Estado é uma necessidade do capital e a ele está subordinado, daí as leis, a violência para perpetuar a ordem vigente e a concorrência que garantem a sobrevivência do capital.

A partir da propriedade privada dos meios de produção e da divisão social do trabalho, as relações entre os indivíduos se aplicam na forma de alienação onde os homens são limitados devido à existência de classes. O capitalismo, em sua essência, estabelece a exploração do humano pelo humano, relação social que se expressa na apropriação privada da produção social e coletiva. A contradição fundante da sociedade é o domínio do capital sobre a classe trabalhadora.

Só é possível a autorrealização dos homens, sem alienação, com a eliminação da propriedade privada dos meios de produção, o fim do trabalho alienado, fetichizado, abstrato e explorado, a dissolução das classes sociais e do Estado e a supressão positiva da ordem do capital – a sociedade emancipada.

Só quando o trabalho for efetivo e completamente dominado pela humanidade e, portanto, só quando ele tiver superado qualquer caráter coercitivo em sua própria autoprodução, só então terá sido aberto o caminho social da atividade humana como fim autônomo (LUKÁCS, 1978, p. 16).

Nessa direção, o salto qualitativo da humanidade mostra a possibilidade histórica de compor uma outra forma superior ao capital de sociabilidade, na qual os humanos se identifiquem uns nos outros enquanto indivíduos sociais.

Foi visto que, os homens atuando socialmente produzem a sua própria história, tenham ou não consciência desta tarefa. Demonstrou-se que a produção da vida material e espiritual é fruto do desenvolvimento das relações estabelecidas entre os homens a partir do momento em que os seres humanos passaram a dominar a natureza mediada pelo trabalho. Os homens, na busca de suprir suas necessidades, extraem matéria-prima da natureza e a transformam para objetivar seu produto, ideado previamente, a fim de sanar suas carências e, tal empreendimento tem como fulcro beneficiar o gênero humano.

O capital ainda em germe, não desenvolvido, cindiu os homens de suas potencialidades. De toda forma, conforme já foi apontado, todo esse processo de desenvolvimento é fruto da produção humana e reflete o salto qualitativo em relação à

natureza. Isso significa que as diversas formas de propriedades registradas na história dos homens, tais como, a primitiva, antiguidade, medieval e moderna (sociedade capitalista) devem ser entendidas como afastamento das barreiras naturais dos homens, ainda que eles mantenham relação com a natureza.

Por essa razão, Marx afirmou que o seu pressuposto foi centrar nos homens produzindo e atuando por meio do intercâmbio e da atividade prática sensível, e é essa interação que permitiu a apreensão de que os homens fazem a sua história.

Com a divisão social do trabalho, a generalidade humana desaparece pela cisão da sociedade e dos indivíduos, a partir da produção material, culminando na existência das classes e no esfacelamento do trabalho. A sociabilidade sob a égide da divisão social do trabalho, além de especializar a produção, tornou o homem limitado e restrito. A separação do homem de suas potencialidades tornou-o multifacetado e consolidou o hiato entre humanos.

Os humanos, na sociedade comunal primitiva, exerciam o trabalho concreto sem estar subordinado ao trabalho abstrato e havia o domínio da finalidade do produto do trabalho subordinado ao valor de uso e, assim, produziam para satisfazer as necessidades humanas. Em suma, eram autoproductores, produziam sua vida e a do gênero humano, embora, em uma sociedade de escassez pelo pouco desenvolvimento de forças produtivas.

Fazer referência à categoria da individualidade não quer dizer que os homens atuem de forma isolada, ao contrário, são as ações cooperadas entre os indivíduos sociais que possibilitam sua autoprodução, ou seja, as forças produtivas do trabalho tornam possível a materialização do trabalho. O produto do trabalho é resultado da cooperação (força produtiva) e da capacidade dos homens de produzirem a sua vida material e espiritual. É o conjunto das forças humanas e seu entrelaçamento que formam as relações sociais na auto-organização dos indivíduos livremente associados – projeto de emancipação humana.

Por essa razão, Marx afirma que a revolução deve tirar poesia do futuro para que, de fato, se possa colocar em voga a perspectiva do trabalho, isto é, se valer da perspectiva marxiana cuja finalidade é partir do real, do concreto para nele intervir. Superar a ordem vigente é suprimir a divisão social do trabalho, logo, a propriedade privada e o Estado. Somente quando os homens se perceberem como seres autoproductores será o momento no qual a possibilidade da supressão da propriedade privada estará próxima. A sociabilidade a partir do trabalho socialmente necessário pressupõe a extinção da propriedade privada dos meios de produção, da divisão social do trabalho, do trabalho alienado, das classes sociais e do Estado.

O comunismo não retira a ninguém o poder de apropriar-se de sua parte dos produtos sociais, apenas suprime o poder de escravizar o trabalho de outrem por meio dessa apropriação. Alega-se ainda que, com a abolição da propriedade privada, toda a atividade cessaria, uma inércia geral apoderar-se-ia do mundo. Se isso fosse verdade, há muito que a sociedade burguesa teria sucumbido à ociosidade, pois que os que no regime burguês trabalham não lucram e os que lucram não trabalham. Toda a objeção se reduz a essa tautologia: não haverá mais trabalho assalariado quando não mais existir capital (MARX, 2007, p. 54).

Repor a centralidade do trabalho é tomar para si as potencialidades que estão dissociadas em razão da subordinação ao capital, ou seja, postar o trabalho no centro é combater os mecanismos de controle do capital. Corroborar o mundo da humanidade por meio do trabalho é fincar a possibilidade de transcender essa forma de sociabilidade alienada na qual os humanos não mais sejam reduzidos a animais. Afirmar a humanidade é repor as relações diretas entre os seres sociais sem que elas sejam reduzidas e mediadas pelas coisas, isto é, colocar o trabalho como central é colocar em perspectiva a dissolução dessa sociedade pautada nas relações coisificadas.

## 2. CULTURA

*Um pouco de aventura liberta a alma cativa do algoz cotidiano*  
Clarice Lispector

A cultura [kultur] está vinculada ao modo específico de produção da vida material de uma dada sociedade e época, portanto, Trabalho e Cultura estão nas raízes do processo de constituição e desenvolvimento humano. É pelo trabalho que o ser se autoproduz e satisfaz as necessidades de sobrevivência enquanto conservação da existência: alimentos, proteção, roupas, habitação, comida e bebida. Após satisfeitas as necessidades básicas, outras aparecem e a realização dessas novas necessidades constitui o primeiro ato histórico.

Na relação entre ser humano e natureza, à medida que se apropria e domina a natureza pelo trabalho, o homem se afasta dela ao estabelecer os recuos das barreiras naturais.

A criação do mundo humano difere totalmente da natureza, na medida em que são criadas sociabilidades e objetivações políticas, culturais e ideológicas.

Segundo Trotsky, cultura é tudo aquilo que foi criado, construído e conquistado pela humanidade, ao longo da história, em contraposição ao que lhe foi dado pela natureza, e que serve para aumentar conhecimento e capacidade para enfrentar e subjugar a natureza.

Consideramos pois, como fundamento, que a cultura se desenvolveu graças à luta do homem contra a natureza, pela sua existência, pela melhoria de suas condições de vida. Mas partindo desse mesmo princípio também se desenvolvem as classes. No processo de adaptação à natureza, em conflito com as forças hostis, a sociedade humana vem-se delineando como uma complexa organização de classes. A estrutura classista da sociedade determinou, na medida decisiva, o conteúdo e a forma da história humana, isto é, as relações materiais e seus reflexos ideológicos. Isto significa que a cultura histórica assumiu um caráter de classe [...] Aqui existe efetivamente uma profunda contradição. Tudo aquilo que foi conquistado, criado, construído pelo esforço do homem e que serve para aumentar seu poder, é cultura. Mas como não se trata do homem considerado individualmente, mas o homem considerado socialmente, como a cultura é um fenômeno sócio-histórico pela sua natureza, e como a sociedade histórica tem sido e continua a ser uma sociedade de classes, a cultura acabou se tornando o instrumento fundamental da opressão de classe (TROTSKY, 1981, p. 52).

Conforme Trotsky, a consciência da natureza é, primeiramente, consciência animal e a consciência da necessidade de relações com outros seres humanos é a consciência da vida social. A linguagem tão antiga como a consciência nasce da necessidade de intercâmbio com outros humanos, ou seja, a consciência plena é objetiva e subjetiva.

Do ponto de vista histórico-antropológico, a civilização aparece com o surgimento da cultura, no momento em que agrupamentos humanos criam e transmitem formas de conhecimento, de valores e de representações.

Por outro lado, em Lukács, a cultura aparece de maneira oposta à civilização [Zivilisation], compreendendo o conjunto das objetivações dotadas de valor e supérfluos ao sustento imediato. “Por exemplo, a beleza interna de uma casa pertence ao conceito de cultura; não sua solidez, nem sua calefação, etc.” (LUKÁCS, 1978)<sup>8</sup>.

A cultura é tanto produto do gênero humano como é formadora, e pensar a formação social brasileira significa compreender os reflexos das expressões da cultura na vida cotidiana.

Em Marcuse (1982), há um conceito de cultura geral que expressa a implicação do espírito no processo da totalidade da vida social em determinado momento histórico, tendo em vista que, a reprodução de ideias (âmbito cultural e espiritual) e a reprodução material (a

---

<sup>8</sup> Texto publicado originalmente na revista *Kommunismus* nº 43, em 1920.

civilização) devem ser entendidas como unidade indissolúvel. A cultura é articulada às demais esferas da vida social, sendo decifrada nas tendências sociais gerais dos fenômenos.

Marcuse em “Cultura y Sociedad” (1967) apresenta ainda o conceito de cultura afirmativa como aquela pertencente à época burguesa em que, ao longo de seu desenvolvimento, conduziu a separação do mundo espiritual, imputando-o como um reino independente, e por cima dos valores e da civilização. A sociabilidade burguesa afirma um mundo valioso, obrigatório para todos e eternamente superior, um mundo distinto do mundo concreto da luta cotidiana pela existência, mas que todo indivíduo pode realizar por si mesmo, sem modificar a situação real de sobrevivência.

Al internalizar lo gratuito y lo bello y al transformarlos, mediante la cualidad de la obligatoriedad general y de la belleza sublime, en valores culturales de la burguesía, se crea en el campo de la cultura un reino de unidad y de libertad aparentes en el que han de quedar dominadas y apaciguadas las relaciones antagónicas de la existencia. La cultura afirma y oculta las nuevas condiciones sociales de vida (MARCUSE, 1967, p. 6).

Segundo o autor, a burguesia, em sua pretensão de universalidade, precisa adotar estratégias para não mais excluir deliberadamente as classes trabalhadoras do acesso aos bens culturais – essa é uma decisão ideológica. A tese da universalidade na cultura não se vincula à melhoria efetiva das condições materiais de vida.

Así como en la *praxis* material se separa el producto del productor y se lo independiza bajo la forma general del “bien”, así también en la *praxis* cultural se consolida la obra, su contenido, en un “valor” de validez universal. La verdad de un juicio filosófico, la bondad de una acción moral, la belleza de una obra de arte deben, por su propia esencia, afectar, obligar y agradar a todos. Sin distinción de sexo y de nacimiento, sin que interese su posición en el proceso de producción, todos los individuos tienen que someterse a los valores culturales. Tienen que incorporarlos a su vida, y dejar que ellos penetren e iluminen su existencia. “La civilización” recibe su alma de la “cultura” (MARCUSE, 1967, p. 5).

Segundo Marx e Engels, se as ideias dominantes de uma época são as ideias da classe dominante, a classe trabalhadora hegemonicamente reproduz a moral e aspira o modo de vida burguês, mesmo não podendo alcançá-lo em sua potencialidade.

A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também a classe dominante. Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes; eles são essas relações materiais dominantes consideradas sob forma de ideias, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre de outras coisas, também uma consciência e, conseqüentemente, pensam; na medida em que dominam enquanto classe e determinam uma época histórica em toda a sua extensão, é evidente que esses indivíduos dominam em todos os sentidos e que têm uma posição dominante, entre outras coisas, também como seres pensantes, como produtores de ideias que regulam a produção e a distribuição dos pensamentos da sua época; suas ideias são portanto as ideias dominantes de sua época (MARX; ENGELS, 2010, p. 47).

Como parte da acumulação capitalista, a produção é imediatamente reprodução, circulação e consumo. No seio do processo de circulação de mercadorias, a reprodução de ideias, práticas e valores tornam-se parte do incentivo à aquisição das mercadorias, ao mesmo tempo, em que há o estímulo ao consumo reproduzem-se ideais e valores burgueses.

As imagens publicitárias com incentivo a práticas e valores, como consumismo, individualismo, imediatismo e exibicionismo exacerbados encontram-se no metrô, ônibus, banheiros, mensagens de celular, *spans* em *e.mail*, nas salas de cinema e no teatro. O uso de *instagrans*<sup>9</sup> é um exemplo simples da superexposição de imagens e da própria imagem em mil posições.

Contraditoriamente, os traços híbridos da reprodução contemporânea estão presentes também na cultura dos povos originários, quilombolas e na classe trabalhadora, os quais estão subordinados à exploração, à dominação e à ideologia do capital, tornando-os seres atomizados, fechados, tímidos, voltados para dentro. Esse é o processo de concreção das relações alienadas e estranhadas. Os homens são colocados enquanto incapazes de se realizar em virtude da subsunção à ordem vigente, restando apenas aos indivíduos estabelecer sociabilização entre concorrentes e mediatizados pela coisa, na qual sua realização só pode vir a se objetivar perante o dinheiro; esse nada mais é do que o intermediário e a mediação entre os seres humanos.

---

<sup>9</sup> *Instagram* é uma rede social de fotos para usuários de Android e iPhone. Basicamente, trata-se de um aplicativo gratuito que pode ser baixado e, a partir dele, é possível tirar fotos com o celular, aplicar efeito nas imagens e compartilhar com seus amigos. <http://canaltech.com.br/o-que-e-instagram/O-que-e-Instagram/>

Ao mesmo tempo em que povos quilombolas e pessoas que vivem em periferias e favelas podem reproduzir formas politicamente reacionárias presentes na sociedade, eles apontam determinadas sabedorias, tradições e conquistas que não podem se perder. Heller diz que “um valor conquistado pode cair no nível do meramente possível” (HELLER, 2008, p. 24).

Diversas comunidades relegadas ao esquecimento social e setores da classe trabalhadora apresentam sabedorias quanto ao cultivo de plantas e alimentos, no cuidado com a saúde, nas expressões e belezas culturais e trazem elementos de sociabilidade e conhecimento que se expressam em traços de conteúdo axiológico positivo.

São de valor positivo as relações, os produtos, as ações, as idéias sociais que fornecem aos homens maiores possibilidades de objetivação, que integram sua socialidade, que configuram mais universalmente sua consciência e que aumentam sua liberdade social. Consideramos tudo aquilo que impede ou obstaculiza esses processos como negativo, ainda que a maior parte da sociedade empreste-lhe valor positivo (HELLER, 1977, p. 106)<sup>10</sup>.

São valores positivos ainda não mercantilizados com traços de domínio ao capital que se conformam em conquistas humano-genéricas. A cooperação constitui em traço particular humano e, outrora, esse valor era necessário para organizar expedições de caça que permitiram a sobrevivência da espécie.

Ressalta-se que o desenvolvimento de conquistas do gênero humano podem se realizar na direção da emancipação, a solidariedade por exemplo, ou de sua negação, a dominação. Nos limites da sociabilidade burguesa, os indivíduos não se conseguem desenvolver plenamente suas capacidades, no entanto, determinados comportamentos, hábitos, valores e sociabilidade indicam possibilidades de superação da sociedade capitalista.

Culturas em vias de desaparecimento tornam-se praticamente incapazes de se reproduzir no bojo da sociabilidade capitalista, daí a importância do trabalho social ressaltar as potencialidades criativas e divulgar as expressões culturais das comunidades quilombolas e originárias.

Para Trotsky (1923), é necessário desenvolver a cultura da vida, do modo de vida e do trabalho, contribuindo para nova sociabilidade em largo processo de autoeducação da classe trabalhadora (incluído o campesinato) e atentar para a necessidade de transformação cultural na busca de emancipação humana. Trotsky dá um sentido à cultura e ao trabalho cultural, vinculando-os às expressões da vida e do modo de vida.

---

<sup>10</sup> Tradução livre feita por mim.

Gramsci (1981) argumenta que o proletariado deve conquistar o poder intelectual organizando e conquistando nova concepção de mundo, sendo elemento constitutivo da ideologia, da consciência e da prática revolucionária.

Nessa perspectiva, a preparação cultural, base de terreno para a cultura da classe trabalhadora é fundamental para uma composição revolucionária, articulada ao trabalho, à educação, à saúde e a todas as expressões do modo de vida.

Trotsky (2007a) e Gramsci (1981) pensaram sobre o militantismo cultural e a necessidade de espriar a cultura socialista, de organizar culturalmente e dar poder ao proletariado, após a tomada de poder pelos Sovietes (Conselhos Operários) na Revolução Russa. Assim, aquilo que surte efeito na história é realizado e determinado historicamente.

Ao resgatar não só o legado proletário, mas toda a referência cultural e artística do legado da humanidade, há que se pensar no desenvolvimento da própria cultura e de que maneira ela se articula com a universalidade. É fundamental que o ser humano-genérico conheça os bens culturais produzidos pela humanidade e deles se aproprie.

(...) Uma nova classe não recomeça a criar toda a cultura desde o início, mas se apossa do passado, escolhe-o, retoca-o, o recompõe e continua a construir daí. Sem o uso do guarda-roupa de “segunda mão” do passado não haveria progresso no processo histórico (...) Devemos em primeiro lugar nos apossar oficialmente dos elementos mais importantes da velha cultura, a fim de podermos ao menos abrir caminho à construção de uma cultura nova (TROTSKY, 2007a, p. 143 e 154).

A determinação essencial do indivíduo está em seu caráter humano-genérico e se confirma no processo de elaboração do mundo objetivo, no qual “se relaciona consigo mesmo como um ser universal, e por isso livre” (MARX, 1992, p. 85).

O ser humano é ser existente conscientemente para si mesmo e além de ser objetivo é um ser genérico. Para Marx, a objetividade genérica [*Gattung*] expressa a universalidade humana que se objetiva na realidade, a objetividade está em que cada objeto do seu trabalho que é, portanto, “a objetivação da vida genérica humana”.

Precisamente por isso, na elaboração do mundo objetivo [é que] o homem se confirma, em primeiro lugar e efetivamente, como *ser genérico*. Esta produção é a sua vida genérica ativa (MARX, 1992, p. 150).

Os humanos não são apenas seres genéricos nem meramente seres singulares, mas há uma totalidade que envolve a singularidade – a tendência cotidiana da individualidade, dos desejos e das necessidades, a universalidade – sociabilidade e objetividade e a particularidade – mediação entre a singularidade e a universalidade. Essas categorias relacionam-se entre si objetivamente, convertendo-se uma em outra.

La particularidad no es meramente una generalidad relativa, ni tampoco sólo un camino que lleva de la singularidad a la generalidad (y viciversa), sino la mediación necesaria – producida por la esencia de la realidad objetiva e impuesta por ella al pensamiento – entre la singularidad y la generalidad (LUKÁCS, 1967, p. 202).

A elevação ao humano-genérico realiza-se na mediação da consciência, no movimento da singularidade em direção a universalidade e significa a sociabilidade humanizada no processo de vir-a ser para si e para o outro.

(...) o ente singular humano sempre atua segundo seus instintos e necessidades, socialmente formadas mas referidas ao seu Eu, e, a partir dessa perspectiva, percebe, interroga e dá respostas à realidade; mas, ao mesmo tempo, atua como membro do gênero humano e seus sentimentos e necessidades possuem caráter humano-genérico (HELLER, 2008, p.108).

Nada pode ser entendido isoladamente fora da realidade, uma vez que a produção social, a base material da vida é (i)mediatamente reprodução social. Assim, a categoria da mediação é uma alavanca para superar o mero imediatismo do mundo empírico. O imediatismo é a consequência de múltiplas mediações, sendo o mediato contido no imediato e o imediato no mediato. Imediaticidade e mediação são formas complementares de lidar com a objetividade da realidade relacionados entre si dialeticamente.

A concepção de humano-genérico e de mundo é apreendida a partir do real, entendido nas suas múltiplas determinações.

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações e, por isso, é a unidade do diverso. Aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, e não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida, e, portanto, também, o ponto de partida da intuição e da representação (MARX, 1974, p. 200).

A vida social é uma totalidade em que seus elementos são expressão de uma única ordem, o modo de produção capitalista. Está contida em Marx a ideia de que a arte é uma atividade sensível, assim como a filosofia e a religião; sendo sensível, é parte integrante do processo de formação humana.

Não é preciso demonstrar que a separação da arte dos outros aspectos da vida social resulta da estrutura de classes da sociedade. Sua auto-suficiência, como se ela se bastasse a si mesma, constitui o reverso da medalha: a transformação da arte em propriedade das classes privilegiadas. A evolução da arte, no fundo, seguirá o caminho de uma crescente fusão com a vida, isto é, com a produção, as festividades populares e a vida coletiva (TROTSKY, 2007a, p. 5).

A capacidade de se tornar um indivíduo autêntico, encontra-se em todos os entes humanos, mas de que maneira é possível avançar no desenvolvimento existencial dessa capacidade?

É evidente que, ao estudarmos o desenvolvimento histórico da individualidade, não devemos jamais partir do termo médio dos indivíduos de uma época. Temos de analisar a possibilidade máxima produzida pela época em questão para o desenvolvimento da individualidade. Essa possibilidade máxima pode ser descoberta nos chamados indivíduos representativos, que são sempre excepcionais no sentido de que realizam até o fim a possibilidade dada (TROTSKY, 2007b, p. 100).

Para Heller, o maior desenvolvimento da individualidade dá-se no Renascimento, momento de enriquecimento da individualidade e surgimento da subjetividade e interioridade, aspectos notáveis de desenvolvimento da grande lírica e da música.

Distante do idealismo, entende-se que as determinações objetivas, por vezes, dificultam a efetivação de uma vida lúdica e sensibilizadora; ainda assim, na cotidianidade, é possível enxergar além da parede, sempre. Ao retomar Lukács, em suas aulas brilhantes, Netto já refletia que é preciso muita criatividade para ser cientista e explicita a categoria da suspensão.

As suspensões que engendram estas objetivações, contudo, não cortam com a cotidianidade (insuprimível e ineliminável) – são, justamente, “suspensões da cotidianidade”. Elas – que permitem aos indivíduos, via homogeneização, assumirem-se como seres humano-genéricos – não podem ser contínuas: estabelecem um circuito de retorno à cotidianidade; ao efetuar este retorno, o indivíduo enquanto tal comporta-se cotidianamente com mais eficácia e, ao mesmo tempo, percebe a cotidianidade diferencialmente: pode percebê-la como espaço compulsório de humanização (de enriquecimento e ampliação do ser social). Está contida aqui, nitidamente, uma dialética de tensões: o retorno à cotidianidade após uma suspensão (seja criativa, seja fruidora) supõe a alternativa de um indivíduo mais refinado, educado (justamente porque se alçou à consciência humano-genérica) (...) CARVALHO; NETTO, 1996, p. 70).

Segundo Winnicott (1975b), a criatividade revela o que está encoberto, possibilitando ao sujeito formas estéticas de transfiguração, aberturas e revelações, tornando-se a expressão do verdadeiro *self* que, em contato com a realidade externa, tem sua existência fortalecida e não aniquilada. A possibilidade de criar deve se objetivar a partir daquilo que existe em fantasia e a brincadeira é a prova evidente da capacidade criadora que quer dizer vivência. O autor relaciona a criatividade diretamente ao gesto espontâneo e ao brincar. Para ele viver de forma criativa é expressar-se de modo legítimo.

No que concerne à práxis artística, Adélia Prado aponta a importância do processo criativo de alta lapidação e elaboração e de que maneira se dá a criação na qual o inconsciente se manifesta e reverbera em vários níveis de nossa experiência individual. Ou seja, a arte é potencialmente uma experiência criativa e mediação que amplia o horizonte subjetivo de quem é tocado e isso possibilita o crescimento.

Podemos perguntar, por que este fenômeno humaniza? Por que arte nos humaniza? Porque mostra não a aparência que já está na natureza, a coisa já está aí pra nós mas nos induz por causa da emoção que ela nos causa, ela nos induz à intimidade à alma das coisas, à nossa própria intimidade. Ela nos comove porque mexe não em nossos pensamentos mas em nossos afetos, naquilo que nós sentimos. E toda obra nos oferece um espelho, ela faz com que eu me reconheça nela, naquilo que eu estou vendo. Você diante de um livro, diante de um poema, de uma pintura. Mas meu Deus como este autor pôde tocar nisto. Eu achava que só eu sentia isso, só eu sabia disso, aí que está o equívoco e aí que mora a universalidade da obra verdadeira (PRADO, 2008, vídeo).

Lukács (1971), em sua obra “Estética”, argumenta que, na influência direta e indireta exercida pela arte sobre o sujeito, sua transformação, enriquecimento e aprofundamento são elementos comuns nessa relação de fruição.

O reflexo estético cria, por um lado, reproduções da realidade nas quais o ser em si da objetividade é transformado em um ser para nós do mundo representado na individualidade da obra de arte; por outro lado, na eficácia exercida por tais obras, desperta e se eleva a autoconsciência humana: quando o sujeito receptivo experimenta – da maneira acima referida – uma tal realidade em si, nasce nele um para-si do sujeito, uma autoconsciência, a qual não está separada de uma maneira hostil do mundo exterior, mas antes significa uma relação mais rica e mais profunda de um mundo externo concebido com riqueza e profundidade, do homem enquanto membro da sociedade, da classe, da nação, enquanto microcosmos autoconsciente no macrocosmos do desenvolvimento da humanidade (LUKÁCS, 1970, p, 296).

Na teoria do reflexo, Lukács (1970, p. 289) argumenta que a obra de arte terá por tarefa específica representar o humano, o seu destino, suas manifestações. A trama de Édipo, por exemplo, provoca emoções nos espectadores ou leitores, independentemente de eles conhecerem os pressupostos históricos dessa obra. Para ele, está presente a relação humano-humanidade na arte, ou seja, a representação simbólica é sempre o reflexo condensado do mundo humano.

Vale salientar que a questão dimensão da arte é sinalizada nesta dissertação para mostrar que criação e processos criativos são mais amplos do que a arte. A discussão a respeito da arte impõe o debate sobre forma e conteúdo, juízo de valor e noção de belo, que não serão aqui trabalhados.

### 3. PROCESSOS CRIATIVOS

*Definir é matar, sugerir é criar*  
Stéphane Mallarmé

Parte-se do pressuposto de que ser humano é ser criativo em potencial e tem como necessidade realizar esse potencial se as circunstâncias da vida social e individual permitirem.

Como experiência vital, criar intensifica o viver. Os processos de criação ocorrem no cotidiano, no trabalho, na ciência, na arte e, em geral, quando sua atividade lhe é significativa sua sensibilidade pode ser estimulada. Essa realidade criativa efetiva-se no campo da particularidade, na mediação do singular com o universal, o que requer a superação do imediato no mediato. Criar não é algo privilegiado do campo artístico, mas uma necessidade vital de concretizar um dos potenciais humanos.

Embora exista no ato criador uma descarga emocional, ela representa um momento de libertação de energias – necessário (...) Mais fundamental e gratificante, sobretudo para o indivíduo que está criando, é o sentimento concomitante de reestruturação, de enriquecimento da própria produtividade, de maior amplitude do ser, que se libera no ato de criar. Menos a potência descarregada, do que a potência renovada (OSTROWER, 1977, p. 28).

Os valores culturais presentes em cada época estimulam ou retardam a criatividade humana. Admite-se que a sociedade massificada, racionalista, logicista, pragmática, individualista e repressiva tende a reduzir, ou até mesmo, aniquilar essas potencialidades.

A práxis pode produzir objetivações que se apresentam aos homens não como obras suas, como sua criação, mas, ao contrário, como algo em que eles não se reconhecem, como algo que lhes é estranho e opressivo (...) *entre os homens e suas obras, a relação real, que é a relação entre criador e criatura, aparece invertida – a criatura passa a dominar o criador* (NETTO; BRAZ, 2006, p. 26).

No processo de desenvolvimento humano, no plano da prévia ideação e da teleologia, o ser humano formula questões e necessidades a serem supridas e, em todo esse processo, ele cria. A percepção consciente, plena de intencionalidade, vincula-se ao ato de criar movida por necessidades concretas sempre novas. Criar é estar em movimento com possibilidades de suspensão da vida cotidiana.

O que importa para a potencialidade criadora não é a individualidade cotidiana do criador mas elevar-se da sua “singularidade meramente particular à particularidade estética”, segundo Lukács (1970). O devir criativo não está apenas na curiosidade, na técnica, na forma ou na representação de algo e a capacidade criativa exige que o ser universalize a si mesmo.

Uma das preocupações básicas deste estudo é como potencializar processos criativos e estimular as potencialidades criativas no desenvolvimento do trabalho social. Todas as pessoas possuem potencial para viver experiências transformadoras, basta disponibilidade e abertura e não há exigência de talento específico. O potencializar da sensibilidade individual é condição para o processo criativo.

É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação (...) É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self) (WINNICOTT, 1971, p. 79-80).

Os processos criativos vinculam-se a sentimentos de amplitude e de liberdade ao preencher vazios, atenuar medos e acalmar anseios, e essas possibilidades de dar vazão a sentimentos, sensações, fantasias, pensamentos são vivências interiores.

O ser humano criativo surge a partir da possibilidade de escolhas. A criatividade não se resume ao fazer artístico e, mesmo, a um produto, mas como experiência de vida, que possibilita ampliar a percepção e a consciência em relação a si mesmo e ao outro.

A criatividade que me interessa aqui é uma proposição universal. Relaciona-se ao estar vivo. Presumivelmente relaciona-se à qualidade viva de alguns animais, bem como dos seres humanos, embora notavelmente menos significativa em termos de animais (...). A criatividade que estamos estudando relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa. Supondo-se uma capacidade cerebral razoável, inteligência suficiente para capacitar o indivíduo a tornar-se uma pessoa ativa e a tomar parte na vida da comunidade, tudo o que acontece é criativo, exceto na medida em que o indivíduo é doente, ou foi prejudicado por fatores ambientais que sufocaram seus processos criativos (WINNICOTT, 1971, p. 98-99).

Nem todo processo criativo é artístico, mas o criativo pode ocorrer em todas as práxis, no cotidiano, no trabalho, no estudo ou no momento de suspensão do cotidiano. A fantasia, imaginação, sensibilidade, brincar, brincadeira interior, ideias aparentemente desconexas, emoções, cores, sons, formas, conceitos, curiosidade, imagens, desconstrução do cotidiano e inconformismo são alguns elementos disparadores de processos criativos. “É preciso partir da imediaticidade da vida cotidiana, e ao mesmo tempo ir além dela para poder apreender o ser como autêntico em-si” (LUKÁCS, 2010, p. 37).

*Burocracia*

*Inimiga*

*da criação*

*(...)*

*Decadência*

*Entrave*

*da criação*

*(...)*

*Alienação*

*Sufoco*

*da criação*

*(...)*

*Sã*

*Rompe*

*Irreverente*

*Beatriz Abramides*

#### 4. CARACTERÍSTICAS DA VIDA COTIDIANA

*Assim, todos, juntos, continuavam a sua vida cotidiana,  
cada um a seu modo, com ou sem reflexão;  
tudo parecia seguir o seu rumo habitual,  
como em situações extremas, nas quais tudo está em jogo,  
e a vida continua como se nada acontecesse.  
Goethe (Afinidades Eletivas)*

O cotidiano enquanto categoria é uma forma do existir. Lukács busca compreender a relação exata entre universalidade, particularidade e singularidade para determinar o lugar da particularidade na totalidade da vida social. Para ele, a vida cotidiana é o ponto de partida e o ponto de chegada de todas as objetivações humanas. O cotidiano é a esfera da objetivação no mundo, da reprodução individual na totalidade da vida social.

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade (HELLER, 2008, p. 17).

Somos seres sociais capazes de reflexões críticas acerca de ações e pensamentos a ponto de criar interlocuções com o cotidiano, no qual o indivíduo se socializa e responde às necessidades imediatas, assimila costumes e normas, vincula-se a sociedade ao incorporar essas mediações na dinâmica voltada à singularidade (cf. BARROCO, 1996). Processos criativos na vida em sociedade podem contribuir para ações e escolhas mais livres e autônomas face ao abafamento criativo, elemento constitutivo da alienação cultural e cotidiana.

As formas privilegiadas supracotidianas são a arte, o trabalho não alienado (criador) e a ciência. Ainda, a consciência elevada, como a memória, a *awareness*<sup>11</sup>, a sincronicidade<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> A *awareness* é um estado de sentir e estar consciente significativamente e conectado a um entendimento universal. Na Psicologia, a linha de Gestalt Terapia utiliza a *awareness*, como método prático terapêutico.

ou determinadas experiências com uso de substâncias psicoativas são possibilidades de suspensão do cotidiano, oportunidades pelas quais as pessoas que vivenciam essas realidades potencializadoras retornam de outra maneira. Esses processos de suspensão do cotidiano nascem a partir da afirmação das necessidades impostas pela vida cotidiana e realizam um ciclo ao retornarem a ela.

O corpo cotidiano<sup>13</sup> é delineado a partir das repetições, hábitos e condicionamentos a cada contexto cultural e histórico. O dia a dia das práticas comuns necessárias à reprodução social, como dormir, comer, vestir, andar, buscar o alimento e parar, desenha o corpo que é expressão de um determinado modo de vida. Apenas para ilustrar, no Japão, é comum deitar-se e sentar-se no chão, nos quilombos é comum apontar uma direção com os lábios, ao invés de usar as mãos e para repousar apoiam um pé no outro joelho.



Calvin e Haroldo de Bill Watterson

<sup>12</sup> A sincronicidade foi inicialmente descrita por Carl Gustav Jung e trata-se de experiência de um ou mais eventos, altamente, significativos que têm relação entre si, mas não causal; quando ele acontece é um evento suspenso ao cotidiano.

<sup>13</sup> É um termo utilizado no teatro, na performance e demais artes corporais

No teatro, várias pedagogias das artes corporais propõem o processo de treinamento físico não cotidiano e a desconstrução do corpo cotidiano. A desconstrução do cotidiano e do corpo cotidiano exigem reflexões filosóficas, ético-políticas, técnicas e corporais. Na vida cotidiana, estão presentes ações, gestos e pensamentos. A alienação no cotidiano expressa-se também no fragmento entre corpo e pensamento<sup>14</sup>.

Heller (2008) aponta as seguintes características ontológicas da cotidianidade: a heterogeneidade (diferentes tarefas), a repetição acrítica (repetição mecânica), o espontaneísmo (impulsividade), o pragmatismo (funcionalidade), a ultrageneralização e o imediatismo.

Pode-se compreender a vida social humana dividida em duas dimensões: a cotidiana, relacionada às necessidades imediatas de reprodução social e biológica e a dimensão não-cotidiana, relacionada ao universal, aos produtos socioculturais construídos no decorrer do processo histórico da humanidade. Ao transcender as motivações cotidianas imediatas, torna-se possível o contato com a essência universal, humano-genérica.

No cotidiano dinâmico e heterogêneo, a esfera social caracteriza-se como a esfera da satisfação das necessidades biológicas e sociais imediatas do ser humano, características da espécie humana de acordo com cada contexto cultural; assim, tende-se a agir de forma automática. Valores, crenças e preconceitos motivam e fazem parte das respostas automáticas cotidianas. Os valores morais tendem a ser interiorizados acriticamente, sem reflexão ética e constituem a alienação moral.

Para Heller (1977), a liberdade revela-se em situação conflitante entre a esfera cotidiana e a não-cotidiana genérica, ou seja, nem sempre a liberdade cotidiana, que de acordo com o senso comum é a possibilidade de fazer o que se tem vontade, coincidirá com a liberdade do gênero humano. Marx, ao longo de sua obra, afirmou a tendência do gênero humano, de todos os indivíduos alcançarem a liberdade, por meio da superação da alienação e da sociedade de classes para suprir a discrepância entre a evolução e o desenvolvimento do humano singular e enquanto gênero.

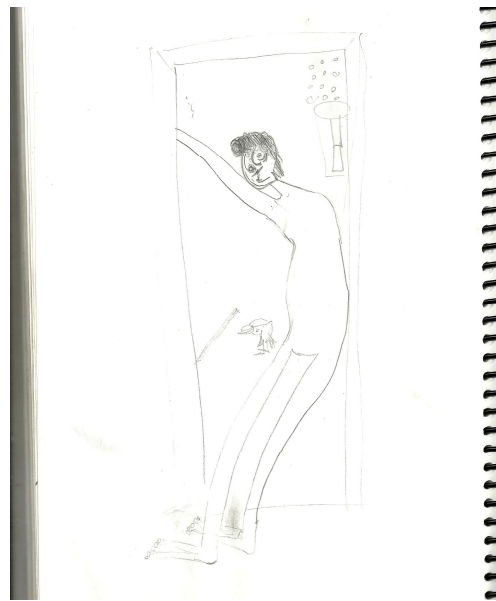
As relações de poder disciplinam o corpo e abafam a criatividade. Perceber os automatismos corporais e as práticas discursivas repetitivas é reconhecer a reprodução de formas alienadas da vida que agem na subjetividade do ser social e, também, a predominância de experiência que fragmenta corpo e mente.

---

<sup>14</sup> Para aprofundar, assistir aos espetáculos do Lume, grupo de teatro vinculado a Unicamp, em Campinas.

Os bloqueios sociais impõem-se ao homem e atrofiam os seus sentidos. Mas estes, mesmo quando livres de barreiras, não têm um desenvolvimento espontâneo garantido. Entendidos como atividade, os sentidos dependem de uma permanente educação (FREDERICO, 2005, p. 58).

A inflexão da voz, o olhar, a maneira como se fala, o gesto, o cansaço a entonação na fala das pessoas podem demonstrar sutilezas não perceptíveis em seus discursos. Há, portanto, uma cultura inscrita no movimento corporal que, em última instância, são matizes do cotidiano em sua profundidade.



Momento de descontração pensando na solidariedade

Vivemos em um tempo devastado pela objetividade e subjetividade do capital em meio à banalização cultural generalizada. Os humanos inseridos nessa sociabilidade aprendem a se comportar na intensidade fragmentada. A ação transformadora é ser e devir, é pensar e agir, é teleológica e é potência criadora humana.

A inquietação subjacente deste trabalho está nesse sentido: em como agir de forma não mecânica no contexto cultural de abafamento criativo, efêmero e fugaz, utilizando-se de processos criativos, como mediação do trabalho profissional vinculada à perspectiva emancipatória.

A prática profissional da(o) assistente social é uma mediação, que se relaciona com diversas expressões de sociabilidade, de manifestações culturais e compreende a relação de totalidade da realidade concreta cotidiana. O Serviço Social é profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho e se relaciona com as esferas individuais, da família e do Estado,

portanto, realiza mediações no campo da particularidade e na relação com essas esferas.

Ao atuarem na realidade, os assistentes sociais buscam compreender as múltiplas expressões da questão social determinadas historicamente. Para tanto, não basta a descrição dessas expressões, mas a compreensão geopolítica, territorial, cultural e histórica das lutas e resistências da classe trabalhadora.

Compreender as condições objetivas e subjetivas da realidade pressupõe captá-las de maneira a desenvolver possibilidades de intervenção social a partir das necessidades. Nesse terreno, inserem-se os processos criativos como mediações que podem gerar estratégias e criar alternativas para o trabalho. O profissional, ao se utilizar de processos criativos para sua atuação, inova com a utilização de outras linguagens e caminhos e, por decorrência, encontra novos meios e estratégias.

A complexa dinâmica do real requer do profissional visão crítica que lhe possibilite uma compreensão da totalidade, que apreenda os limites e as possibilidades para uma ação profissional comprometida com os interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora no horizonte emancipatório.

As condições objetivas, nas quais os assistentes sociais se encontram e intervém, são contraditórias e limitam a ação profissional, ao mesmo tempo, que possibilitam seu desenvolvimento. As esferas da vida social determinadas pela base econômica da sociedade possuem autonomia relativa, as quais na concepção marxista se vinculam entre si em uma complexa totalidade. Da sexualidade à economia há uma inter-relação sob o domínio do modo de produção.

Ainda que dispondo de relativa autonomia na efetivação de seu trabalho, o assistente social depende, na organização da atividade, do Estado, da empresa, entidades não-governamentais que viabilizam aos usuários o acesso a seus serviços, fornecem meios e recursos para a realização, estabelecem prioridades a serem cumpridas, interferem na definição de papéis e funções que compõem o cotidiano do trabalho institucional (IAMAMOTO, 2000, p. 63).

Como se viu, a suspensão da vida cotidiana pode acontecer de maneira temporária e pontual. Os processos criativos na ação profissional norteados pela teoria do ser social são constitutivos de uma prática profissional que desenvolve criatividade e criticidade como elementos inerentes aos objetivos da profissão.

Quando se menciona a visão crítica e a ação comprometida não quer dizer assumir a transformação social a partir da profissão, uma vez que essa é uma tarefa histórica da classe trabalhadora em um processo revolucionário de ruptura com a ordem burguesa. Enfatiza-se a

dimensão ético-política, teórico-metodológica e técnico-operativa do projeto profissional com compromisso e direção social articuladas a uma perspectiva histórica emancipatória,

Nesse campo profissional da particularidade, pode-se identificar conhecimentos fundamentais à humanidade e valores emancipatórios no sentido de reforçá-los e, mesmo, reproduzi-los na ação profissional.

A perspectiva aqui adotada é a de explicitar a potencialidade dos processos criativos como um dos elementos constitutivos da ação profissional no sentido de resgatar as expressões culturais dos moradores dos quilombos e favelas, bem como, utilizar meios criativos na direção do Projeto Ético-Político do Serviço Social brasileiro, de ruptura com o conservadorismo, conquistado coletivamente e construído nos últimos 35 anos.



## CAPÍTULO II – QUILOMBOS

*Se queres ser universal, fala da tua aldeia*  
*Liev Tolstói*

### 1. TERRAS DE QUILOMBOS

Em momentos diferenciados da formação sócio-histórica do Brasil, os processos de exploração, opressão e escravismo marcaram a trajetória dos negros e da população pobre e trabalhadora no campo e na cidade.

A existência dos quilombos<sup>15</sup> no Brasil remonta os primórdios de sua formação territorial sob a égide colonial, por volta dos anos de 1530. Os nativos chamavam as terras brasileiras de Pindorama<sup>16</sup>, região que foi dominada, colonizada e recursos naturais explorados indiscriminadamente. O regime de superexploração do trabalho, o latifúndio e a concentração de riquezas aprofundaram-se ao longo dos anos.

Na formação sócio-histórica, foram quase 400 anos de escravismo no Brasil em toda a extensão territorial, com o negro, partícipe da sociedade de classes cindida entre senhores e escravos. O Brasil foi o último país independente do continente americano a abolir a escravidão negra.

O significado desse enorme passado escravista em nossa história e o seu reflexo no nosso presente não nos parece ter sido computado, ainda, da forma sistemática e dinâmica que merece. Disto decorre uma série de incompreensões sobre o significado e importância do escravismo brasileiro, as suas limitações e as aderências que persistem - em função da forma através da qual a Abolição foi feita - em instituições, classes, grupos e indivíduos da sociedade atual do Brasil (MOURA, 1981, p. 12).

Depois de mais de 500 anos, os povos originários e os quilombolas ainda não têm em sua totalidade a posse da terra e a titulação garantidas para a fixação de moradia em sua relação com o trabalho.

Segundo Simone Rezende da Silva, pesquisadora da trajetória do negro e da territorialização quilombola, a questão fundiária acentua processos excludentes da população negra.

---

<sup>15</sup> A língua portuguesa tem muitos empréstimos lexicais do *kimbundu*, uma das línguas bantus mais faladas por quase três milhões de pessoas no Noroeste da África. Uma delas é a palavra quilombo, vinda de *kilombo*, que quer dizer capital, povoação ou união.

<sup>16</sup> Pindorama ou Terra das Palmeiras, derivada do Tupi-Guarani, expressão utilizada por ocasião da invasão pelas naus portuguesas comandadas por Pedro Álvares Cabral.

(...) pois ao instituir que as terras deveriam ser “compradas” naturalmente os negros foram excluídos desse processo de apropriação destas, primeiro porque eram escravizados (mercadorias), depois de 1888 por serem libertos, mas marginalizados na sociedade e, portanto, sem a possibilidade de adquirir terras. Embora a questão da obrigatoriedade da compra de terras afetasse também imigrantes e brasileiros brancos e pobres, pois também para estes a terra tornou-se mais difícil, para os negros essa questão levou a uma maior marginalização, visto que se o negro não tinha terras para sua subsistência tampouco tinha outras possibilidades de garantir seu sustento (SILVA, 2008, p. 5).

Ao longo dos anos, os quilombos foram se constituindo em núcleos articuladores das várias manifestações de resistência negra, cultural, política e religiosa.

No Brasil, o quilombo marcou sua presença durante todo o período escravista e existiu praticamente em toda a extensão do território nacional. À medida que o escravismo aparecia e se espalhava nacionalmente, a sua negação também surgia como sintoma da antinomia básica desse tipo de sociedade (MOURA, 1981, p. 13).

Na luta contra as pressões de quilombos, o sistema escravista inferiorizou a cultura africana, e os negros enfrentaram esse sistema de dominação com ação ofensiva ou defensiva de resistência contra essa cultura dominante.

No entanto, elementos culturais desse povo tornado escravo tinham a função de autodefesa e de proteção social do grupo negro-africano. Por extensão, a cultura negra só será dominante “se houver um processo de mudança social radical que eleve os componentes da cultura afro-brasileira à dominação social e política” (Moura, 1988, p. 48).

Clóvis Moura procura demonstrar a importância da luta social e política dos escravos, especialmente os quilombolas, ao expor a história dos negros escravizados diferentemente de autores que os colocam como testemunhos mudos e passivos<sup>17</sup>. Moura descreve o percurso de sujeitos coletivos atuantes na sociedade, rebeldes em suas resistências nas fugas e a história da formação de quilombos com revoltas, assassinatos de feitores, guerrilhas quilombolas e suicídios. Vale dizer que as relações de produção e reprodução são marcadas pela profunda ligação ao escravismo constatada no desenvolvimento das instituições, em posicionamentos ideológicos, comportamentos de subordinação ou imposições hierárquicas.

Como os quilombos são importantes formas de resistência negra ao regime escravocrata, eles foram duramente perseguidos durante todo o período colonial e buscaram construir uma nova sociabilidade com influências da África, seu continente originário.

---

<sup>17</sup> Moura cita Caio Prado Jr., Gilberto Freire e Fernando Henrique Cardoso, como autores que não incorporam a luta de classe e a resistência dos negros ao escravismo em suas análises (1959; 1981).

Sabe-se que os negros conseguiram sobreviver quando se isolavam e mantinham relações de alianças com os indígenas e com outras populações empobrecidas. Os quilombos foram se constituindo em organizações fraternas e solidárias na busca da sobrevivência digna e da liberdade desses povos oprimidos e escravizados.

Foram organizados inúmeros quilombos no Brasil durante o século XIX, em todo o período escravocrata e marcadamente no fim deste modo de produção. Os quilombolas ou mocambos foram duramente perseguidos pelas milícias coloniais e imperiais. Ainda assim, a resistência quilombola persistiu e diversos quilombos mantiveram-se erguidos. Palmares deu a maior manifestação de rebeldia contra o escravismo na América Latina. Durou quase cem anos e, durante esse período, desestabilizou regionalmente o sistema escravocrata (MOURA, 1981, p. 38).

É importante destacar que Palmares, localizado na região da Serra da Barriga em Pernambuco, foi um quilombo do período colonial da história brasileira e um símbolo da resistência negra à escravidão. Como representava uma ameaça à organização política e social, o governo colonial organizou várias expedições para reprimir e dominar.

O quilombo dos Palmares chegou a ter 20.000 habitantes e o de Campo Grande (MS) 10.000, porque para os núcleos de quilombos convergiram outros negros marginalizados, indígenas e fugitivos de serviços militares. O Palmares era um conjunto de mais de 10 quilombos grandes e pequenos, organizados em confederações, nos quais as famílias eram poligâmicas com chefes (zambis) absolutos em cada mocambo<sup>18</sup>, que deveriam comparecer às reuniões do Conselho que se realiza na capital das confederações denominada Macaco; nas reuniões, entre outros assuntos, debatiam-se os assaltos aos engenhos, despesas com a guerra e a libertação dos escravos.

Em geral, apesar de os quilombos serem entendidos como grupos de defesa, por vezes, precisavam lutar para conseguir alimentos e/ou buscar outras formas de sobrevivência. Na medida em que os quilombos cresciam e se adensavam, surgiam formas de organização interna: governo, religião, propriedade, família e economia.

Palmares resistiu a todas expedições punitivas de 1630 até 1695, fato que demonstra cabalmente a sua capacidade de resistência e o seu poderio militar. Foi destruída a república, mas somente depois da epopéia do seu exemplo: a maior resistência – social, militar, econômica e cultural - ao sistema escravista (MOURA, 1981, p. 12).

---

<sup>18</sup> O mesmo que quilombo.

Em 1695, após investida militar, Palmares foi dominado e Zumbi, principal líder foi emboscado e morto em 20 de novembro – Dia da Consciência Negra, data de referência e homenagem a Zumbi e a todos os negros que resistiram com bravura e coragem à escravidão.

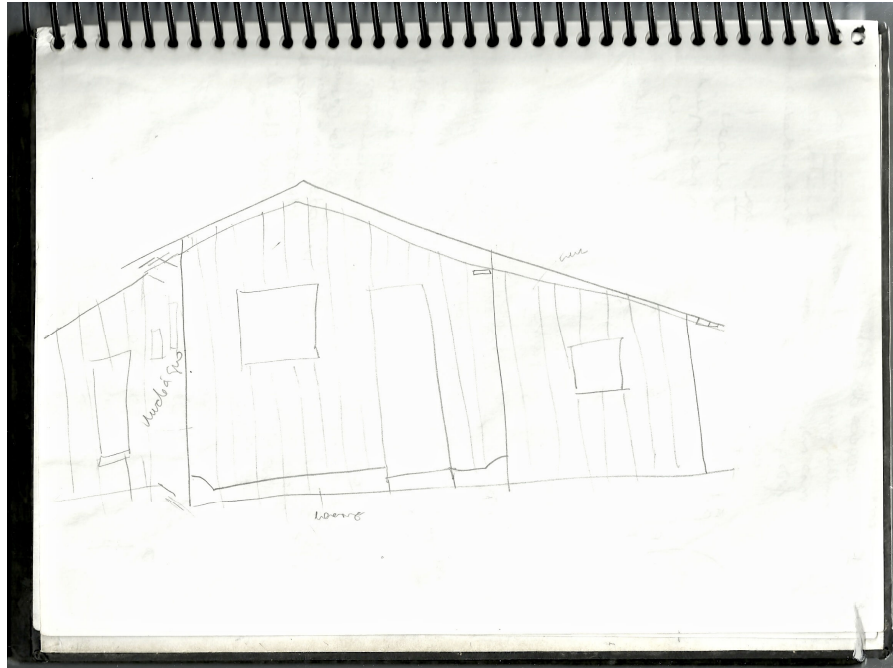
*General, negro dos palmares  
Grande líder dos quilombolas  
Lutou e morreu pela defesa  
E pela liberdade  
Dos seus irmãos  
Mas a luta continua irmão  
Jamais perderemos a esperança  
De cultuar seus deuses negros  
Eram os quilombolas  
Negros rebeldes dos palmares  
Da senzala à casa grande  
Éramos tratados como animais  
Oprimidos e marginalizados  
Mais se o negro parar e pensar  
De tudo devemos cultivar*

*Música do grupo Olodum*

### **1. 1. O Pará e a titulação de terras**

O debate e as práticas para a conquista de direitos dessas populações compreendem a relação entre a condição simbólica e material de pertencimento, a coletividade e a identidade atrelada ao território. O território é mediação entre as sociedades locais e nacionais. O espaço no determinado tempo vivido torna-se cultural, político, econômico e social.

Segundo a Comissão Pró-Índio de São Paulo, a primeira iniciativa para normatização dos procedimentos de regulamentação de terras quilombolas só ocorreu, em novembro de 1995, quando o INCRA editou a Portaria 307/95, que determinava que as comunidades quilombolas tivessem suas áreas demarcadas e tituladas. Somente em novembro de 2003, devido às lutas dos quilombolas, a Presidência da República editou o decreto nº. 4.887/2003 que criou as condições para a retomada das titulações, por meio da adoção de conceituação adequada de comunidade e de terra de quilombo, em que a consciência da identidade e o sentimento de pertencimento foram critérios fundamentais para atribuição da titulação; é quilombola quem se considera quilombola.



As casas de madeiras e palafitas são todas autoconstruídas

Legalmente, são definidos como remanescentes das comunidades dos quilombos, os grupos étnicos constituídos por descendentes de negros escravos que compartilham identidades e referências históricas comuns. Assim sendo, o que é importante na demarcação de terras quilombolas é a própria comunidade se reconhecer como originária de africanos escravizados e, a partir daí, buscar o seu reconhecimento formal como comunidade remanescente de quilombo.

No estado do Pará, existem em torno de 420 comunidades remanescentes de quilombos em, pelo menos, 51 dos municípios paraenses. Em 2005, o estado do Pará concentrava mais da metade (58%) da dimensão total de terras quilombolas tituladas do País. São 27 territórios, ocupados por 79 comunidades (com cerca de 3.700 famílias), que somam 527.139 hectares<sup>19</sup>. Hoje, 193 comunidades quilombolas de todo o Brasil já receberam títulos de propriedade da terra, segundo informações da Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). Destas, 118, ou seja, mais de 60% estão no Pará, o que faz do estado o campeão brasileiro em titulação de terras quilombolas. São, ao todo, 57 títulos entregues (cada título, abrange várias comunidades), a maioria dos quais outorgados pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA).

As conquistas de quilombolas no Pará são pioneiras e deram abertura para a efetivação de direitos das comunidades quilombolas em todo o Brasil. A comunidade Boa

<sup>19</sup> Dados do PROGRAMA RAÍZES (2009).

Vista – Oriximiná, situada no Pará, foi a primeira terra de quilombo titulada no Brasil, em cumprimento ao artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal<sup>20</sup>, modalidade de apropriação formal de terras para grupos sociais, como os quilombolas, baseada no direito à propriedade definitiva sobre a terra tradicionalmente ocupada. Em 20 de novembro de 1995, a comunidade Boa Vista recebeu do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) o título de propriedade de seu território com 1.125 hectares.

Essa titulação foi um marco que consolidou o entendimento de que o artigo 68 é autoaplicável e que a regularização dessa categoria de terras deve ser coletiva, respeitando a forma de como os quilombolas concebem e ocupam os seus territórios. O título é emitido em nome de uma associação de remanescentes de quilombos, legalmente constituída, e beneficia toda a comunidade. O título é concedido com cláusula de inalienabilidade: a terra não pode ser vendida, loteada ou arrendada. A titulação coletiva estimula um modo de vida já existente em muitas dessas comunidades. Essas conquistas traduzem-se, entre outras concreções, como em leis estaduais e em programas de governo destinados especificamente a esse setor da população. Nesse processo de lutas, os quilombolas paraenses contaram com o apoio de várias organizações e movimentos sociais.

As comunidades remanescentes ampliaram a consciência e a dimensão da resistência e estratégias de sobrevivência física e cultural no estado do Pará. A conquista das terras, um direito social das populações quilombolas, representa a luta de (re)construção da identidade étnica, suas conquistas e histórias.

Há de compreender que elas representam mais que o espaço físico e/ou geográfico garantido pela constituição federal, embora esta conquista permita lutar pelo direito de resistir e preservar, construir e reconstruir a memória viva, sendo a propriedade da terra o elo entre o chão e negritude, passado e presente, recriando uma nova leitura sobre a história do negro no Brasil (PROGRAMA RAÍZES, 2009, p.3).

---

<sup>20</sup> Por meio desse ato, foi reconhecida a propriedade definitiva das terras ocupadas aos remanescentes das comunidades dos quilombos, devendo o Estado lhes emitir títulos.

## 1. 2. Cametá

O município de Cametá está localizado às margens do rio Tocantins (Baixo Tocantins) a, aproximadamente, 200 km ao norte de Belém, capital do Pará. O acesso à cidade se dá por meio de transporte rodoviário via Alça Viária durante cinco horas de viagem, ou via embarcação hidroviária (balsa grande e duas pequenas) durante 12 horas de viagem.

Na região de Cametá existiu o 5º quilombo mais importante da Região Amazonense, o Alcobaça, hoje Tucuruí (SALLES, 1971). A maioria da população do Baixo Tocantins reside em áreas rurais, sobrevive da agricultura e apresenta práticas, saberes e religiosidades vinculadas às atividades de subsistência. A terra é fundamental para a produção, a reprodução e o consumo dessa população.

Na zona rural do município de Cametá, moram em torno de 65 mil pessoas distribuídas nos sete distritos: Cametá, sede do município, Juaba, Carapajó, São Raimundo dos Furtados, Moiraba, Curuçambaba e Joana Coeli, além das vilas de Areião e Vila do Carmo do Tocantins. As comunidades quilombolas no município de Cametá são: Biribatuba, Boa Esperança, Carapajó, Curuçambaba, Itabatinga, Jabuti-Apedú, Jaituba, Joana Coéli, Juaba, Laguino, Mapu, Maracu do Carmo, Matias, Maú, Mina Alegre, Mola, Mupi, Pacujaí, Porto Alegre, Porto do Campo, Porto Seguro, Rio Tabatinga, Tapucu, Tomásia, Vila do Carmo, Vacaria.

Os quilombos organizados no Pará tiveram como rota de fuga os rios e igarapés. É nessa região marcada pela luta contra a escravidão e pela participação na Cabanagem<sup>21</sup>, onde estão situados os vilarejos Matias, Maú e Juaba.



Pôr do Sol em Cametá

<sup>21</sup>Cabanagem (movimento cabano) foi uma revolta popular que ocorreu de 1835 a 1840, na qual índios e negros insurgiram-se contra a elite política e tomaram o poder do, então, Grão Pará. Para saber mais, consulte: “Pródromos da Cabanagem – Geografia e Capítulos da História do Grão Pará”, de Flávio Moreira (2012).

### 1.3. Quilombos no Pará e manifestações culturais

Quilombolas no interior do Pará fazem parte do grupo de negros de histórias banidas. Há uma crescente contradição entre a criativa produção cultural dessas comunidades e o esquecimento a que têm sido relegadas as manifestações tradicionais, como o samba de cacete, o banguê (cantoria), as folias, as ladainhas em latim, o Bambaê do Rosário, a contação de visagens (assombrações), religiões, conhecimentos e sabedorias ligadas à saúde, cura e partos. A historiadora Maria Antonieta Antonacci lembra que é impossível entender o Brasil sem as Áfricas e as Áfricas sem o Brasil.

Ao conjugar narratividades da diáspora no Brasil, despontaram sensibilidades de herdeiros de matrizes orais africanas, prefaciando disjunções sonoras e gestuais. Nestas, protagonistas de histórias e culturas acústicas, em regime de símbolos e energias de seus corpos comunitários, traduziram traumas e transgressões a sofrimentos cotidianos. Em contínuo negociar e refazer se suas inserções, povos e linguagens africanas seletivamente (re) significaram suas tradições, reinventando Áfricas no Novo Mundo. Áfricas de difícil recriação e reconhecimento, como em Cascudo no revela/esconde de Áfricas no Brasil (ANTONACCI, 2013, p. 15).

A tradição oral brasileira mostra-se com sensibilidade própria da ancestralidade africana, e é herdeira de matizes nascidos na oralidade reinventada nas narrativas em meio a traumas e repressões. A cultura de tradição oral, de modo particular, os causos e as lendas quilombolas podem ser rememorados, como um conjunto de histórias que remontam nossa formação sociocultural e transmitem visões de mundo e aprendizado.

No Brasil, a oralidade encontra-se em algumas comunidades de pescadores, quilombolas, mulheres marisqueiras, indígenas e, ainda, como resquício da prática em muitos centros urbanos.

Para Benjamin (1994), a oralidade é um elemento que dá às experiências individuais e coletivas o peso tradicional por meio de testemunho histórico autêntico, passado de geração em geração. Segundo ele, são os saberes que vêm de longe: o longe espacial das terras estranhas ou do longe temporal contido na tradição.

A narração é um meio de transmissão da tradição em grande parte realizada pela oralidade para a comunicação de fatos, técnicas, saberes e valores agregados pelo tempo ou espaço. A arte de narrar, então, aparece como a arte de manter vivo o processo de desdobramento de histórias.

O contador de visagens narra histórias que acontecem no meio do mato e nas noites em que caçadores passam remela de cachorro em suas lanternas para enxergar as assombrações; a parteira narra o que viveu pelas estradas e qual caminho empreender para cumprir seu desígnio e o historiador que nunca saiu de suas terras reconta tradições aprendidas.

— *O cachorro vê tudo e late à noite toda que nem quando é luar. Uma vez, certa mulher disse que queria enxergar tudo o que o cachorro enxerga. E diziam: é só passar remédio no olho que tu vê. Ela passou a remela de cachorro no olho. Ela enxergou e ficou doida. Porque à noite ficou pros mortos, pros das trevas e de dia pra gente.*

O narrador conta suas próprias histórias ou de outrem, guardadas e maturadas em sua memória e transformadas em experiências para transmiti-las a quem possa reinterpretar. Aquilo que está guardado serve para ser recriado – é essa a capacidade da memória “penetrar para além dos véus estendidos pelo tempo” (TARKOVSKI, 1998, p. 165).

Ora, toda a literatura universal não é herança da oralidade? O contador de visagens fala.

*Cupertina, são três horas,  
hora do fium-fiom.  
Hora da carroça seca,  
passando em nossos caminhos.  
Nem descansar já podemos,  
ou ficar assim sozinhos.  
Vamos, Rainha, que é hora  
do bode que ataca as casas  
e do peso que, assombrando,  
no paneiro nos atrasa.  
Lá por diante está perto  
à frente do cemitério:  
debaixo da terra estoura,  
mas não leve nada a sério.  
Deve ser algum cadáver...  
O menino respirou  
o espirro da explosão,  
cuja explosão... o matou.*

*Walter Freitas<sup>22</sup>*

---

<sup>22</sup> Diretor, dramaturgo, ator, músico, compositor, escritor, jornalista, arquiteto paraense e autor da peça teatral Bandurra-Eh!

Danças e tambores são também narrativas com outra escritura sonora e corporal, a linguagem tonal de fonética grave está presente nos povos africanos que vieram para cá. Na formação cultural no Brasil, há três influências principais: a indígena – originária, a portuguesa – domínio da língua e a africana – religião, musicalidade e corporalidade, vistas no boi-bumbá, no carimbó<sup>23</sup> e no jongo (danças folclóricas), que são expressões culturais dos negros, até hoje, existentes na África, transmitidos pela oralidade, ancestralidade e memória presentes nos grupos musicais e de dança da região paraense.

As histórias de quilombolas no Tocantins têm sido reconstituídas na evocação da memória e lembrança de histórias de vida e experiências de seus ascendentes. A história da constituição de povoados negros é contada por esses guardiões. "A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores" (BENJAMIM, 1994, p.198).

O município de Cametá tornou-se área de aglutinamento de quilombos, na medida em que se mostrava região de resistência, até mesmo, depois da abolição da escravatura com mesclas ideológicas, inspiradas no movimento cabano.

Segundo Benedita Celeste de Moraes Pinto, historiadora da região do Baixo Tocantins, o quilombo matriz Mola, existente desde meados de 1750, foi um importante espaço de resistência e referência para a formação identitária de outros quilombos menores. "Mais de trezentos negros, sob a liderança da negra Maria Felipa Aranha e, posteriormente, de sua sucessora Maria Luiza Piriá, viveram ali por vários anos sem serem ameaçados pelas forças legais" (PINTO, 2001, p. 337).

As histórias da formação desses povos dominados, fugidos e libertos podem ser recompostas na evocação de lembranças, experiências e histórias de vida daqueles que ficam para semente – os velhos e velhas, guardiões da memória. Narrativas que, no campo da moral, normatizam vidas, transmitem saberes e curas, lembram o que deve ser lembrado e assumem identidades. O cotidiano dessas comunidades é marcado pelo sentido do trabalho na terra, isto é, pelo tempo do arado, do roçar e do plantio, o tempo da colheita e de novos frutos.

Compreender a identidade quilombola no repertório das festas que ocorrem nas vilas Matias, Maú e Juaba é fundamental para o entendimento da relação entre cultura e trabalho em uma região habitada por população, majoritariamente, afrodescendente que apresenta grande diversidade étnica com traços indígenas. Tal intento tem como suporte a música, dança, sociabilidade e memória, que se entrelaçam, constituindo a base sobre a qual se forma a cultura.

---

<sup>23</sup> Apenas para exemplificar, o carimbó apresenta movimentos de dança lusitana, canto e movimento de pés de influência indígena e musicalidade e batuques africanos.



Paneiro de vime para pescar e guardar coisas.



Maria Piedade trança o paneiro. Culturas indígena e quilombola entrelaçam-se<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Dona Maria Piedade (cabocla), além de trançadeira é também curandeira; passou-me receita para a cura do câncer: bater no liquidificador babosa, urtiga, algodão, vergamota, marva rosa e beber um copo durante um mês.

Expressões culturais das comunidades quilombolas na Amazônia paraense adquirem significado e existência nas relações de trabalho e, particularmente, na lavoura. O samba de cacete é manifestação musical muito importante em Matias que nasce no preparativo para mutirões de colheitas. O início dessa festa é na noite anterior à colheita e os mutirões são realizados em terra de cada família, alternadamente. A família da vez é responsável por oferecer a comida e a gengibirra – bebida de gengibre para todos que vão trabalhar. A dança rola até a manhã seguinte ao som do tambouro ou curimbó. Dependendo do tamanho da terra, esse mutirão pode durar mais dias; sabe-se da existência dessa manifestação em outras localidades da região.



Tambouro ou curimbó

*Viver na Roça*

*Roçar na mata  
Colher da terra  
Dançar no semeio  
Dançar na colheita  
Ele vai capinando  
Eu vou semeando  
E canta e canta*

O ritmo da dança é marcado por dois tambouros, tocados por dois homens na frente, que cantam o “verso-pergunta” das músicas do samba e dois atrás que tocam com cacetes (dois pedaços pequenos de pau) no corpo dos tambouros. As cantigas são curtas e repetidas várias vezes, a resposta é cantada pelos dançantes, principalmente, pelas mulheres mais velhas. Os batedores e caceteiros cantam as estrofes e os dançarinos fazem o coro. A música e a dança iniciam em ritmo moderado e aceleram. A dança acontece em roda, as mulheres giram em torno de si, esquivando-se dos homens que buscam seus pés. Os gestuais realizam-se de acordo com as canções a partir de gestos do cotidiano.

*Quando eu cheguei nesta casa  
 Me bateu um cheiro de rosa  
 Me bateu um cheiro de rosa  
 Bateu um cheiro de rosa  
 Um cheiro de moça formosa  
 Um cheiro de moça formosa*

*Samba de Cacete do Quilombo Matias*

A dança que acontece nas noites de lavouras também se torna manifestação da cultura mostrada em festivais e festejos e imita os movimentos da semeadura, como aragem, semeio e colheita na relação entre cultura e trabalho.

Como suporte material de memória entre grupos oralmente constituídos, ritmos, simbologias, perfis corporais foram se revestindo de complexos significados a serem analisados e culturalmente articulados. Impossível perder de vista que sendo os corpos, na dinâmica de cadências vocais e gestuais, sustentáculos de poéticas, saberes e políticas orais, assumem posturas e intercâmbio com outros corpos em cadências no bater de pernas, pés, palmas, acompanhando instrumentos musicais fabricados a partir de rituais simbólicos e palavras consagradas (ANTONACCI, 2013, p. 136).

Os quilombolas são grupos que têm suporte oral, como os ritmos, simbologias, corporalidades e músicas. Nos quilombos Matias, Maú e Juaba, dissidentes do Mola, hoje pertencentes ao município do Carapajó-Pará, encontrei alguns narradores: a parteira, o contador de visagens, os festeiros e tocadores de tambouro e historiador, todos com a prática de contar e dizer a memória do lugar onde moram, mantendo a cultura e a tradição local.

As autodefinições das pessoas, suas narrativas sobre si mesmas e sobre os outros, conquanto significativas, não são suficientes para caracterizá-las nem para relatar sua experiência, muito menos para explicar um acontecimento histórico. O que as pessoas contam tem uma história que suas palavras e ações traem, mas que suas narrativas não revelam imediatamente; uma história que explica porque usam as palavras que usam, dizem o que dizem e agem como agem; uma história que explica os significados específicos por trás da universalidade ilusória sugerida pelas palavras – uma história de que muitas vezes elas não se dão conta. Suas afirmações não são simplesmente "declarações" sobre a realidade, mas comentários sobre experiências do momento, lembranças de um passado legado por precursores e antecipações de um futuro que desejam criar (COSTA, 1998, p. 15).

A população quilombola tem expressões da cultura vinculadas ao trabalho, corporalidade, música, canto e dança, que falam das histórias e lutas na sobrevivência e nas relações de cooperação. Nessa realidade, a produção e reprodução social da vida e os significados simbólicos, culturais e artísticos, bem como os canceiros, grupos culturais, versados e tradições de cura nascem na terra.

Foi propósito da música, em seu início, o evocar emoções coletivas, o atuar como estímulo para o trabalho, para o gozo sexual e para a guerra. (...) meio de atordoar ou excitar os sentidos, um meio de prender por encantamento ou impelir à ação. Servia para pôr os homens em um estado diferente e não para refletir os fenômenos do mundo exterior (...). A batida do tambor, o ruído de passos se chocando, os sons metálicos, nada disso tem conteúdo: a única significação que possuem é a de, como sons organizados, produzirem efeitos sobre seres humanos. A função social da música era a de produzir tais efeitos e não a de representar uma realidade (FISCHER, 1987, p. 212).

O samba de cacete é retrato da vida nas comunidades de Matias e Juaba. A batucada, a dança, suas músicas em duas vozes emergem do cotidiano, do trabalho, do repouso e do lazer. Os gestuais de movimento realizam-se de acordo com as canções e, por suposto, a partir de gestos do cotidiano. Em Maú, as composições do grupo musical “5 de Ouro” advêm também do cotidiano, são os banguês.

*No meio da noite  
Fui dar um passeio na casa da vizinha  
Malinaram comigo  
Botaram farinha na minha redinha  
A vergonha que tenho  
São de meus amigos  
Mamãe ficou zangada  
E papai aborrecido  
Tudo te aborrece  
Tudo te agonia  
Na hora da viagem eu não sabia com quem eu ia  
Eu não sei quem é a companheira do compadre Manuel*

O “5 de Ouro” surgiu do plantio do roçado. Cada roçado familiar é realizado por grupos de outras famílias (companhia). Na hora da comida (mingau), sopravam a corneta e o pessoal que vinha da roça dizia:

— *Se nós acabarmos de plantar o roçado, vamos rezar pra Nossa Senhora do Livramento e para Santo Mé.*

Durante o almoço, a música corria solta. Após terminado o roçado já vinham cantando a lavadeira da cidade:

*Lavadeira da cidade, ô lavadeira  
Lava roupa sem sabão a lavadeira*

Toda noite era feita a reza até findar a novena e mais festejos e músicas. Eram cinco os que tocavam o banguê. *E o povo dizia:*

— *Esse banguê vale ouro.*

— *Podem ser cinco, dez ou vinte (componentes) vai ser sempre “5 de Ouro”.*



Na análise das categorias trabalho, cultura e cotidiano, fica claro, na observação das comunidades quilombolas, o fenômeno da generalização no que concerne ao nascimento da cultura pelo trabalho – músicas e danças. Nesse aspecto, é importante ressaltar a singularidade, a particularidade e a universalidade, no sentido de aproximar fenômenos singulares aos universais. Conforme Lukács (...) a dialética de universal e particular na sociedade tem uma função de grande monta: o particular representa aqui precisamente a expressão lógica das categorias de mediação entre os homens singulares e a sociedade (LUKÁCS, 1970, p. 53).

No âmbito do ser social entre a vida singular e a vivência genérica nessas comunidades, observa-se a riqueza e sabedoria artísticas e culturais (musical, corporal, no trato das questões da saúde: parto natural e cura pelas ervas) e de sociabilidade (amizade, solidariedade, gentileza e humildade) apontam caminhos para uma sociedade mais humanizada.



Dona Bena, mulher destemida, corajosa, aventureira e lúcida

Certos eventos dramáticos, como o parto ou a morte na vida, são eternos e a passagem de um, tanto quanto a do outro apresenta singularidades em cada região. Destaca-se especialmente a sabedoria da parteira tradicional, a “mãe do corpo no baixo-ventre” responsável pela força vital e reprodução, que nasce parteira mas recebe ensinamentos de outras pela tradição oral. Ser parteira e falar de seu ofício é como falar do universal e de todas as parteiras tradicionais que, ainda, existem no mundo. É prática social compartilhada por todas as sociedades, mas cada uma com suas singularidades. A profissão de curar e ajudar mulheres na hora do parto foi milenarmente ofício de mulheres tradicionais ancoradas em saberes ancestrais.

Benedita Gomes, conhecida por Dona Bena, tem 94 anos, é parteira desde os 20 anos, fez seis de oito dos seus próprios partos e só dois foram aparados por outra parteira. O primeiro, uma filha, ela fez sozinha de joelhos no chão com um braço trançado na rede e com o direito aparou o bebê. Quando o marido voltou à noite, tendo passado o dia todo fora à procura de parteira, Benedita estava “parida” há seis horas; já tinha feito o café, tomado o mingau e estava preparando o almoço.

— *O pai da minha mãe era preto-africano, era da África, José Viriato Luiz da Trindade. Eu comecei a pegar criança na minha pessoa, só Deus por mim, eu estava com 20 anos quando comecei a pegar. Foi meu, mesmo, minha filha. Eu peguei, eu preparei, quando me deu a dor eu sentei de cócoras.*

Na dramaturgia de Walter Freitas, quem fala é Manadora<sup>25</sup>.

*Eu fiz como Dona Bena,  
aquela lá de Juaba,  
pequenina e poderosa  
– uma palmeira abacaba:  
peguei meu primeiro filho  
sozinha, na minha esteira,  
debaixo da rede atada,  
sem auxílio de parteira.  
Quando o pai dele chegou  
trazendo ajuda – ora ajuda!,  
a canja já estava pronta  
e eu, banhada (...) bem posuda!*

*Walter Freitas*

As parteiras estão a serviço de seu dom 24 horas por dia e com Dona Bena sempre foi assim, não importa a hora, de almoço ou de descanso, ela logo se apruma para sua missão de trazer as pessoas ao mundo. O trabalho costuma ser fora de casa, na casa da parturiente e essa parteira já se entranhou muito em andanças pelo meio das matas e nem sempre recebe remuneração; às vezes apenas uma refeição, mas nem sempre. A profissão é desvalorizada e nem mesmo é reconhecida legalmente.

Dona Bena é também “puxadeira”, cura doença da alma (sacadura) e tira mau-olhado (quebradura), é “concertadeira”, coloca ossos no lugar, e benzedeira. Seu ofício é curar por meio de uma medicina própria da zona rural, que não requer cuidados especiais. É parteira dia e noite, sem descanso.

*— A qualquer momento podem me mandar buscar e eu não recuso o ofício, tenho que seguir o dom (...). Eu cobro R\$ 40,00 o parto, quando me dão. Eu já fiz três partos em uma semana e não me deram um tostão. Eu faço satisfeita do mesmo jeito. Dona Bena*

Todo parto é feito com ajuda dos espíritos. A palavra que é passada pelos espíritos à parteira permite realizar o parto com tranquilidade. É memória passada pelas mulheres porque apenas a mulher pode ser parteira, portanto, o conhecimento da parteira é essencialmente feminino.

---

<sup>25</sup> Esta personagem foi interpretada pela profissional.

O uso de cheiro de alfazema afasta espíritos maus e encantados e para os recém-nascidos é um calmante. É muito raro uma benzedeira revelar passos do seu ofício, orações e rezas que são apenas murmuradas, tornando ininteligível o seu conteúdo. O que é apenas visível é o gestual da “benzeção”; existe sempre uma reza secreta ensinada pelos espíritos.

A narrativa popular atrela-se à vivência coletiva. A parteira viaja e traz ao mundo pelo percurso do nascimento da vida, e Dona Bena viajou quilômetros nessa missão de parturir vidas. Além de tudo, é chefe da casa, trabalha no cultivo da mandioca, é agente de saúde voluntária e participa sempre de cursos e treinamentos para parteiras tradicionais.

Ainda com importância central, no meio rural, o partejar é ofício acumulado tradicionalmente pelas parteiras, que vem sendo recuperado no meio urbano por pessoas que decidem humanizar e valorizar o parto normal. A parteira tem um trabalho de atenção integral da mulher por acompanhar toda a gravidez. Ela não tem pressa de fazer o parto, ela sabe o que precisa ser feito inclusive se, em último caso, para salvar vidas, haja necessidade de acionar um médico para realizar cesariana.

Assim, o parto é um acontecimento social e familiar. A parteira tradicional tem essa habilidade interacional humanizada, e há muito que aprender com essas mulheres ribeirinhas, indígenas e quilombolas.

O trabalho da parteira é construído culturalmente na região do Baixo Tocantins, a atenção à saúde e as diversas práticas do cuidar da gestante e do nascimento são desenvolvidas sempre por mulheres no atendimento em domicílio.

— *Já fiz muito bem pros outros e pra mim. Olhe, já rezei pelos vivos e pelos mortos. Aparei, com a benção de Deus e a ajuda dos meus guias, muitas crianças; benzi, curei com esses nossos remédios do mato, da terra. (...) E, também já fechei os olhos de muitos parentes e amigos na hora da morte. Então, por tudo que eu já vi, fiz e vivi, eu não choro! Vou rir, mas vou rir, meu anjo, até o fim!* Dona Bena.

#### *O suicídio*

*Pra onde correr não possava ser  
As irmãs correram para o quarto.  
Ela estava retorcida.  
Mandaram chamar a benzedeira Benê.  
Nem reza braba fez Valdeci retornar.  
Mal-amada, abandonada sentida,  
sentiu a queimadura nas entranhas,  
charqueou o corpo de ácido*

## 2. PROCESSOS CRIATIVOS NA MEDIAÇÃO DO TRABALHO PROFISSIONAL

A ideia inicial do projeto Bandurra – Eh! foi a de fomentar o debate acerca da contradição entre a criativa produção cultural das comunidades quilombolas do Pará e o esquecimento dessas manifestações tradicionais, como o samba de cacete, o banguê, as folias, as ladainhas em latim, o Bambaê do Rosário, dentre outras. É fundamental encontrar formas de contribuir para o fortalecimento dessas comunidades e para a preservação do patrimônio cultural imaterial local.

Esse debate materializou-se por meio da montagem do espetáculo Bandurra-Eh!, com ênfase na relação corporal dos quilombolas com o trabalho, o descanso, a música, o canto, a dança, os instrumentos musicais, o uso da voz, suas histórias e suas lutas, na interface das linguagens do teatro, da música e da dança – manifestações que essas comunidades elaboraram e recriaram de geração em geração ao longo dos anos. A montagem cênica uniu as linguagens do teatro, da música e da dança baseadas nas manifestações tradicionais, na corporalidade e na musicalidade ancestral dos quilombolas da região do Baixo Tocantins, em busca também de desvendar as relações étnicas entre as diferentes culturas que se encontram na Região Amazônica.

O ponto de partida foi o estudo realizado nas comunidades quilombolas de Matias, Maú e Juaba, localizadas no município de Cametá, durante o qual o grupo de trabalho ofertou oficinas de iniciação em teatro, música e dança a quase 300 moradores locais. Assim, além da possibilidade de conhecer a cultura quilombola da região do Baixo Tocantins, notadamente a do município de Cametá, foi possível realizar oficinas, debates, cursos e apresentações e contribuir para o desenvolvimento artístico das pessoas que vivem nessas localidades.

É fundamental ressaltar a imensa disponibilidade dos moradores das comunidades envolvidas nesse trabalho e a surpreendente disposição para as artes e criatividade que os habitantes das comunidades demonstraram.

Nesse processo criativo da montagem teatral, a profissional ficou atraída pelas qualidades que emergiam, particularmente, dos gestuais das pessoas e da mímese corpórea. Encantei-me com uma mulher grávida encostada no batente: o deslizar de seus dedos ao desembaraçar os cabelos, a sensação delicada de retirar os cabelos sobrantes, carinho e pinceladas entre os dedos e cabelos, finos fios sutis.

*Percepção dos Dedos*

*Nesta vila ribeira  
do rio olho as palafitas  
ela de barriga apontada para o céu  
penteia seus favos de mel  
por entre os dedos, cabelos  
pelos ouriços  
pincela as linhas curvas  
que só percebemos ao carimbar no registro geral  
ou na leitura clarividente  
as estradas menores  
de onde a impressão fica e vai  
sente os dias passados  
os chãos limpos  
os peixes pescados  
relevo moldado  
no gesso revela  
que sente tão bela morena?  
acarinha mão com mão*

Para Benjamim (1994), a faculdade mimética (ou de imitação) é a natureza que a cultura usa para criar uma segunda natureza, ou seja, é a habilidade de copiar, imitar, criar modelos e explorar diferenças. Nessa concepção, a imagem, a magia e a imaginação tornam-se um outro objeto. A magia da mímese está no ato de desenhar e copiar a qualidade e o poder do original, a tal ponto que a representação pode, até mesmo, assumir aquela qualidade e poder. Observa-se, então, a aproximação entre a imagem e a magia dessa época.

A mímese corpórea é uma linha de investigação que busca conhecer a voz, a sonoridade, a musicalidade, o grave, o agudo, as pausas, a gestualidade e, posteriormente, o exercício de imitação, codificação e teatralização a partir da observação desses elementos físicos e vocais encontrados no cotidiano.

Para o estudo de mímese corpórea foram empreendidas várias etapas:

- Observação das corporalidades quilombolas em registros com qualidade e detalhes: descrição, relato, história, desenho e poema;
- Titulação criativa de cada ação;
- Breve descrição da ação: pessoa, idade, posições das cabeças, dos braços e das pernas.



Dinâmica de grupo com mulheres

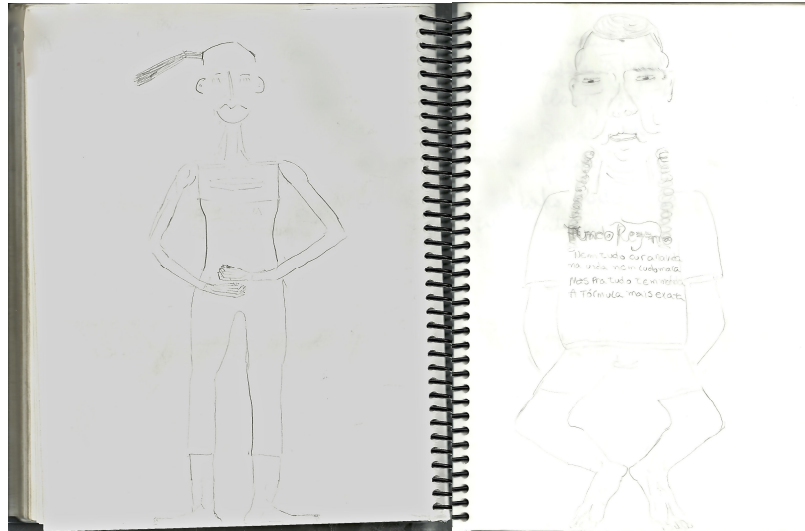
No teatro, no âmbito do ofício de ator, várias pedagogias propõem o processo de treinamento físico não cotidiano, a desconstrução do "corpo cotidiano".

Se eu pedir para um ator que me expresse alegria, ele me fará assim (fazia uma grande máscara de alegria com o rosto), mas se eu cobrir o seu rosto com um pano ou uma máscara neutra, amarrar seus braços para trás e lhe pedir que me expresse agora alegria, ele precisará de anos de estudo (BURNIER apud DECROUX, 2001, p. 67).

Foram realizadas oficinas de música, dança e teatro nas comunidades de Matias, Maú e Juaba, a partir da troca de saberes, histórias de vida, lendas, brincadeiras, incluídos os saberes corporais e de expressão artística da profissional. Esses saberes foram trabalhados cenicamente. "Nunca havia massageado meus pés, que delícia!", opinou uma das mulheres de Juaba.

Nas oficinas de teatro, foram trabalhados principalmente os seguintes temas: direito à educação; domínio privado e não privado dos espaços públicos; identidade quilombola; titulação de terras para remanescentes de quilombos; formação e manutenção de associação de moradores; a importância da história oral e a necessária da disseminação e escritura. A história oral transmitida de maneira detalhada e geográfica pelos responsáveis em preservar a memória coletiva conta a experiência e a cotidianidade desses povos.

Por outro lado, houve estímulo à formação de um grupo de teatro em uma das escolas, com a discussão do direito à saúde e das formas de organização e mobilização para garantia e consolidação das conquistas. As expressões da questão social trabalhadas foram incitadas pelo trabalho corporal, pelo sociodrama, pela contação e socialização de histórias locais.



Os companheiros de trabalho: Marina Mota (dançarina) e Walter Freitas (dramaturgo)

As oficinas foram divulgadas com antecedência pela pré-produção do trabalho. Ao chegar às vilas, já havia uma listagem de pessoas interessadas em participar das oficinas de música, dança e teatro: a oficina de teatro foi ministrada por mim.

Em cada vila, o desenrolar das oficinas deu-se a partir do perfil dos participantes e, ao final de cada uma delas, realizou-se apresentações cênicas resultantes da singularidade de cada comunidade. Em Juaba, as participantes eram mulheres, em Maú, crianças e em Matias, adolescentes. Apesar de eu haver previamente preparado as aulas, o roteiro determinado foi modificado pelo movimento da realidade. As sequências de alongamento e automassagem também foram utilizadas em todas as comunidades.

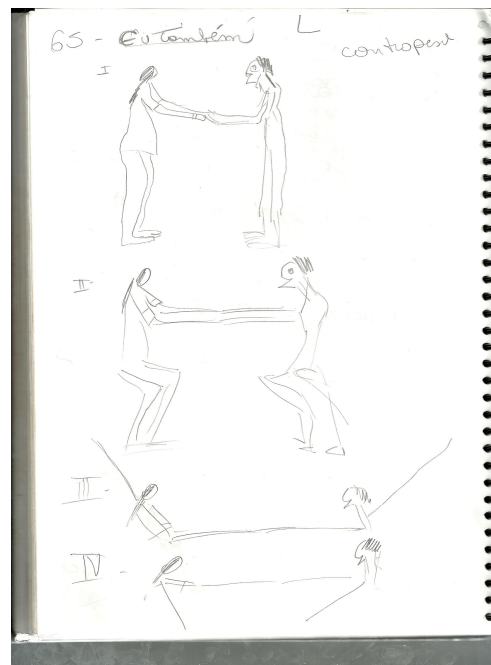
As oficinas com as mulheres, crianças e jovens passaram por vivências que permitiram o conhecimento e a percepção de seu corpo por meio de exercícios de movimentação, dinâmica de gestos, postura corporal e agilidade. As temáticas sociais e a recuperação das memórias de cada grupo foram abordadas e incitadas por esse trabalho de consciência corporal.

O ser social é um ser inteiro no qual objetividade e subjetividade se articulam. Nesse sentido, todas as linguagens são construções culturais historicamente determinadas e, portanto, necessárias ao conhecimento e apreensão da realidade e desenvolvimento do trabalho profissional.

Buscou-se conhecer os movimentos cotidianos e explorar a criação de ações não cotidianas.

Na medida em que, na vida cotidiana, o indivíduo expressa motivações heterogêneas, efêmeras, carregadas de espontaneísmo e repetição acrítica, não fazem parte do cotidiano a profundidade, a amplitude e a intensidade necessárias às atividades onde o homem entra em contato com sua essência, ou seja, com sua capacidade de criar, transformar, escolher, valorizar de forma consciente (LUKÁCS, 1970, p. 76).

Ao final das oficinas nas comunidades, realizaram-se apresentações cênicas. Para estimular os trabalhos de montagem cênica, introduziu-se um exercício no qual duplas escolhiam três palavras e três gestos ou ações corporais que não se referissem às palavras; cada dupla deveria escolher uma temática comum.



Estímulo ao encontro

Nas comunidades, foram realizadas entrevistas com moradores na perspectiva de dialogar, resgatar e disseminar imagens, símbolos, sociabilidades, representações, práxis e as condições de desenvolvimento cultural em cada quilombo.

A corporalidade quilombola foi bastante observada, como o rastejar de pés, o gesto de apontar um lugar com o beijo, ao invés das mãos e o parar com a perna apoiada no joelho. Conhecer e falar a linguagem do outro é fundamental no processo de estabelecer alteridade entre os pares, porque facilita a comunicação e aumenta a identidade. Importante prestar atenção em sotaques, gestualidades, corpos, tons de voz e jeito de criar uma frase.

Após o encerramento das oficinas nas comunidades, foram entregues aos participantes DVDs com material fotográfico e videográfico registrado.

O trabalho seguiu com a potencialização dos grupos culturais “5 de Ouro” e o “Bambaê do Rosário”, que foram levados pela equipe para se apresentar na feira do livro em Belém. Nas comunidades, já se conversara sobre a possibilidade de participação dos grupos no evento em Belém e ao chegar à capital paraense, os organizadores do show dessa feira comunicaram o patrocínio de hospedagem, alimentação e cachê aos músicos quilombolas, após conversa da equipe, que argumentou sobre a importância dessas presenças; o show contou com apresentações de Gilberto Gil, Emílio Santiago, Lenine e outros.

São conhecidos os imensos valores culturais legados ao Pará por grupos quilombolas de tradição ancestral que resistem na região do Baixo Tocantins, na forma de grande variedade de manifestações tradicionais, que vão do samba de cacete ao marierrê, das folias de reis ao Bambaê do Rosário, das ladainhas em latim aos mais diversos tipos de artesanaria. É uma população criativa, corajosa e trabalhadora, com uma história empolgante de lutas, vitórias e desencontros e de intermináveis problemas, também, causados por um acúmulo de demandas que se arrastam ao longo de vários séculos.

Entretanto, a beleza, a pujança e o talento desses grupos, por muitas décadas, tropeçam em sérias dificuldades de sobrevivência. Do isolamento causado pelas distâncias, pelo regime das chuvas e pela falta de serviços de infraestrutura aos críticos índices de desenvolvimento humano, as comunidades vêm, pouco a pouco, enrouquecendo as vozes desses verdadeiros protagonistas quilombolas. A despeito de se sustentarem e de resistirem na prática infatigável e cíclica da música, dança, canto, religiosidade – do cabo da enxada e da proa da canoa ao braço de seus instrumentos e ao couro de seus tambouros – eles sabem que um patrimônio valioso já se perdeu e ainda está ameaçado de perda.

Nessa perspectiva, nasceu o projeto “Bandurra-Eh!”, com diversas atividades ligadas ao estudo da cultura local, às oficinas de teatro, dança e música e à montagem de espetáculo cênico. Bandurra-Eh! é uma palavra e um símbolo que demonstram a necessidade de intervenções urgentes em defesa de um patrimônio ameaçado, já que se trata de um instrumento musical cuja fabricação e manejo se encontram em vias de desaparecer.

É igualmente importante preservar as manifestações culturais dessa região, incluída a capacidade antropofágica (no melhor sentido modernista) de se apropriar de informações para refundi-las e recriá-las ao modo local, fazendo retornar ao mundo uma visão própria e diversificada daquilo que originalmente lhe foi ofertado. Bandurra-Eh! sintetiza as idéias contraditórias de resistência e de vazío ligadas às manifestações tradicionais da cultura amazônica.

## 2.1. Quilombo Matias

*Primeiro a nossa terrinha garantida, pra roçar e poder comer  
Morador do quilombo Matias*

Matias é cheia de crendices. A única vila das três demarcadas pelo Estado, como área quilombola com título de posse, é um bairro do distrito de Juaba. “O Matias desceu pelos Igarapés, ‘primeiro ser de coragem’ roçou esta terra cheia de onças” (Benedito Nunes, o primeiro colono, que relatou que pra lá não ficou “e pra quê? Pras onças comerem seus filhos?”).

Ali vivem 68 famílias, aproximadamente, 360 pessoas, na maioria, em casas à beira da estrada. A base de sua economia agrícola é a policultura: mandioca<sup>26</sup>, pimenta-do-reino e cana-de-açúcar. O roçado mais frequente é o da mandioca e os moradores sobrevivem por meio desse cultivo e de derivados, como a farinha de mandioca e de tapioca e o tucupi trabalhados na casa de forno, local para preparar as farinhas.



---

<sup>26</sup> A origem da palavra é Tupi e vem de Mani-Oca, casa da deusa Mani. A mandioca pode ser consumida, frita ou cozida ou, então, se transforma em diversos tipos de farinha a depender do tipo de ralagem, prensagem e secamento.

A mandioca é um alimento especial nessa região – um arbusto que tem origem ali nas proximidades do sudoeste amazônico; o caule do pé da mandioca ou maniva é usado no seu plantio.

Todos os componentes dessa raiz tuberosa são consumidos, o caule é um veneno poderoso que se cozido por sete dias se transforma em um prato típico paraense – a manissoba. A mandioca é um alimento “muy rico”, fonte de carboidratos, cálcio, ferro, fósforo, potássio, vitamina C, vitaminas do complexo B e tem ação antioxidante. Na prática religiosa bastante comum na Região Amazônica, o Santo Daime utiliza-se de uma dieta de sete dias comendo mandioca em preparação para os rituais.

O historiador da memória coletiva da Vila Matias, Benedito Nunes da Silva, professor de história na escola<sup>27</sup> da comunidade, exercita sua memória de bichos e gentes na preocupação com o registro das histórias do surgimento dessas comunidades. O historiador nunca saiu de Matias, vai a um ou outro vilarejo, mas permanece ali para narrar a tradição local quilombola.

Matias é o nome do primeiro homem a desbravar as matas, entre as vilas de Juaba e Matias. O homem abriu estrada, construiu casa e levou a família, mas logo fugiu de lá, pois teve medo de ataques de onças; alguns dizem que a família de Matias chegou a ser atacada por onças.

A mãe Iara, que aparece no dia da Santa Vera Cruz, é chamada de cabeça d’água porque surge quando o Igarapé abaixa. Esse ser estranho, que apenas se sabe da existência e se vê alguma manifestação, começa a bater moponga (pular e bater com a mão na água) e faz um bocado de misura (confusão) e ronca (ruídos).

*— Batia-se um tamborim bonito perto das águas, ritmo e vozes. Criança não podia ir pra lá. Quando foi um certo tempo caiu um pau na beira do igarapé. Quando dava meio dia e seis horas da tarde estavam lá os Iaras da Preta, anões bem moreninhos, três molequinhos cantando e tocando, quando pressentiam que ia alguém pra beira do rio, entravam na água.*

Benedito Nunes da Silva

---

<sup>27</sup> A Escola Municipal Aquiles Raniere atende diversos vilarejos da região, equipamento conquistado, em 2010, após organização e luta empreendidas com apoio da associação de moradores.



Igarapé em Matias – casa de espíritos, moradia da mãe Iara e dos anões pretos iaras

O historiador, morador da vila faz um relato.

— *Um senhor com seu cravinote – uma arma, e sua lamparina de lata – “poronga”, foca na beira do igarapé e atira. A mãe do Igarapé virou o bicho, e a água cresceu e invadiu o tapiri (casa fincada na terra) dele. O adulto se amedrontou, teve calafrio e foi-se pra longe de Matias buscar um curandeiro pra lhe fazer macumbagens e afastar a feitura da mãe do igarapé. Quem mexe com a mãe do Igarapé fica assombrado.* Benedito Nunes da Silva.

Na dramaturgia de Walter Freitas, inspirada nos povos do Baixo Tocantins, Maria Manadora, a parteira, carrega consigo um segredo que precisa revelar a alguém antes que lhe suceda morrer. Ela sai de viagem pra pegar um bebê com Moquebito, tocador de bandurra<sup>28</sup>, que vai encontrar os amigos de seu antigo grupo de samba de cacete e tocar a bandurra que usou por muitos anos. Cupertina, a Rainha do Marierrê parte para encontrar, ainda uma vez, o homem a quem mais amou na vida e de quem há muito se perdeu.

---

<sup>28</sup> Bandurra é um instrumento espanhol que foi assimilado e reinventado pelos remanescentes de quilombos da região do Baixo Tocantins, na fabricação e nos modos de tocá-la, tipificados, frequentemente, no samba de cacete e no banguê.



Escola em Matias

Em Matias, as oficinas contaram com a participação de quinze pessoas, sendo catorze adolescentes e o professor de História, Benedito Nunes da Silva. Realizamos diversas conversas sobre o problema do autoritarismo da direção e as relações entre escola e comunidade. Os impasses e desafios da educação nos três locais passam por esse abismo entre o corpo diretivo escolar, docentes, discentes e comunidade. Em Juaba, o conflito escolar fora por conta da ausência de repasse da frequência de alunos para o núcleo de assistência social responsável pelo Bolsa Família em Cameté. Já em Matias, a questão central entre alunos, professores e direção da escola, naquele momento, era a obrigatoriedade de uso de calças para todos os alunos e alunas, ou seja, não podiam usar saias ou shorts.

As conversas diárias com os participantes da oficina de teatro foram incitadas por jogos teatrais e conduzidas no sentido de organização proativa de alunos e professores para enfrentar os conflitos com a direção. Estabeleceram-se diálogos no sentido de que um grupo de alunos e professores que apoiaram a liberdade de usos de uniformes variados discutissem essa pauta para organizar a lista de reivindicações e iniciar as negociações com a escola.

Mais uma vez, apesar de a proposta inicial ser a de trabalho corporal e estímulos cênicos, a demanda social foi abraçada no sentido da compreensão do movimento do real no qual a necessidade imediata pôde ser mediada criativamente. A emergência social se antecipou à proposta de expressão artística, foi abarcada e transformada em resposta a partir dos estímulos criativos.

## 2.2. Quilombo Maú

É um vilarejo, no fim da estrada, onde vivem outros povoados, que representam sociedades menos complexas na produção econômica, que plantam, prioritariamente, mandioca e pimenta-do-reino. Esse condimento utilizado para troca comercial é vendido a preço irrisório aos chineses; além disso, a vila se vale da pesca artesanal para subsistir. A entrada do vilarejo é circular onde se concentram as principais famílias. As casas ficam bem próximas umas das outras e vivem, por ali, aproximadamente 50 famílias.



Saca de pimenta-do-reino vendida a R\$50,00 para a China

*Piriquita ambóia  
Pendurada no caminho  
Para comer o ovo do passarinho  
Ai na beira do caminho  
Na beira do caminho ô (x3)  
Lá rararararara rá pan pan pan*

*Grupo 5 de ouro*

A música está bastante presente na Vila Maú. O principal grupo musical é o “5 de Ouro”, formado hereditariamente há 100 anos. Eles tocam valsas, folias de reis e o banguê. A composição instrumental é de bandurra, bandolim, reco-reco, onça (tambor fino), cuica feita de madeira grossa e bumbo. Os instrumentos artesanais são feitos por eles ou por *luthiers* da região.



Bandurra construída por *luthiers*, fabricantes locais de instrumentos de cordas

*Nasce assim, tão do sonoro  
 Senão do cumarú...  
 Da copiúba ele brota  
 E de mãos como esta aqui.  
 No sarilho a gente aperta  
 o couro bem vermelhinho  
 de veado, que já poucos  
 se acham nestes caminhos(...)  
 A bandurra: nove trastes,  
 quatro cordas, toda em cedro.  
 Serviu de selo à maldade,  
 trancada por um tal pedro...  
 Bumbo, quase voz de baixo,  
 e a onça, voz de lamento,  
 louvam nas festas a Nossa  
 Senhora do Livramento  
 e a Senhora do Rosário  
 por quem nutro imensa fé.  
 Tudo começou nas roças  
 guardadas por São Tomé,  
 mas o melhor, minha amiga,  
 são as vozes, é a calma,  
 tenor sobre contra-ato,  
 vindas do fundo da alma*

*Walter Freitas*

Vale lembrar, um exemplo, às avessas, trazido pela lenda do Flautista de Hamelin (Rattenfänger von Hamelin)<sup>29</sup>. A história ocorre na cidade de Hamelin Minden, em 1924, na qual um músico com sua flauta diz acabar com a praga de ratos que assola a cidade, atraindo-os para o rio; de fato, todos os ratos morreram. O povo não acreditou que tivesse sido o homem a dar fim nos ratos e não lhe pagou o soldo devido. Em resposta a isso, o flautista retorna à cidade com sua flauta, mas dessa vez atrai crianças com o som, elas são atraídas para um rio e morrem ao seguirem o apito metalizado. Das 130 crianças, apenas três sobrevivem: uma cega que não consegue seguir o flautista e se perde no caminho, uma surda que não consegue ouvir a flauta e uma deficiente que usa muletas e cai no caminho.

*Um estranho anda pelas ruas,  
saca a sua flauta e a toca. Um som flutua pelo ar.  
O pessoal de Hamelin pôde ouvir uma linda nota  
em cada canto da vila, paralisados a ouvir os encantos do som.*

*Lenda na Boca do Povo*



Em Maú, as flautas soam pelas tardes e no lugar dos ratos, os patos quaquejam e comem pelos pátios, e são as crianças que tocam flautas nesse quilombo vilarejo. O nome da vila refere-se ao mal que assolou a população, quando foram tomados por uma virose que matou muita gente no início do século XX.

---

<sup>29</sup> O Flautista de Hamelin é uma famosa lenda alemã, traduzida em mais de 30 línguas, modernizada e repaginada pelos Irmãos Grimm. Para mais informações consulte sites e informações em alemão e coloque em traduzir. [http://www.hameln.de/\\_mediafiles/1263-rattenfaengersage-hameln.pdf](http://www.hameln.de/_mediafiles/1263-rattenfaengersage-hameln.pdf)

Há uma estrada de terra de 15 km de extensão, que separa o vilarejo dos demais, tendo ao final a vila de Maú, situada entre roças queimadas e novos roçados. As mulheres são bem-ativas e em todas as comunidades o trabalho do roçado é feito por homens e mulheres. Na foto, a senhora de chapéu carrega consigo um panelo com pimentas-do-reino, que depois serão postas para secar ao sol.



Mulheres a caminho do roçado em estrada que chega em Maú

Nas oficinas de teatro, em Maú, além das técnicas de rolamento, massagem, jogos teatrais, foram realizadas conversas sobre desafios e possibilidades de se montar um grupo de teatro e discutidas estratégias e conteúdos impulsionadores para essa concretização. A vontade de formar um grupo de teatro na comunidade surgiu de participantes jovens.

Assim, a oficina em Maú foi dividida em dois momentos: no início das manhãs a realização de brincadeiras e jogos teatrais com 32 crianças, de seis a onze anos de idade, e da metade da manhã até o almoço, a oficina com quatro jovens para pensar as estratégias em viabilizar um grupo de teatro, no que tange aos aspectos fundamentais do teatro: interpretação, dramaturgia, direção, figurino, cenografia e teatro de grupo.



Em Maú, crianças imitam Juliana em trabalho de expressão corporal  
Foto: Marina Mota



Rio em Maú

### 2.3. Vila de Juaba

*Nós que vivemos aqui somos mistura de raças: negros, brancos e indígenas  
Lucilene, moradora da Vila*

A Vila de Juaba encontra-se em Cametá fundada no início do século XX, à beira do rio Tocantins. Descendente do Mola, aos poucos, essa vila ribeirinha, a maior da região, passou a ser o centro de encontro dos moradores. Ouve-se, ali, propaganda política e música pop americanizada e eletrônica por entre sons da natureza e das conversas à beira do rio.

Juaba concentra as relações de troca de outras vilas. A feira dominical é “pai d’égua” (algo muito bom), isto é, as vendas são para compras no local; vende-se caranguejo pra comprar farinha, roupa por carne de boi, galinha por sal, tapioca, laranja, lápis, caderno, arroz, biscoito, pasta, óleo, radinho de pilha, água sanitária e sabão em pó.

A vila de Juaba é simples e de extrema riqueza cultural. Uma vez ao ano acontece o Festival de Cultura criado, há mais de vinte anos, com apresentação das manifestações culturais da vila: farinhada; samba dos negros, xote juabense; mandioca (dança); dança do açaí; samba de cacete; bicharada e a manifestação religiosa bambaê. Dentre elas, o Bambaê do Rosário é uma dança criada pelos negros refugiados em louvor à Nossa Senhora do Rosário, cujas músicas falam do cotidiano, das histórias de vida e a santa é venerada com essa dança nas comemorações de outubro. O pessoal que dança o Bambaê do Rosário vem de toda a redondeza, de todas as comunidades do distrito – são os promesseiros.

*— O bambaê é uma dança criada pelos negros que se refugiaram na localidade de Mola e, ali eles tinham a imagem da Nossa Senhora do Rosário e, em referenda à protetora, eles criaram o bambaê. As músicas falam d a vidas e da história deles. De lá, foi trazido pra cá por Maria Piá, uma das criadoras dessa tradição. Moradora da Vila Juaba.*

A tradição religiosa afro-brasileira em louvor à Nossa Senhora do Rosário é semelhante às congadas de outras regiões do País, cuja festa que se realiza, em outubro, é a mais importante da vila, apesar do padroeiro ser São José. Nos dias da festa, pessoas que moram longe voltam para rever parentes e festejar o Rosário de Maria.



Porto de Juaba. Nessa região, as trocas econômicas e a comida chegam mais rápido pelas águas

O festejo inicia-se com a romaria fluvial na busca da imagem da santa pelas ilhas no rio Tocantins, como procede o Círio de Nazaré em todo o estado. No mesmo dia, dá-se início ao novenário que segue até o penúltimo dia da festa. Durante esses dias, os romeiros, visitam o rei e a rainha “em seus palácios”, representados por crianças que estão pagando promessa alcançada; os promesseiros dançam de acordo com a promessa e todos dançam nos festejos.

É no penúltimo sábado de outubro que acontece o grande dia da festa e às seis da manhã dá-se início a uma lindíssima alvorada que dura 15 minutos com o céu ainda escuro. Ao final da alvorada, que coincide com o nascer do dia, os participantes cantam a quatro vozes, a alvorada do Bambaê do Rosário.

A utilização do catolicismo por alguns reinos da África Central e suas formas de organização política e social contém indícios para a história de seus descendentes no Brasil e da diáspora africana, pois configuravam o contexto das memórias desses africanos que constituíram os reinados do Congo nas Irmandades Católicas leigas do Rosário em Minas Gerais (GABARRA, 2012, p. 89-90).

Após a alvorada, todos voltam para casa e às nove da manhã vão até o palácio do rei e da rainha buscá-los para a missa. Ao final, eles são levados de volta e, oficialmente acaba o “reinado do ano”. Mais tarde, acontece a procissão pela vila, onde crianças vestidas de príncipes e princesas, são vistas acompanhadas de suas mães que pagam promessas para Nossa Senhora do Rosário. Após a procissão, o Bambaê vai para a praça e se despede até o próximo ano.



Altar de Nossa Senhora do Rosário na igreja de Juaba

A manifestação mais típica de Juaba é um tipo de Congado<sup>30</sup>, expressão cultural e religiosa afro-brasileira celebrada em algumas regiões do Brasil. A história de africanos e seus descendentes, em Minas e no Pará, tem na coroação de reis e rainhas do Congo a referência do ritual de louvação aos reis Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Os trabalhos realizados nas comunidades eram intercalados entre conhecimento da comunidade, registros, entrevistas e as oficinas de dança, teatro e música. A oficina de teatro em Juaba contou com a participação de 22 pessoas, sendo 18 mulheres entre 18 e 64 anos, dois moços e duas crianças. Em Juaba, destaca-se o dia em que depois dos alongamentos e brincadeiras nas oficinas desenrolou importante conversa sobre comunidades quilombolas e identidade. As mulheres partícipes das oficinas dizem que a comunidade não se autodenomina quilombola e falam da importância das danças e da devoção a Nossa Senhora do Rosário no Bambaê do Rosário e, apesar, de reproduzirem a cultura do quilombo matriz Mola não se sentem parte de um quilombo.

*— Houve época em que havia devoção dos brancos e devoção dos negros. O Bambaê é uma manifestação cultural de cunho religioso que homenageia santas brancas e santo preto. Mas a comunidade matriz desta manifestação é Mola. Dizem elas: nós temos*

<sup>30</sup> O Congado é um ritual afro-brasileiro que nasce dos cortejos de coroação de reis, do culto aos ancestrais africanos e das celebrações de santos da Igreja Católica.

*ancestralidade, indígena, remanescentes de quilombos, como de Mola e de outras colônias das redondezas, de negros e de brancos. Não somos quilombolas.*

O sociodrama é um método de trabalho, no qual o grupo estuda um tema em concreto, uma situação social ou a si mesmo mediante um processo de grupo criativo guiado pelo coordenador. São os mesmos membros do grupo que podem escolher os papéis e, também, os que podem ser designados.

Encenou-se um sociodrama com a história da Adriana que foi ao posto do Bolsa Família e não pôde receber a bolsa pois a folha de frequência dos filhos deveria ter vindo da escola e não estava lá. Outras mães disseram ter o mesmo problema e, por vezes, foram jogadas de um lugar para ao outro. Esse fato foi encenado incluindo a resolução de conflito com uma reunião na escola, o diálogo com a diretora e secretária, a escritura de ata, a decisão de encaminhamento de ofício para o posto do Bolsa Família com acompanhamento de três representantes da comunidade.

A demanda referente à falta de liberação das bolsas do programa, nos últimos meses, devido a um problema de comunicação da escola com a equipe da assistência de Cametá, foi o motivo principal do sociodrama para a resolução de conflito. Discutiu-se quais os passos necessários para encaminhar a questão, quem atuaria e papéis de cada uma; os diálogos foram todos improvisados.

Na cena 1, foi feita a representação de uma reunião com a direção da escola junto as mães para entender se a equipe escolar estava entregando as frequências de alunos para o setor de Assistência Social de Cametá. Na cena 2, um grupo de mães foi até o município para atendimento pela equipe do Bolsa Família para resolver essa pendência (funcionários e assistente social).

Para ilustrar, segue fragmento dessa encenação.

— Usuária 1: *Quem é a última da fila aqui?*

— Usuária 2: *Ó! Não vem furar a fila, hein!*

— Atendente 1: *Próximo da fila!*

— Atendente 2: *Vamos organizar, tem gente do interior. Prioridades para gestante e mulheres com criança no colo. Todo mundo com documento na mão. São cinco números de cada etapa.*

— Usuária 2: *Aqui está minha documentação.*

— Atendente 1: *Olha, está faltando o carimbo, a assinatura do secretário. Conversa aqui com a minha chefe.*

— Usuária 3: *Vim cadastrar minha bolsa. Mas não trouxe os documentos.*

- Atendente 1: *Próxima!*
- Usuária 3: *Vim falar com a assistente social, minha bolsa está com o nome errado.*
- Atendente 1: *Um minuto que vou ligar pra assistente social. Olha, ela está viajando e volta na próxima semana.*
- Usuária 4: *Vim resolver o dinheiro da minha bolsa.*
- Atendente 1: *Olha, a senhora vai receber no dia 5/07/2010.*
- Usuária 4: *Credo! Até lá, meus filhos já morreram de fome. Credo!*
- Usuária 5: *O dinheiro da minha bolsa não caiu.*
- Atendente 1: *É o seguinte, a senhora tem dois filhos e está caindo dinheiro, apenas, da bolsa de um filho porque a frequência da escola do outro não está vindo. Desde março, falta a entrega.*



Exercício de sensibilização

A realização do sociodrama foi importante no sentido de criar e projetar soluções para um conflito vivido na comunidade. Ao mesmo tempo, que trabalhamos conteúdos cênicos e corporais, foi visualizado possível enfrentamento para resolver a liberação do Bolsa Família dessas mulheres.

Ao final das oficinas em Juaba, foi realizada uma pequena montagem teatral, a partir de uma visagem local contada por uma das mulheres participantes da oficina.

— *O marido foi ali no centro de Juaba comprar comida e muita farinha. Precisava atravessar o rio e sempre viajava de madrugada. Amanheceu e ela com o filhinho fez o café e*

*nada do marido chegar. Quando deu umas 11h, gritaram lá do outro lado pra ela trazer o casco (barco). Perguntou ao vizinho se tinha visto o marido, e nada, jantou, tomou banho e nada. “Apagou” e, quando ela acordou, um grito dizia que ele morreu. Ele morreu, ela pegou o filho Zinho e o colocou no peito. Uma voz falava com ela: tem gente aí dentro do quarto, bora acordar quem ta dormindo. “Ai meu Deus do céu”! Entraram os anjos e quando ela abre a porta do quarto cai um peso em cima dela e os anjos foram embora. Quando clareou ela foi ver, era o morto deixado no quarto, era um monte de ouro. E lá vem o marido dela sem nada, bêbado, pedindo pra jogar a corda do casco, e ela diz: caminho feio por onde veio. Ela não quis mais saber de marido nenhum.*

### 3. TRADIÇÃO, RESISTÊNCIA E VIOLAÇÃO

*Privado da memória, o homem torna-se prisioneiro  
de uma existência ilusória ao ficar à margem do tempo  
ele é incapaz de compreender os elos que o ligam ao mundo exterior –  
em outras palavras, vê-se condenado à loucura  
Andrei Tarkovski*

As tradições orais de quilombos são fundamentalmente um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais. Lembranças e memórias de determinados grupos sociais devem ser entendidas como relatos e versões sobre sua história.

Os africanos e seus descendentes foram se tornando pessoas escravizadas em condições desumanas ao longo da missão, dita civilizatória, realizada pelos europeus ocidentais. Suas origens étnicas são imprecisas, mas se delimitaram liguísticamente, ou por onde os povos foram capturados, ou de onde embarcaram. Os que vieram para a América e os Oeste-Africanos foram divididos pelos portugueses em Bantus<sup>31</sup>.

Os colonizadores subtraíram e capturaram histórias, culturas e identidades de povos perseguidos por motivos políticos, religiosos ou étnicos e de povos originários do Brasil, compostos de várias etnias indígenas nativas. No entanto, esses povos levam consigo seus conhecimentos e experiências diaspóricas<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> Bantu significa um grupo linguístico formado por muitos dialetos e línguas faladas, principalmente, na porção continental da África subsaariana, como o Umbundu, o Quibundu, e o Quicongo. Os Bantus trazidos para o Brasil vieram das regiões que, atualmente, são os países de Angola, República do Congo, República Democrática do Congo, Moçambique e, em menor escala, Tanzânia.

<sup>32</sup> Para aprofundar, ler *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais* de Stuart Hall (2003), autor que mantém diálogo com correntes contemporâneas de pensamento sobre as experiências de diápora, além de aprofundar o conceito.

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão ‘mundano’, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor (HALL, 2003, p. 28).

A chegada do negro no Brasil na forma de escravidão é a apropriação violenta na posse humana. A escravidão imprimiu a humilhação, a violência, a submissão e a desigualdade, como regra e fundamento da sociabilidade e da esfera política do País.

O conceito tradicional de quilombos, como reduto de negros ugidos, não contempla a amplitude da luta, da resistência e das estratégias de sobrevivência física e cultural encontradas nas comunidades remanescentes de quilombos. Uma comunidade de remanescentes não se define pela homogeneidade e nem pelo tamanho, mas pela manutenção de costumes como grupo de convivência comum.

Por outro lado, o processo de resistência negra se reitera nas fugas, nas revoltas e na formação de quilombos contra a escravidão, o preconceito e a dominação. E ainda, a apropriação do espaço por essas populações tornou-se referência para a construção da identidade quilombola e da afirmação cultural.

A criminalização da escravidão não tornou os negros realmente livres; a discriminação, opressão e exploração permanece até hoje. Enquanto vigorava a escravidão, os quilombos como forma de resistência abrigavam as populações negras. Após a existência da legislação que extingue a escravidão, os quilombos se tornaram um dos únicos espaços de sobrevivência física e cultural dos negros discriminados, julgados e excluídos da nova sociabilidade legal.

Para Edward Said (2007), a cultura pode ser uma ameaça ao poder, uma forma de memória contra a aniquilação e uma forma de luta contra a extinção de povos. Para ilustrar a identidade cultural de resistência descolonizante, o autor remete-se a um dos grandes poetas contemporâneos Mahmud Darwish, palestino engajado na luta pela libertação, poeta público de multidimensões.

*Carteira de Identidade*

Toma nota!  
 Sou árabe  
 Trabalho numa pedreira  
 Com meus companheiros de dor  
 Pra meus oito filhos  
 O pedaço de pão  
 as roupas e os livros  
 arranco da rocha...  
 (...)

Minhas raízes...  
 Antecedem  
 o nascimento do tempo  
 o princípio das eras  
 o cipreste e a oliveira  
 a primeira das ervas  
 Meu pai...  
 De família na terra  
 Sem nobreza entre os seus  
 Meu avô  
 De presença no arado  
 Nem distinto nem bento  
 Sem nome nem renome  
 Sem papel nem brasão  
 Minha casa, só choça no campo  
 de troncos e tábuas  
 E ela te agrada?  
 Sou nome sem sobrenome!  
 Toma nota!  
 Sou árabe  
 Cabelos negros  
 Olhos castanhos  
 E o que mais?...  
 (...)

Arrancaste as vinhas de meu avô  
 a terra que eu arava  
 Eu, os filhos, todos  
 Nada poupaste...  
 Pra nós, pros netos  
 Só pedras, pois não  
 E o governo, o teu, já fala em  
 tomá-las  
 (...)

*Mahmud Darwich*

Clóvis Moura (1959) destaca o caráter ativo dos negros na resistência ao escravismo e na luta por emancipação – uma rebeldia permanente e organizada dirigida pelos escravizados em todo o território nacional. Moura destaca que o movimento de mudança radical foi importante no desgaste do sistema escravista, ao dissolver as bases do modo de vida em diversos níveis – econômico, social e militar – e influir poderosamente para que esse tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre.

Percebe-se a manutenção de tradições do campesinato ribeirinho, como o extrativismo; a pesca artesanal; as atividades coletivas; a divisão da produção comunal; as sabedorias de cura e do parto e as manifestações religiosas e folclóricas, destacadamente, o marierrê (cortejo religioso) e bambaê do Rosário, ambos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário.



I

A Associação de Pescadores reunida no barracão cultural em Maú<sup>33</sup>

<sup>33</sup> Nas vilas pesquisadas, entendimentos e ações coletivas revelam-se fundamentais para a conquista de direitos sociais e reconhecimento da titularidade das terras. Em Matias e Juaba, a principal forma de organização coletiva é a Associação de Moradores; já em Maú é a Associação de Pescadores.

A luta e a reconquista de um território simbólico e material é constituinte do processo de identidade quilombola. Os resquícios de lembranças compõem a memória viva repassada pela oralidade, musicalidade, grupos de danças e festas religiosas. A identidade coletiva é fortalecida pela questão cultural. Os mundos interior e exterior são enriquecidos e mesmo produzidos pelos prazeres estéticos e culinários, pela prática de valores e hábitos próprios e pelo conhecimento dos valores alheios. A oralidade, a lembrança, a memória, os saberes e as práticas conformam-se em “(...) formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convivem, nas quais atuam e se comunicam e cuja experiência coletiva pode ser transmitida através de vias simbólicas para a geração seguinte” (OSTROWER, 1977, p. 13).

Historicamente, músicas e danças são formas de resistência. A capoeira, o samba, as marchas, as festas de rua e as rodas de batuque foram duramente perseguidas no escravismo e na I República. Tais manifestações são afirmações do universo cultural africano que se contrapõem às diversas formas de opressão, exploração e barbárie a que têm sido submetidos negros, afro-descendentes e trabalhadores pobres, do escravismo ao capitalismo.

Assim, nasceu o *blues*, o *jazz*, o *candomblé* e o samba como afirmação da força, da beleza, da criatividade, da alegria e da cooperação em contraposição à negação da redução do trabalho forçado e explorador dos negros e ao produtivismo.

A memória dos povos escravizados tornou-se oculta, historicamente reprimida e no limite da sobrevivência. A sua força relembra transparece nas representações e identidades tradicionalmente mantidas na invisibilidade para sobreviver à violência. Multiplicam-se as marcas dessa resistência, dispersas em designações do cotidiano que reativam a memória coletiva.

A diversidade dos modos de vida africanos constituem-se em outras identidades e se expressam culturalmente na diáspora. As comunidades aqui estudadas partilham de forte pertencimento e enraizamento na tradição cultural quilombola<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Os moradores não se reconhecem, como quilombolas, por causa da miscigenação de indígenas e brancos, embora suas expressões culturais: ritos, curas, partos, danças e religiões façam parte da tradição quilombola.

## CAPÍTULO – III FAVELAS

*sim mas eu sou favela  
 posso falar de cadeira  
 minha gente é trabalhadeira  
 nunca teve assistência social  
 ela só vive lá  
 porque para o pobre,  
 não tem outro jeito  
 apenas só tem o direito  
 a um salário de fome e uma vida normal  
 Bezerra da Silva*

### 1. A QUESTÃO DA HABITAÇÃO

No final do século XIX, no Brasil, o término do regime escravocrata implulsionou violentamente a migração de milhares de negros do campo para a cidade, o que aumentou significativamente a população das grandes cidades, principalmente, Rio de Janeiro e São Paulo.

Historicamente, na consolidação dos grandes centros urbanos, a partir do início do século XX, o processo de urbanização estabeleceu-se, concomitantemente à industrialização, ao surgimento das cidades e da classe operária e à formação do capitalismo no Brasil.

Dois movimentos se mesclaram, de um lado, o fluxo migratório para as cidades com trabalhadores à procura de emprego e, de outro, a adaptação do espaço à produção de mercadorias. Vale destacar que a habitação como mercadoria, tida como valor de troca na acumulação capitalista, tem na propriedade privada da terra e do solo urbano também uma fonte de lucro.

A demanda por moradias e por serviços urbanos se expande. As populações necessitam de habitação e começam a fazer construções improvisadas e sem infraestrutura, pois a escassez de moradias para as camadas empobrecidas nas cidades é um fenômeno historicamente presente na sociedade brasileira, e que permanece até os dias atuais.

Os primeiros assentamentos precários e improvisados foram sendo ocupados e construídos por pessoas que haviam sido escravizadas e por pobres brancos que sem terras e sem trabalho e moradia buscavam sobrevivência em áreas afastadas, morros ou subúrbios.

O êxodo rural para Rio de Janeiro e São Paulo e, posteriormente, Brasília foi impulsionado pelo fim dos ciclos econômicos do açúcar e do ouro em Minas Gerais e em

cidades da Região Nordeste, a partir da criação da indústria em novos polos econômicos. Essa mudança na estrutura econômica e a não realização da reforma agrária constituíram-se em fatores de expulsão de trabalhadores da “roça”. Por outro lado, aqueles que trabalhavam no campo, no roçado e na colheita de alimentos – primeira geração de migrantes – foram atraídos pela cidade na busca de melhores condições de vida e trabalho.

Ao lado do processo de segregação territorial, esse contingente populacional tornou-se população sobrando necessária ao capital, expulsos para as periferias das cidades. São os desempregados, sub-empregados em trabalho precário, informal e empregados com baixo salário e sem moradia. É importante compreender que, paralelamente ao fenômeno de urbanização, o sistema econômico não apresentou capacidade de absorção desses trabalhadores pelo capital, devido aos interesses de acumulação capitalista com repercussões na produção e reprodução das relações sociais.

Se, de um lado, iniciou-se o desenvolvimento das forças produtivas no trabalho assalariado e na relação capital e trabalho, nos quais a população economicamente ativa vende a força de trabalho, de outro, a burguesia se apropria forma privada da riqueza socialmente produzida no processo de produção de mais-valia.

Isso supõe dizer que, no modo de produção capitalista, a exploração econômica (re)produz a desigualdade social, cultural, educacional e territorial que cria e recria antagonismos de classe, enquanto valores inerentes à criação de valor e de mais-valia. A desigualdade é intrínseca ao capitalismo para a manutenção da exploração da força de trabalho, da propriedade privada dos meios de produção, da existência de classes antagônicas na sociedade.

A moderna propriedade burguesa é a última e mais perfeita expressão do modo de produção e de apropriação baseado nos antagonismos de classes, na exploração de uns pelos outros (MARX, 1998, p. 21).

Por outro lado, o capitalismo é um modo de produção associado a um sistema de ideias. A noção de propriedade privada é socialmente construída e legalmente instituída. Na reprodução de valores na sociedade burguesa o direito tem locus privilegiado. O direito de propriedade, tal qual o direito à vida e à liberdade, é defendido como direito natural humano por juristas, filósofos e economistas políticos. A propriedade do solo e da terra é considerada fonte originária de toda riqueza e é vista como um valor eterno.

Se a conquista gerou um Direito Natural de poucos, os muitos precisam apenas reunir forças suficientes, para adquirir o Direito Natural à Reconquista daquilo que lhes foi tomado. No curso da história, os conquistadores procuram conferir, por meio de leis, por eles mesmos promulgadas, um certo reconhecimento social ao seu Direito de Posse que emerge originariamente da violência (MARX, 2005, p. 2).

A declaração dos direitos humanos coloca o direito à propriedade entre os direitos naturais. Terra, campos, águas e florestas são propriedades adquiridas e não inatas. O princípio moral e legal da propriedade privada se superpõe aos direitos de vida e do morar. “A propriedade privada deriva-se assim da análise do conceito de trabalho alienado, ou seja, do homem alienado, do trabalho alienado, da vida alienada do homem estranho a si próprio (MARX, 2005, p. 2).

Engels (1988), em seu célebre texto “A questão da habitação”, demonstra que é impossível resolvê-la nos marcos do capitalismo. Ele aponta que o agravamento das precárias condições de habitação dos trabalhadores e a ausência de moradia relacionam-se à industrialização e à crescente migração para as grandes cidades no processo de desenvolvimento do capitalismo. O autor expõe os argumentos para a resolução da questão da habitação, entendendo-a na relação espaço e tempo, para além do plano da casa em si.

Nos marcos do sistema capitalista, a questão habitacional, precisa enfrentar a concentração de riqueza – 1% dos proprietários no Brasil detêm quase 50% das terras –; assim, no plano imediato, é preciso designar função social a todos os imóveis vazios, além da expropriação de casas monumentais e de luxo e da efetivação da reforma agrária. No plano institucional, é fundamental a revisão estrutural da política habitacional e dos programas para que, de fato, respondam aos interesses imediatos e históricos da classe que vive do trabalho., cujas famílias necessitam de mecanismos de barateamento de custo das moradias compatíveis com a suas condições de vida. Para eliminar a falta de habitação é preciso expropriar a propriedade privada definitivamente, abolir a exploração e opressão da classe trabalhadora pela classe dominante.

A questão habitacional aparece dramaticamente pelo déficit habitacional e precariedade das habitações e se configura em uma das expressões mais duras da desigualdade de classes, incluindo o desemprego estrutural e a desregulamentação das relações de trabalho que ampliam, ainda mais, a precarização das condições de vida e trabalho da grande maioria da população.

No Brasil, sete milhões de famílias encontram-se sem moradias e os mais de cinco milhões de imóveis vazios parecem dar indícios do que é uma das maiores expressões da

questão social no Brasil. Em São Paulo, a 9ª aglomeração do mundo, três milhões de famílias vivem em favelas e o crescimento constante da população em situação de rua na megalópole é flagrante.

As grandes aglomerações, denominadas hipercidades, onde vivem mais de 20 milhões de habitantes, estão inseridas em estruturas de urbanização consolidadas, nas quais o preço desse processo, denominado de conurbação urbana, é o agravamento das expressões da questão social, mais precisamente, da desigualdade social. A precariedade, insuficiência e déficit da habitação social têm se configurado como uma das expressões mais dramáticas da questão social para amplas parcelas da população.

O acesso à moradia definido pelo mercado do solo é de alto custo. Cortiços e favelas aparecem como formas mais comuns de reprodução da classe trabalhadora no capitalismo contemporâneo. As favelas e as áreas de autoconstrução na periferia urbana revelam estratégias de sobrevivência em uma metrópole em que a economia de mercado, aí incluído o preço do solo, impede o acesso da classe trabalhadora de baixa renda à moradia em áreas centrais da cidade e com infraestrutura. O custo que existe para morar está embutido em todas as taxas pagas, no preço do terreno e do imóvel e na localização.

Qualquer terreno apresenta um custo para a cidade que é fruto da infraestrutura que a cidade oferece. Ruas pavimentadas, esgoto, luz, água, linhas telefônicas, transporte, enfim uma série de serviços. O custo do terreno varia de acordo com os serviços vinculados a ele, levando em conta a localização e características da área. As ocupações em favelas são geralmente realizadas em áreas desvalorizadas pela localização e qualidade ambiental e geológica, fora dos interesse dos agentes do mercado da terra.

O movimento socioterritorial de urbanização brasileiro foi intenso e veloz. Em 40 anos, de 1940 a 1980, a população do estado do Pará renovou sua vida rural para a urbana. Esse desenvolvimento urbano foi acompanhado da privação da população pobre e trabalhadora do acesso a serviços públicos, a direitos sociais da cidade e à riqueza social.

“Desde 1970, o crescimento das favelas em todo o Hemisfério Sul ultrapassou a urbanização propriamente dita” (DAVIS, 2006, p. 27). As construções das cidades têm sido a autoconstrução de moradias populares por meio da qual os próprios moradores aliados a parceiros, amigos e parentes constroem suas moradias sem planejamento ou projeto, com materiais improvisados e, por etapas, de acordo com a entrada de recursos financeiros. Muitas vezes, começam com barracos feitos de madeiras improvisadas e lonas que, aos poucos, vão se tornando moradias de alvenaria; sobem-se andares e algumas casas tornam-se até pequenos prédios. A prática de autoconstrução insere-se no contexto capitalista como

forma construtiva autônoma em que trabalhadores aos finais de semana, feriados e férias constroem suas próprias casas: escolhem terreno, fazem projeto e realizam a obra sem custos com intermediários para o planejamento e a mão de obra.

No Brasil, 84,35% das pessoas habitam e/ou vivem em situação urbana e 51,2% de toda a população insere-se no mundo do trabalho; 90% do déficit habitacional compreendem famílias com renda de até três salários-mínimos.

O surgimento das favelas é a resposta de luta pela sobrevivência da classe trabalhadora que não tem onde morar e que vivem em precárias condições de vida e de trabalho. Os setores mais pauperizados ocupam vazios urbanos, fundos de vales, beiras de córregos, embora parte dessas áreas sejam municipais e tenham por destinação jurídica o uso comum do povo<sup>35</sup>.

Favelas consolidadas em áreas municipais, que não apresentam riscos podem ser desafetadas<sup>36</sup>, ou seja, transformadas de áreas de uso comum do povo para áreas públicas de bem dominial, sendo destinadas para a habitação social, cumprindo assim a função social da terra. Após a desafetação de áreas, é viável reivindicar a concessão do direito real de uso dessas áreas para fins habitacionais.

A alteração de área de uso comum para bem dominial justifica-se na medida em que atende uma reivindicação histórica do movimento de moradia, o direito à habitação. A função social da terra e da propriedade está prevista na Constituição de 1988<sup>37</sup> e o direito à moradia na Emenda Constitucional nº 26<sup>38</sup>.

---

<sup>35</sup> Os bens públicos são divididos em três espécies: bens de uso comum do povo, bens de uso especial e bens dominiais. Os bens de uso comum do povo são aqueles que podem ser usados livremente pelo povo, mas sem a exigência de serem gratuitos e têm como exemplos as ruas, parques, praias, praças e rodovias pedagiadas. Os bens de uso especial são conceituados como os bens que têm destinação pública específica e são designados a serviço ou estabelecimento da administração pública federal, estadual e municipal, inclusive autarquias, e não podem ser usados livremente, da mesma maneira que os bens de uso comum e têm, como exemplos, as repartições públicas, museus públicos, hospitais e cemitérios. Já os bens dominiais não têm destinação especial, servindo de finalidade social e ambiental da administração pública.

<sup>36</sup> Desafetação é a perda da destinação pública de um bem de uso comum ou de uso especial para caracterizá-lo como bem dominial, uma vez que somente os bens dominiais podem ser alienados por não terem destinação específica.

<sup>37</sup> No Brasil, a Constituição Federal, carta maior de uma federação, foi promulgada em 1988, a partir do processo democrático da Assembléia Constituinte e estabelece: os princípios fundamentais do Estado Democrático de Direito; os direitos e deveres individuais e coletivos; a organização do Estado; a organização dos poderes e as funções essenciais da justiça; defende o Estado e as instituições democráticas; a tributação e o orçamento; a ordem econômica e financeira; a ordem social; as disposições constitucionais gerais.

<sup>38</sup> A Emenda Constitucional nº 26, de 14 de fevereiro de 2000, altera a redação do Artigo 6º da Constituição Federal de 1988. "Art. 1º: O Artigo 6º da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação: "São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição".

À população empobrecida das cidades, resta ocupar áreas públicas municipais e estaduais precárias para construir habitações, como única alternativa, além da moradia de aluguel, dos cortiços e das ruas, face ao déficit habitacional e à inexistência de política habitacional efetiva. Na ausência de uma política pública de ocupação do solo, de saneamento básico e de prevenção de desastres, verifica-se um padrão perverso de ocupação socioespacial com a construção de casas em área de risco.

Desde meados da década de 1970, os movimentos sociais ligados à questão habitacional estabeleceram uma pauta de reivindicações em torno da conquista de direitos: à moradia, à cidade, à reforma urbana, às Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS)<sup>39</sup>, à concessão de direito real de uso, à urbanização de favelas e à regularização fundiária e questões ligadas à saúde, cultura, lazer e esporte. A conquista da função social da terra, da destinação de empreendimentos públicos para uso social e do fundo de habitação de interesse social foram se transformando em leis, em instrumentos jurídicos de acesso. É de fundamental importância que a população conheça e reivindique sua efetivação.

Vale destacar que a urbanização das favelas era uma reivindicação importante dos movimentos de moradia nesse processo de retomada dos movimentos populares, em um momento histórico da luta pela derrubada da ditadura militar, pela democratização do País e pela conquista de direitos sociais, sindicais e trabalhistas, entre eles, o da habitação social.

A investida dos governos ditatoriais se impôs por decretos de erradicação de favelas e, como exemplo dessa medida, pode-se citar aquela que tratava da utilização das áreas de uso comum do povo pelo decreto de Lei nº 15.086, em 1979, na cidade de São Paulo no governo de Paulo Setúbal. Esse decreto autorizava trabalhadores de serviço público da área de habitação social, em ação conjunta com a polícia, retirar moradores das favelas, erradicando-as. Um processo de ampla mobilização e denúncia dos moradores – com trabalhadoras e trabalhadores do serviço público e a Associação Profissional dos Assistentes Sociais do Estado de São Paulo (APASSP) – conseguiu o engavetamento desse decreto em 1978. Com essa conquista, os movimentos de moradia rearticularam sua organização autônoma e estabelecem pauta programática de lutas na esfera da habitação social.

No início dos anos de 1980, já não era mais possível a estratégia de obtenção da casa própria apenas por meio da autoconstrução em loteamentos clandestinos ou de iniciativas

---

<sup>39</sup> A partir dos anos de 1980, um novo instrumento urbanístico começou a ser desenhado, em várias cidades brasileiras: as Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) ou Áreas de Especial Interesse Social (AEIS); foi produto, sobretudo, da luta dos assentamentos irregulares pela não remoção e pela melhoria das condições urbanísticas e regularização fundiária. A concepção básica do instrumento das ZEIS é incluir no zoneamento da cidade uma categoria que permita, mediante um plano específico de urbanização, estabelecer padrões urbanísticos próprios para determinados assentamentos.

individuais. O aumento do custo da terra e dos materiais de construção, as áreas livres distantes dos centros da cidade articulados ao avanço da politização dos movimentos de moradia foram os principais motivos que impulsionaram as ocupações coletivas de terra.

Um movimento social de expressão política nacional que também luta por direitos é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que desde 1984, organiza trabalhadores do campo para ocupações em áreas improdutivas na luta pela reforma agrária radical sob o controle dos trabalhadores.

Nesse processo de lutas, com o ascenso das lutas sociais e de mobilizações sindicais e populares, foram criados movimentos de moradia, entre eles, o Movimento Unificado de Favelas (MUF), o Movimento em Defesa das Favelas (MDF), a União de Luta dos Cortiços (ULC) e foi iniciada a luta em torno dos loteamentos clandestinos culminando, em 1987, com a fundação da União dos Movimentos de Moradia (UMM).

Outra perspectiva de luta pela reforma urbana e moradia digna é a que defende o Movimento de Trabalhadores Sem-Teto (MTST), que desde 1997, empreende ação direta em ocupações de terrenos urbanos ociosos, e em prédios vazios nos centros urbanos.

Ao longo desses 35 anos, têm sido significativas algumas conquistas, como a Lei de iniciativa popular referente ao Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social; as Zonas Especiais de Interesse Social; a Concessão do Direito Real de Uso; a Concessão de Uso Especial para Fins de Moradia; o Usucapião Urbano; a Regularização Fundiária; a Função Social da Terra; a Urbanização de Favelas; a Lei do Cortiço no âmbito da função social da terra e da habitação. Parte dessas conquistas embora regulamentadas necessitam de muita luta para que, de fato, sejam executadas e, não raras vezes, os proprietários privados da terra buscam mecanismos jurídicos para inviabilizar esses direitos.

Hoje, cerca de 40% em média da população das grandes metrópoles vivem na informalidade urbana. São Paulo, a maior cidade da América Latina, possui 1.622 favelas com 30% da população residente nesses espaços habitacionais, 1.885 cortiços com 25% da população aí residindo e 1.152 loteamentos irregulares. Ainda há moradias precárias de aluguel, áreas de risco, habitação em beira de córregos, terrenos com erosão acentuada, áreas de depósitos de lixo e aterros sanitários, além da população que vive nas ruas da cidade.

Em síntese, as periferias das cidades brasileiras são castigadas pelas enchentes, ausência ou escasso acesso aos serviços de saneamento básico, péssimas condições de habitabilidade, ausência de serviços básicos, como rede de esgoto, coleta de lixo e água potável – essa é a dura realidade urbana vivida por milhares de moradores das grandes metrópoles brasileiras.

## 2. VIOLÊNCIA E OUTRAS FORMAS DE REPRESSÃO

São Paulo vive situação de práticas repressivas por parte do aparelho estatal, sendo a polícia executora da intervenção violenta do Estado na regulação dos antagonismos de classe. A violência é agravada, ainda mais, se se pensar em outras formas de opressão, como transporte público de péssima qualidade, ausência de moradia, perseguição aos movimentos sociais e repressão de diversas mobilizações na luta por direitos.

Entende-se, aqui, repressão como qualquer ação que vise a destruição dos direitos sociais, políticos e culturais. Há outras formas acentuadas de repressão, como a expropriação e destruição de casas; a proibição do comércio ambulante; a expulsão da população pobre das áreas centrais da cidade; a reintegração da posse de prédios vazios com proprietários devedores e a impossibilidade de acesso a equipamentos públicos.

As tendências às coerções e repressões aos diversos grupos sociais que vivem em favelas são alarmantes. Diante das mobilizações, ocupações e protestos, os sucessivos governos estaduais e municipais das grandes e médias cidades brasileiras vêm atuando com truculência, descaso e com alternativas habitacionais insuficientes.

Vale destacar as manifestações de moradores de Paraisópolis<sup>40</sup>, a segunda maior favela da cidade localizada na Zona Sul paulistana com cerca de 80 mil habitantes, que em fevereiro de 2009, realizaram protestos por melhores condições de habitabilidade, por cidadania e urbanidade e exigiam semáforos e lombadas por ocasião da morte de um garoto atropelado no bairro. A manifestação foi reprimida pela Polícia Militar e um intenso confronto se instalou com lastimáveis assassinatos pelos policiais e os moradores se defenderam com pedras e paus, fogos de artifícios, incêndios de carros e barricadas na entrada da favela para dificultar a repressão policial.

Outro exemplo, foi o drama das mais de mil famílias da favela Pinheirinho em São José dos Campos (SP), obrigadas a abandonar moradias e pertences pela violenta desocupação por ordem judicial, em janeiro de 2012. A ocupação social do Pinheirinho teve início, em 2004, em terra particular totalmente abandonada por décadas, uma propriedade em presunção absoluta, isto é, a terra já deveria ser do Estado. As 1.400 edificações foram derrubadas em três dias, móveis destruídos, casas demolidas, além de números relatos de

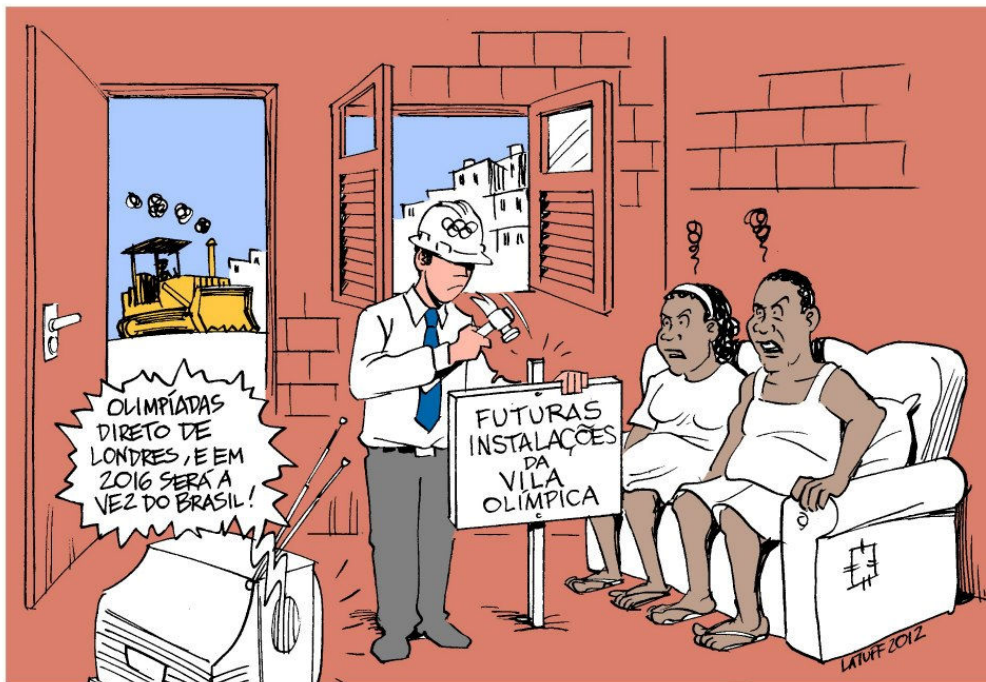
---

<sup>40</sup> A segunda maior favela da cidade localizada na Zona Sul paulistana tem cerca de 80 mil habitantes.

peças agredidas em confronto com a Polícia Militar, que contou com o reforço de dois mil policiais<sup>41</sup>.

No Brasil, desde o pós-64, essas estratégias empreendidas pelo Estado vêm se intensificando com remoções compulsórias de assentamentos. Naquele momento, os militares acabaram com 80 favelas e expulsaram 140 mil pessoas de morros do Rio de Janeiro, por exemplo. Hoje, os conflitos nas favelas, a invasão dos policiais nos morros, assassinatos de jovens negros pela polícia tornaram-se violências cotidianas que atingem famílias pobres que vivem nas periferias das grandes cidades.

A estratégia de limpeza urbana adotada por vários governos e os processos de gentrificação<sup>42</sup> em curso repercutem diretamente na vida dos moradores de favela e dos que vivem em situação de rua. No contexto dos megaeventos no Brasil, os despejos em massa e a perseguição oficial aos pobres intensificam-se.



Charge de Carlos Latuff, 2012

Nos preparativos para a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014 e Jogos Olímpicos de 2016, são imperativas a falta de transparência e a ausência de diálogo nas ações promovidas pelo poder público, particularmente, na execução de remoções e despejos de forma violenta. O baixo valor das indenizações e a inadequação das soluções habitacionais para as pessoas

<sup>41</sup> Ver: Pinheirinho - Tiraram minha casa, Tiraram minha vida.

[https://www.youtube.com/watch?v=zngfeyBW3aM&feature=player\\_embedded](https://www.youtube.com/watch?v=zngfeyBW3aM&feature=player_embedded)

<sup>42</sup> Gentrificação é o processo de valorização urbana que expulsa ou estimula as populações pobres a migrar de uma área e as substitui por moradores de classes médias e/ou por empresas.

atingidas acarretam o aumento de famílias sem-teto e de moradias em áreas de risco. Os motivos alegados para a remoção forçada dizem respeito a favorecer a mobilidade urbana e preservar as populações de riscos ambientais e estruturais.

É situação recorrente que muitas das famílias que moram em imóveis que serão removidos em decorrência da preparação das cidades para receber os jogos da Copa do Mundo de 2014, fiquem sabendo que terão suas casas demolidas não através do Poder Público diretamente, mas através de notícias de jornal, de observação das mudanças e obras que se iniciam nos arredores de suas casas, informalmente perguntando para agentes da Prefeitura, etc. (DOSSIÊ, 2012, p. 15).

As remoções e os despejos forçados são violações comuns, no Brasil, como foram em outros países, sedes de megaeventos.

Os modernos Jogos Olímpicos têm uma história especialmetne sinistra, mas pouco conhecida. Durante os preparativos para os jogos de 1936, os nazistas expurgaram impiedosamente os sem-teto e favelados de áreas de Berlim que talvez pudessem ser avistadas pelos visitantes internacionais (DAVIS, 2006, p. 112).

Em outras Olimpíadas, houve violações com a remoção de famílias de suas moradias, como ocorreram nas cidades do México, Atenas e Barcelona; em Seul e Incheon, em 1988, cerca de 720 mil pessoas foram removidas e, em 2008, em Bejing, 350 mil pessoas foram reassentadas para construção de estádios.

As realizações da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014 e Jogos Olímpicos de 2016, são oportunidades de gerar investimentos que reduzem as desigualdades sociais, com a promoção de melhoria das condições de vida da população brasileira. Na realidade, o que se assiste em nome da realização desses megaeventos esportivos é a violação de direitos humanos e sociais (DOSSIÊ, 2012, p. 83).

Se forem contabilizados os recursos investidos para a construção de equipamentos para Copa e Olimpíadas, o país poderia diminuir o déficit habitacional, ampliar o acesso aos serviços urbanos básicos, promover melhorias socioambientais, programas de trabalho e renda, investir na saúde pública e na educação. Além disso, poderia construir uma política esportiva que promovesse o esporte amador, além do esporte de alto rendimento e não beneficiar quem faz do esporte, fonte de acumulação de poder e de riquezas (DOSSIÊ, 2012, p. 84).

A implantação do estádio do Corinthians, o chamado "Itaquerao, ou "Arena Corinthians Itaquera", implicará em significativo impacto urbano sobre a região de Itaquera e, principalmente, sobre a população de seu entorno.

As obras incluem adequações viárias, novas edificações empresariais e a proposta urbanística do parque linear do Rio Verde. Essas intervenções pressupõem milhares de remoções de famílias que já vivem em condições precárias e que não terão alternativa de moradia e nem mesmo política pública para o reassentamento dessas famílias. A Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP) tem atendido algumas famílias com auxílio-aluguel, que é uma ação provisória e não garante a moradia que foi perdida.

As obras nesse entorno não vieram precedidas de conversas, negociações ou acordos com os moradores da região. Segundo dados do Sistema de Informações para Habitação Social na cidade de São Paulo<sup>43</sup>, ao menos, 4.528 famílias serão atingidas com essa intervenção.

Em janeiro de 2014, ocorreu o primeiro protesto contra a copa do mundo, ali o aparato policial era praticamente o dobro do número de manifestantes, isto é, cerca de 3 mil policiais ocuparam o centro de São Paulo o que resultou em violência aos manifestantes através de bombas, balas de borracha e cassetetes arbitrariamente.

O Congresso Nacional brasileiro respaldou a criminalização das manifestações de rua com o Projeto de Lei Antiterrorismo PLS 499 de 2013, com punições mais rígidas que a Lei de Segurança Nacional (LSN), editada durante a ditadura militar (1983) e ainda em vigor. A imprecisão do texto dessa lei abre um horizonte grande de interpretações sobre o crime de terrorismo e dá vazão para a detenção de qualquer pessoa que participar de um protesto com penas que variam de oito a 30 anos de prisão em regime fechado.

As lutas sociais devem se pautar, entre outras, pela defesa de que os recursos orçamentários que se constituem em fundo público se voltem para o atendimento dos serviços e políticas sociais e de emprego e pela garantia dos direitos sociais e trabalhistas. Nesse sentido, um plano estatal de obras públicas, de construção de equipamentos públicos, como creches, hospitais, escolas, postos de saúde e de urbanização e melhorias de favelas e construção de moradias populares, com a inserção dos moradores no emprego, é uma das estratégias para o enfrentamento do desemprego.

---

<sup>43</sup>Habisp: <http://habisp.inf.br>

### 3. FAVELAS DE TABOÃO DA SERRA

Taboão da Serra<sup>44</sup>, cidade com a quinta maior densidade populacional do País e a primeira do estado de São Paulo, tem 244.719 habitantes em 22 km<sup>2</sup>. Desse total, 19.783 domicílios ou, aproximadamente, 79.132 pessoas (média de quatro pessoas por domicílio) moram em assentamentos precários, também denominados núcleos, compostos por favelas, loteamentos e conjuntos em processo de urbanização, em regularização ou a serem regularizados e/ou urbanizados. São 35,22% de assentamentos a serem regularizados no município, acrescentando-se, a esse número, os cortiços e as moradias precárias de aluguel.

A situação habitacional é bastante precária em razão de vários aspectos, como: boa parte do lixo doméstico e de obras individuais lançados na rua ou em terrenos baldios; predominância de moradias precárias, irregulares e inacabadas; muitos barracos em áreas de risco; alta densidade populacional nas regiões de ocupação desordenada e baixa densidade populacional em outras áreas da cidade; urbanização precária em diversos cantos da cidade e parte do esgoto é despejado nas galerias pluviais e nos córregos.

#### 3.1. Favela Trianon

Ela está localizada entre a Estrada Tenente José Maria da Cunha e a Rua Rodrigues Alves, compreendendo a área de 23.967,51 m<sup>2</sup>, sendo 9.110,69 m<sup>2</sup> de área pública municipal e 14.856,82 m<sup>2</sup> de área particular, composta pelos loteamentos de Vila Mafalda, Jardim Trianon e Jardim Record Gleba C. Esse núcleo habitacional foi ocupado pelas primeiras famílias para a habitação popular, em 1967. Atualmente, possui 399 famílias cadastradas no Programa Habitar Brasil BID, portanto, residem no núcleo habitacional, em torno de 1.596 pessoas. Essa área era classificada como mista, ou seja, pública e particular.

A partir de 1998, inicia-se um processo de desafetação da área pública, a ser destinada para a habitação social de famílias moradoras desse núcleo, por meio do instrumento jurídico que transforma a área em uso de bem comum do povo, sistema viário e área de sistema de recreio (equipamentos públicos) e de desapropriação da área particular em que a equipe da regularização fundiária da Prefeitura de Taboão da Serra deu o suporte jurídico para que 23 famílias entrassem com ação de Usucapião Urbano em uma parte do Núcleo Trianon.

---

<sup>44</sup> Os dados apresentados sobre Taboão da Serra são provenientes da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente de Taboão da Serra.

### **3.2. Favela Irati**

Localizada entre as ruas José Mieli e Engenho Novo, o núcleo tem cerca de 27 mil m<sup>2</sup> e fica na divisa entre os loteamentos Jardim Record Gleba B, Jardim Record Gleba C e Jardim Trianon, distribuído entre áreas de sistema de recreio desafetada para o processo de regularização, com a interveniência do Ministério Público e área particular em desapropriação com Auto de Imissão Provisória na Posse registrada no Cartório de Registro de Imóveis. O núcleo abrange 351 famílias, em torno de 1.404 pessoas residentes.

### **3.3. Jardim Pôr do Sol**

Localizado na Rua Rolante, com aproximadamente 12 mil metros quadrados, esse núcleo (antigo acampamento do MST) ocupa parte do Loteamento Jardim Record Gleba C, onde existiam 156 barracos de madeira que foram demolidos e as famílias reassentadas no Núcleo Residencial Jardim Primavera, para que no local fosse implantado um novo loteamento composto de 46 unidades habitacionais. Foram deixados lotes livres para a implantação de novas unidades habitacionais para as famílias removidas do Jardim Comunitário, núcleo em urbanização com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Ministério das Cidades. O núcleo habitacional localizava-se em área particular que também foi desapropriada.

### **3.4. Jardim Primavera**

Localizado entre as ruas Sapucaia do Sul, Alvorada e Novo Hamburgo, esse núcleo residencial (antigo reassentamento) compreende aproximadamente 55.900 m<sup>2</sup>, tratava-se de área livre, na qual foi implantado um loteamento composto de 306 casas, sendo que dessas, 16 ruíram e devem ser reconstruídas com financiamento e contrapartida municipal: as famílias dessas casas foram remanejadas para esse mesmo núcleo.

Na área foi construída, ainda, uma creche municipal, denominada Escola de Ensino Infantil Maria Cebolinha, além de praças distribuídas pelo loteamento. Todas as 156 famílias que moravam no Jardim Pôr do Sol foram reassentadas no Jardim Primavera e as casas restantes foram destinadas para as famílias advindas dos núcleos habitacionais Irati e Trianon que foram removidas de suas casas por motivos de risco físico e social e para abrir frente de obras para o desenrolar do processo de urbanização.



Favela Trianon



Favela Irati

#### 4. COTIDIANO E EXPRESSÕES CULTURAIS

Um dos primeiros aprendizados, no início da formação acadêmica e do exercício profissional, dizia respeito à necessidade de conhecer a população e suas demandas. Esse afetar-se pelo real ocorreu desde o primeiro encontro com as pessoas nas favelas em Taboão da Serra, em reuniões, assembleias, visitas às áreas de intervenção, vistorias em casas, atendimentos individuais e em grupos. Em outras palavras, o profissional deve buscar apreender o cotidiano e a cultura particular e não se considerar detentor de saber antecipado em relação às necessidades, demandas e sentimentos das populações com as quais trabalha.

Nesse processo de relacionar-se e conhecer, a atenção centrou-se no conjunto de informações que foram captadas por meio de fotos, vídeo, gravação, desenho e cordel. Esses tipos de registro, e outros considerados criativos ou inovadores como, por exemplo, a edição e montagem de um vídeo apresentado em reunião, foram ferramentas importantes nesse contato direto; os moradores foram envolvidos, até mesmo, no ato de registrar.

*Um pequeno cordel para Trianon*

*Resolvi fazer um cordel  
Pra falar de Taboão  
Explicar porque vivemos  
Recitar qual a razão*

*Somos todos estagiários cada um na sua profissão*

*Profissão que não se entenda  
Ausência ou distância do coração  
Não somos mestre na matemática  
Mas queremos somar na habitação  
Seja no serviço social, jornalismo, artes do corpo  
Contribuir na solução*

*Nesses nossos encontros e desencontros  
Uma coisa já percebi  
Que no Trianon tem povo  
Que mesmo na dor aprendeu a sorrir  
Tem gente de Minas, Goiás  
Bahia, Maceió e Piauí*

*Marcos Costa<sup>45</sup>*

---

<sup>45</sup> Estagiário de Serviço Social no Projeto de Extensão da PUC-SP no 2º semestre de 2008.

Essa perspectiva de aproximação do cotidiano tornou-se instrumento de trabalho do dia a dia da profissional que esteve atenta aos processos criativos dos sujeitos envolvidos na conformação de sociabilidades manifestas.

Vale apontar alguns indícios de sociabilidade quando da autoconstrução de uma vila de seis casas na favela Trianon. Os quintais abertos uniam as casas em um ambiente de coletividade e de troca. A cultura do plantio e cultivo de ervas medicinais foi realizada de forma comunitária e as diversas expressões artísticas indicavam a presença de poetas e cancioneiros.

Vale dizer que esse ambiente favorável ao aprendizado profissional, à participação da população e à livre manifestação de ideias é condição fundamental da prática profissional vinculada aos direitos e lutas sociais.

Ao longo das vivências nesses núcleos habitacionais, a generosidade foi expressa, fundamentalmente, no acolhimento com que os moradores me recebiam em suas casas, oferecendo comida e café adoçado. A solidariedade manifestou-se nas inúmeras ocasiões de organização de festas de aniversário e demais comemorações de datas festivas do calendário tradicional, nas quais diversas famílias se uniam e repartiam as tarefas a fim de realizar os eventos da melhor maneira. A confiança mútua e o pressuposto da interdependência e respeito foram se tornando prática cotidiana entre moradores e profissionais<sup>46</sup>.

Essas experiências criativas e de sociabilidade constituem-se em conhecimento e práxis culturais na esfera da reprodução social e apontam para um novo modo de vida, quicá mais solidário e coletivo na direção de uma sociedade humanizada.

É necessário compreender que as expressões culturais, criativas e/ou artísticas têm sua importância na reprodução e desenvolvimento do ser social. Desde o brincar e as vivências do criar possibilitam o reconhecer-se no mundo. Sob a perspectiva histórico-cultural, o processo de criatividade pode ter influências e se dar de formas diferenciadas. Ainda assim, a criatividade é inerente ao gênero humano que tem, constantemente, a capacidade de criar e recriar, isto é, a capacidade de elaboração materializada no trabalho ou na transformação ontológica da natureza. É essa capacidade que possibilita a teleologia, a de criar e se projetar para o futuro. A partir de experiências já vividas, muita imaginação e fantasia, auxiliam a visualização de outra realidade inexistente como uma possibilidade histórica a ser perseguida.

---

<sup>46</sup> Em um dos mutirões realizados para construção do espaço cultural, no Irati, deixei minha bolsa na escadaria em frente a um bar e as crianças a guardaram e me entregaram posteriormente.

O que quer que se diga sobre o brincar de crianças aplica-se também aos adultos; apenas, a descrição torna-se mais difícil quando o material (...) aparece principalmente em termos de comunicação verbal. Sugiro que devemos encontrar o brincar tão em evidência nas análises de adultos quanto o é no caso de nosso trabalho com crianças. Manifesta-se, por exemplo, na escolha das palavras, nas inflexões de voz e, na verdade, no senso de humor (WINNICOTT, 1971, p. 61).

No Jardim Primavera existe um cantador, o sr. Deolindo, que gravou músicas de sua autoria em CD. Por um período, ele participou de uma cooperativa de catadores de lixo e fez uma canção citando também o programa de habitação.

*Tu sai da minha frente  
que eu quero passar  
carrego a bandeira do habitar  
Eu com meus amigos  
Combato a inflação  
Nós temos cooperativa  
Cooperativa aqui no Taboão*

Donizetti, morador do Trianon, considerava-se filho de Jeová, vestia túnica de seda de cor azul bebê e era frequentemente ignorado nos atendimentos do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Eu costumava atendê-lo e, se estivesse com tempo, ficava ouvindo, mais longamente, de que forma foi roubado de sua mãe em Jerusalém, além de suas concepções de mundo. Com ele e outros usuários do plantão da habitação, por vezes, parei o atendimento que fazia e propus momentos de descontração que incluía a massagem. Como profissional, preocupava-me com a necessidade, de um lado, de inovar esse exercício diário de trabalho e, de outro, de atender, adequadamente ou da melhor maneira, o que estava em jogo naquele momento. Os resultados sempre foram de maior aproximação.

As visitas domiciliares foram excelentes ocasiões para encaminhar questões referentes à casa, aos problemas estruturais, como abertura de janelas e, também, para orientações sobre o programa, informações sobre remoções e replanejamento das obras. Esses momentos foram muito importantes para conhecer sonhos, desejos e talentos culturais e artísticos e para informar sobre cursos gratuitos (de baixa procura por falta de divulgação) e outros projetos.

A vida cotidiana comporta ações da reprodução dos indivíduos que, por sua vez, possibilitam a reprodução da sociabilidade como um todo. Por meio da observação das casas, unidas por um quintal, por exemplo, foi possível elaborar estratégias com arquitetos e engenheiros para a criação de espaços nessa conformação, em que duas casas ou mais podem

dividir lavanderia, quintal ou horta, otimizando, assim, os espaços individuais e coletivos; em alguns casos, evitou-se a remoção de moradias.

Os estímulos profissionais foram desencadeados a partir de sociabilidade já existente, no sentido de incentivar relações, trocas e amizades, contrariamente, à perspectiva vigente que valoriza famílias “felizes”, mas desvinculadas dos problemas do bairro e da vida da comunidade.

Na favela Irati, a convivência familiar é comum e compartilhada entre algumas casas na mesma área, ou seja, uma família tem, ao menos, mais duas outras casas com familiares na mesma favela. Além disso, durante o ano, são realizadas atividades, como a festa das crianças, o jogo de futebol de jovens e adultos aos finais de semana e as oficinas de capoeira – dança/esporte bastante praticada no espaço cultural criado, em Irati, que será mais para frente detalhado.

Todas as oportunidades de encontro diários foram favoráveis a aprofundar aspectos da vida. Em visita domiciliar, a televisão ligada apresentava programa de alimentação, e essa foi uma ótima ocasião para conversa sobre alimentação saudável, cadeia de *fast food*, cultivo de plantas e alimento para as crianças.

Percebe-se o interesse e o esforço dos moradores em tornar o espaço familiar e coletivo em espaços afetivos para se viver melhor.

As propostas de melhoria das condições de vida também estão presentes no trabalho de revestimentos das casas, nas condições adequadas de higiene e no investimento em conforto, como a compra de eletrodomésticos, móveis e utensílios. Os moradores relatam que *mesmo não havendo investimentos na área, nós vamos fazendo a nossa parte.*

— *Vim e cheguei aqui nessa favela Irati que estou até hoje. Eu fiz esse barraquinho e ninguém me atrapalhou até hoje. Mas eu quero fazer uma benfeitoria aqui.* Sr. Manoel.

As mulheres trabalham, majoritariamente, como empregadas domésticas, diaristas, auxiliares de limpeza, ou em serviços, como manicure, cabelereira e telefonista; os homens trabalham na área da construção civil, como pedreiro, azulejista, pintor, encanador e no setor de comércio, em bar e restaurante. A partir do conhecimento das qualificações profissionais dos moradores e dos trabalhos por eles realizados, foi possível negociar com a construtora a contratação de moradores dos núcleos com especialidade na área da construção civil.

As moradoras mais antigas dos núcleos habitacionais trabalharam na roça antes de vir para a cidade e, frequentemente, não são registradas e o trabalho doméstico é árduo.

— *Trabalhei na roça. Aqui eu comecei a trabalhar de doméstica, depois de faxineira. Arrumei uma firma e trabalhei nove anos. Depois eu sai porque engravidei duas vezes em seguida e eles me mandaram embora. Por fim, trabalhei de doméstica. Trabalhei até 1999. Trabalhava numa casa. Eu dormia lá três dias, segunda, quarta e quinta. Na sexta, eu dormia em casa. Eu não era registrada. Disseram que quando eu precisasse aposentar eles faziam acordo. A mulher quando saiu disse que eu roubava. Eu já estava com seis anos lá. Depois desse episódio, eu perdi a vontade de trabalhar.* Dona Júlia, moradora do Trianon.

A população dessas favelas é proveniente, majoritariamente, da Bahia e de Minas Gerais, conforme depoimentos de moradores.

— *A gente tem 20 anos aqui nesta casa, viemos da Bahia, moramos de aluguel, viemos com dois filhos, depois nasceu Ana Carolina, três, depois compramos aqui que eram dois cômodos e arrumamos a casa (...) E estamos até hoje, criamos nossos filhos. O mais velho veio com sete anos, hoje, está com 28. E graças a Deus aqui é ótimo.* Suely, moradora do Trianon.

— *Nasci em Salvador (...) lá eu morei uns trinta anos. Trinta e poucos. Quando eu cheguei aqui eu não tinha quarenta anos. Já vou fazer oitenta. (...) eu nunca fui assim pessoa de grande influência para festas, minha natureza sempre foi calma. Só pedia prá trabalhar e nisso estou até hoje. (...) Depois que meus pais morreram em Salvador quem trabalhava era eu e eu tinha sete anos.* Raimunda, moradora do Trianon.

— *Eu nasci em Minas Gerais, na cidade de Januário. Vim e cheguei aqui nessa favela (aos 13 anos) que estou até hoje. Eu fiz esse barraquinho e ninguém me atrapalhou até hoje. Mas eu quero fazer uma benfeitoria aqui.* Manoel, morador do Irati.

Cabe ressaltar que, ao longo do projeto, as contradições relativas ao desenvolvimento do trabalho social foram muitas, fundamentalmente, no que concerne a problemas de repasse financeiro<sup>47</sup> para o Projeto de Extensão e profissionais; à lentidão da aprovação dos produtos mensalmente entregues (cada produto deveria ter aprovação da Caixa Econômica Federal, da

---

<sup>47</sup> A morosidade no pagamento tornou-se um problema grave, em toda a execução do projeto, posto que os profissionais contratados ficaram por oito meses sem receber pelo trabalho efetivamente executado em sua primeira fase. Esta situação obrigou a equipe a interromper o trabalho pelo período subsequente de um ano, quando o pagamento correspondente foi depositado e pôde-se (re)organizar o trabalho para a segunda etapa.

PMTS e do Ministério das Cidades); à morosidade do desenvolvimento do programa habitacional; aos interesses mercantis das construtoras; à burocracia da municipalidade e à proposta de programa habitacional bastante hierarquizada.

Em todo o processo de trabalho, a maior dificuldade dos profissionais, professores e estagiária(o)s, agentes comunitários foi a insatisfação dos moradores em relação às várias pesquisas realizadas e a não conclusão da urbanização dos núcleos Irati e Trianon iniciada em 1998. Isso reafirma que os projetos habitacionais ao longo dos anos têm se colocado distantes dos direitos sociais de habitabilidade e condições de vida, sofrendo permanentes interrupções, levando descrédito real da população em relação à efetivação do direito à moradia.

A morosidade das tramitações interinstitucionais e a ausência de repasse de recurso financeiro mediante trabalho executado fizeram com que o Projeto de Extensão sofresse interrupção, por mais de uma vez, ocasionando a necessidade da retomada de todo trabalho anteriormente realizado para que pudesse dar seguimento. A cada paralisação, havia necessidade de explicitar aos moradores o que se passava e, sem dúvida, um novo descrédito dos moradores. Cabe registrar que, em todas as vezes, a população envolvida se manifestou favoravelmente à equipe da PUC-SP e reafirmava seu descrédito quanto ao poder público, posto que as melhorias dos núcleos pouco se concretizaram<sup>48</sup>.

Nesses anos todos, além da quebra de continuidade, foram alterados os projetos arquitetônicos voltados para os interesses das construtoras e gerenciadoras, sem levar em conta as iniciativas populares que poderiam ser readaptadas.

Mais uma vez, verifica-se que os projetos de urbanização não levam em conta os conhecimentos, a história, a cultura e as decisões dos moradores no processo construtivo das habitações. Além disso, eles deveriam ter por base a realidade concreta da área com a eliminação das situações de risco e a garantia da permanência da população nas áreas ocupadas.

Cabe a este estudo explicitar os processos criativos e propostas alternativas nas ações socioeducativas, artístico-culturais, de comunicação e ambientais, como frentes de intervenção do trabalho social junto à população nas fases pré e pós-obras de urbanização nos núcleos de Irati-Trianon, Jardim Primavera e Pôr do Sol do Programa Habitar Brasil BID, no horizonte da autonomia e emancipação dos moradores em relação às suas formas de organização e de lutas por direitos historicamente conquistados.

---

<sup>48</sup> As contradições e críticas ao programa HBB, às relações interinstitucionais e à burocracia governamental não são objetos desta dissertação.

## 5. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

Essa caracterização foi realizada a partir da avaliação do Programa Habitar Brasil BID<sup>49</sup>, como uma das ações do Projeto de Extensão Universitária Irati-Trianon da PUC-SP<sup>50</sup>. A avaliação expressou claramente a existência de inúmeros problemas, desde a criação do programa HBB; o descrédito dos moradores pela interrupção dos projetos urbanísticos em diferentes governos; o congelamento das áreas que impediram os moradores de mexer na própria casa; as informações imprecisas a cada alteração de projeto arquitetônico e de engenharia; as mudanças de empreiteiras e gerenciadoras responsáveis pelas obras e o desperdício de recursos públicos.

A pesquisa procurou observar e coletar dados quantitativos e qualitativos a partir das diferentes formas de ocupação urbana desses espaços e da origem, trajetória de vida e trabalho e cultura dos moradores dessas favelas. Nessa avaliação, foram levados em conta os seguintes aspectos: tempo de fixação dos moradores nas vilas, enfrentamentos e desgastes frente à morosidade do poder público e subseqüentes modificações dos planos urbanísticos nos sucessivos governos municipais e incerteza em relação a sua viabilização e o conjunto de lutas pela sobrevivência.

A realização de entrevistas com moradores mais antigos, que ainda residem nesses núcleos e a aplicação de questionários e levantamentos com as famílias que saíram das áreas de Irati-Trianon e antigo acampamento do MST tiveram o objetivo de avaliar os trabalhos realizados pelo programa HBB. Os dados obtidos foram significativos para a caracterização das áreas trabalhadas.

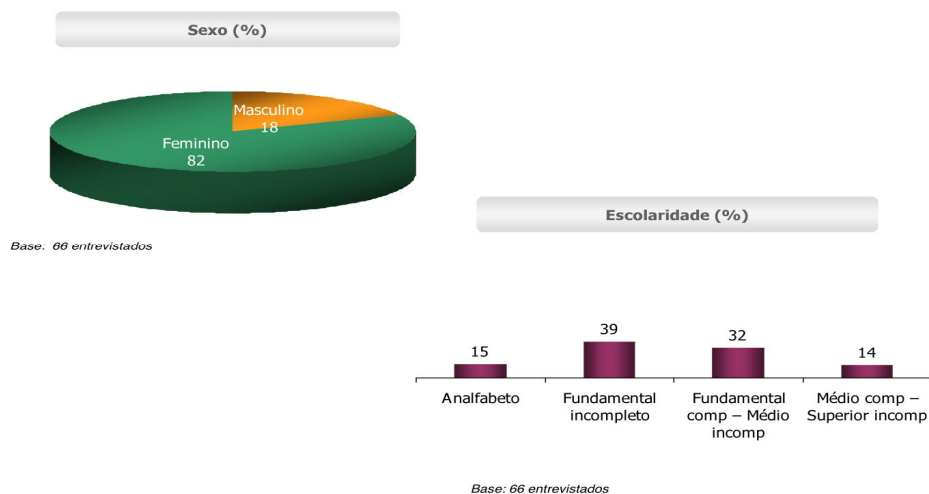
O estudo apontou que 54% de chefes de família ou cônjuges não têm ensino fundamental completo, 15% são analfabetos, e em 61% de domicílios, há pelos menos um desempregado.

---

<sup>49</sup> O Programa Habitar Brasil BID do governo federal desenvolvido, nacionalmente, tem por objetivo elevar os padrões de habitabilidade e de qualidade de vida da população no atendimento às famílias, com renda mensal de até três salários-mínimos, que residem em assentamentos precários conhecidos como favelas. O programa é executado em parceria com os municípios.

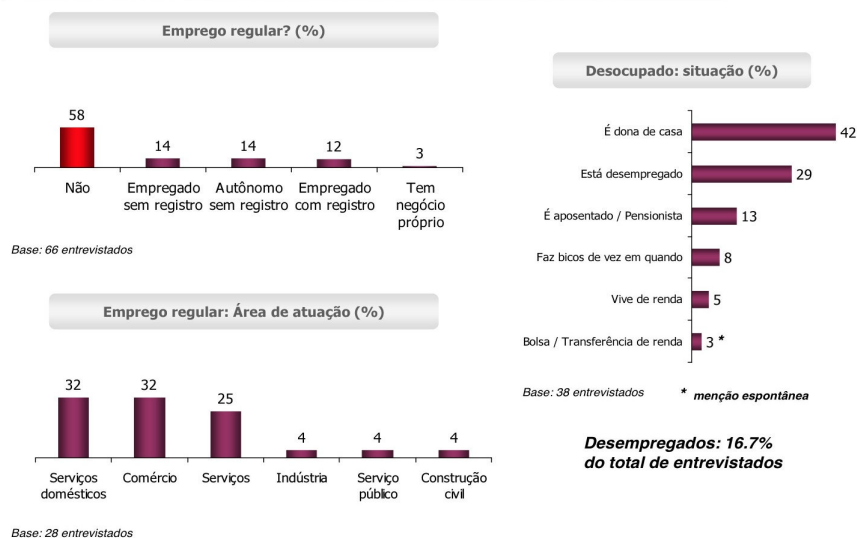
<sup>50</sup> O levantamento foi realizado de acordo com as diretrizes do Ministério das Cidades que preconiza a investigação quantitativa junto a 20% da população moradora e responde especificamente às áreas do Jardim Primavera e Jardim Pôr do Sol, respectivamente com 288 e 46 famílias moradoras. Os moradores dessas áreas residiam anteriormente nas favelas Irati e Trianon. Foram realizadas 66 entrevistas com chefes de família ou cônjuges, sendo 56 na área do Jardim Primavera e 10 na área Jardim Pôr do Sol. Os questionários foram aplicados, obedecendo a critérios de aleatoriedade na seleção dos domicílios.

## Perfil do entrevistado



Entre os entrevistados, o desemprego atinge 16,7% e entre a população inserida no mercado de trabalho, a informalidade tem larga predominância.

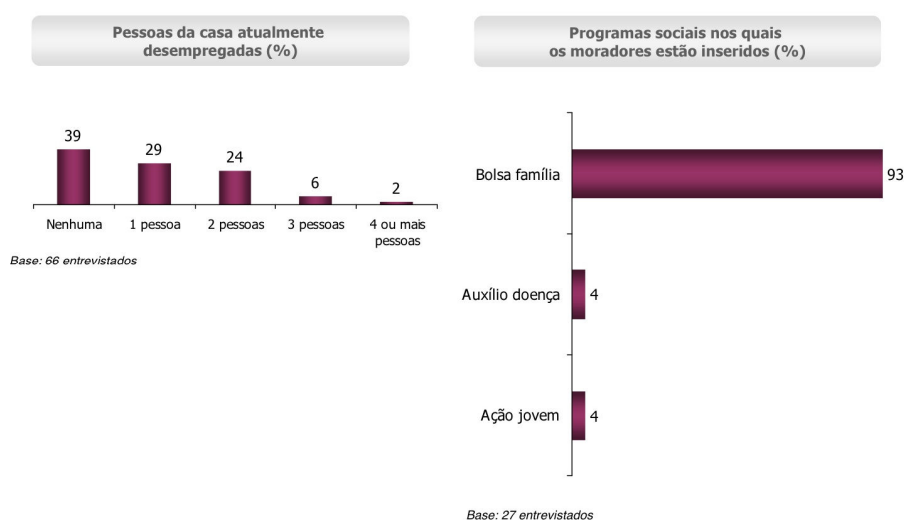
## Ocupação do entrevistado



A informalidade e o desemprego estão presentes na vida das mulheres, sendo que 58% das mulheres dos entrevistados não possuem emprego formal, 16,7% estão desempregadas e 32% trabalham em serviços domésticos.

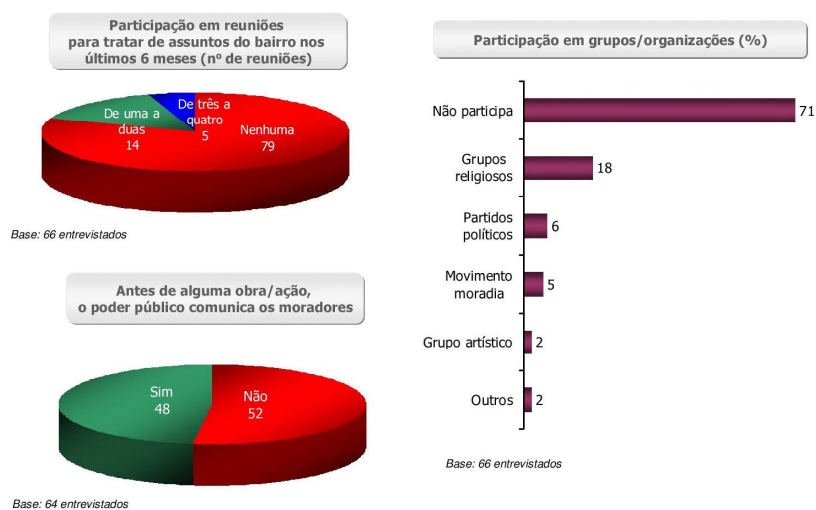
A baixa escolaridade relaciona-se à concentração do emprego em serviços domésticos, no setor de comércio e serviços e em atividades de pouca qualificação.

## Desemprego na família e programas sociais



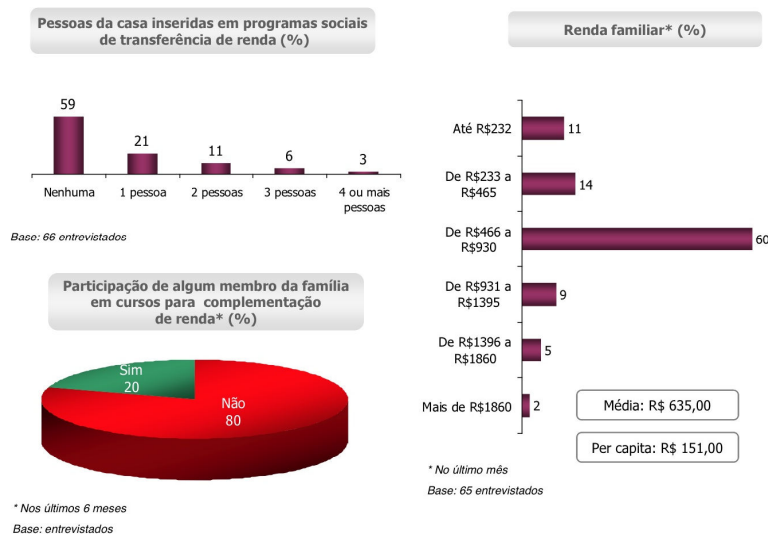
Ao mesmo tempo, 20% dos domicílios contam com pelo menos um membro que participou recentemente ou, ainda, participa de cursos que buscam viabilizar a complementação de renda. Isso dá a medida do interesse da população local em programas ou em atividades que propiciem maior qualificação profissional e melhoria das condições de vida.

## Participação social



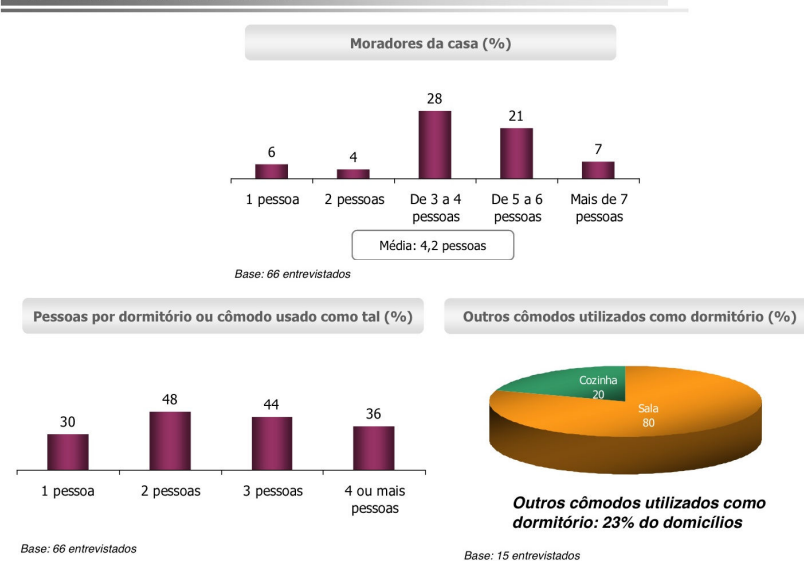
A pesquisa indicou também os limites da organização comunitária local: 71% não participam de qualquer grupo, associação ou organização e 18% vinculam-se a grupos de caráter religioso. A falta de organização nos núcleos habitacionais dificultou o trabalho quanto à adesão dos moradores no processo de coleta de informações. A população colaborou, mas exigiu da equipe um esforço maior para que os moradores participassem da realização das entrevistas. Esse aspecto refere-se ao desgaste sofrido pela população diante de processos intercortados com diversas alterações no projeto de urbanização desses núcleos, levando a um descontentamento em relação a real possibilidade de conclusão.

## Transferência de renda



As novas moradias não atendem à necessidade real das famílias. Mais de 28% das moradias abrigam de 3 a 4 pessoas na casa, sendo a média de 4,2 pessoas. No entanto, as moradias são entregues com apenas um dormitório, assim, outros cômodos, como sala e cozinha, tornam-se dormitórios, ou as famílias devem arcar sozinhas com a ampliação das casas.

## Moradores da casa

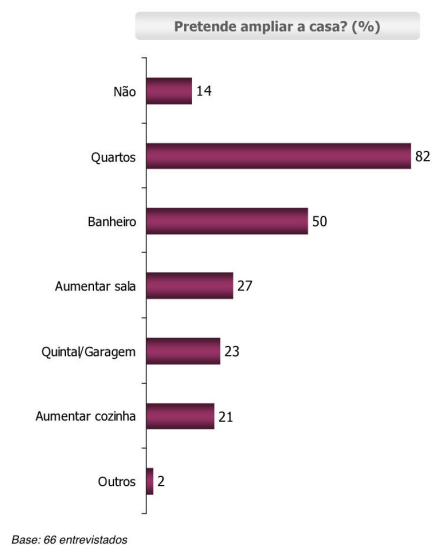


Para além do movimento pela ampliação de renda, cujo *per capita* está estabelecido em R\$151,00, com renda familiar acima de R\$1.396,00, 41% dos moradores contam com recursos de programas sociais de transferência de renda, notadamente, o Bolsa Família.

Entre os entrevistados, 92% declaram que o imóvel é próprio, porém, os dados referentes à regularização sofrem distorções porque a população, não raramente, desconhece o tipo de documento que possui.

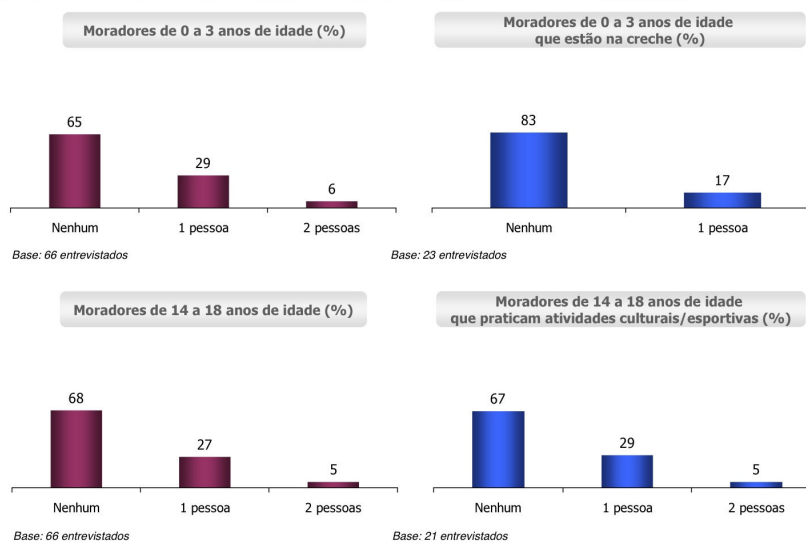
A observação de campo também permite destacar que parte expressiva dos imóveis passou por reformas. Apesar disso, em 23% dos domicílios, há a utilização da sala ou cozinha como local para se dormir. Além disso, em 36%, há pelo menos quatro pessoas dormindo em um único cômodo. Esses dados sobre dimensões e divisões dos cômodos dão a medida da inadequação do imóvel às necessidades das famílias e sinalizam a urgência de ações e financiamento para sua ampliação; quarto e banheiro são as maiores necessidades.

## Ampliação da casa



Há defasagens evidentes entre a presença de crianças de 0 a 3 anos e a inclusão em creches. Os moradores na faixa etária de 14 a 18 anos estão predominantemente fora de qualquer programa de atividade de caráter cultural ou esportivo. O diálogo com os moradores na coleta de dados trazia, como dado de realidade, a falta de alternativas dessa natureza para os jovens.

## Moradores crianças e jovens



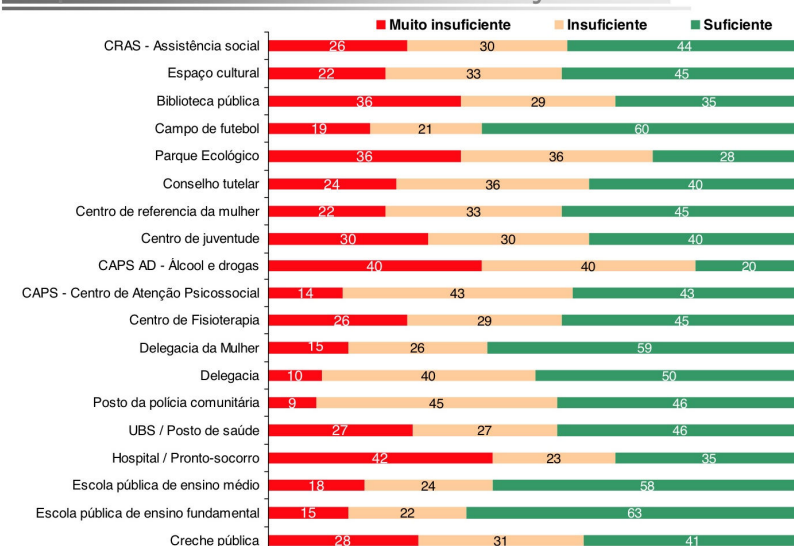
Programas que tratem da questão de álcool e das drogas estão entre as principais carências locais, bem como, hospital e pronto-socorro.

No interior das áreas, entre os aspectos arrolados para avaliação, a segurança e a conservação da Praça do Pneu são as principais demandas. A frequência dos ônibus, mas, sobretudo, a variedade de destinos são outros aspectos considerados pouco satisfatórios.

Apesar de a coleta de lixo ser regularmente efetuada (três vezes por semana), expressiva parcela da população local queixa-se da quantidade de lixo esparramado pelas ruas, referindo-se principalmente a um terreno baldio que possuía estrutura de coleta que deixou de existir, mas o ponto continuava sendo utilizado como depósito do lixo doméstico.

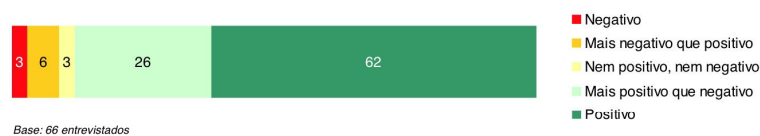
São poucos os hospitais e postos de saúde na região. O Hospital Geral em Taboão da Serra não tem leitos suficientes e a população frequentemente procura hospital em Itapeverica da Serra ou se desloca até o Hospital das Clínicas, em São Paulo.

### Disponibilidade e acesso aos Serviços: suficiência



Base – entrevistado afirmou existência do serviço: 54, 55, 49, 54, 62, 11, 10, 34, 34, 14, 5, 10, 27, 33, 14, 53, 14, 9, 27 entrevistados, a partir do alto do gráfico

## Mudar para este lugar foi...



## Avaliação geral sobre o programa Habitar Brasil



Excetuando-se a segurança pública e o acesso aos programas sociais, a avaliação predominante é que houve melhoria das condições urbanas nas áreas dos projetos, comparadas àquelas da moradia anterior, apesar de um cenário de variadas carências; a maioria das pessoas entrevistadas disse que o Programa Habitacional Habitar Brasil representou melhoria na qualidade de vida de suas famílias.

Vale lembrar que a população entrevistada para a avaliação quantitativa foi a que teve atendimento concreto do programa habitacional, uma vez que foi removida da área de risco e das favelas ainda em urbanização para uma nova casa em área de reassentamento. Assim, a partir dos dados quantitativos e dos depoimentos, percebe-se que a nova moradia representa dignidade, saída do aluguel e da área de risco e conquista da casa própria e melhoria geral na condição de vida.

— *Olha, hoje eu tenho assim, como eu vou te falar. Hoje eu me sinto com dignidade.*  
Moradora do Jardim Pôr do Sol.

— *Ah! Com todos esses problemas, minha casa toda rachada, mesmo, por mim eu nem trabalhava, só ficava dentro da minha casa. Olha, eu nunca pensei que eu ia morrer e ter uma coisa minha assim. Sabe, eu entrar na minha casa, ter a minha chave, entrar assim. Eu quero um dia, quem sabe, antes de morrer eu arrumar toda a minha casa do meu jeito, nem que seja um reboco, pôr um piso decente, pra mim tá ótimo. Nossa, não sei se você mora de aluguel, mas é a coisa mais linda do mundo! Eu com 40 anos morar numa casinha dessas.*  
Moradora do Jardim Primavera.

A conquista da casa própria constitui sonho de muitas pessoas na busca de superar os altos custos com o aluguel e os riscos de se morar em morros desnivelados ou em casas construídas precariamente.

— *Para mim mudou muita coisa, cê sabe por quê? A gente vivia num barraco, que a gente corria o risco de ser picada por escorpião, de ter cobra, igual aconteceu no meu barraco. Uma vez tava ventando muito, ai eu corri fechei a porta do banheiro, naquilo que eu fechei eu preendi uma cobra entre o banheiro e a tábua. Quando foi no outro dia que acabou eu abri a porta, a cobra lá, eu corri. Aí o escorpião também me mordeu e o meu marido. Aqui a gente não tem perigo dessas coisas.* Moradora do Jardim Primavera.

A saída de uma área – sem sistema de esgoto e sem energia elétrica regularizada, com sequestres enchentes e com características geográficas impróprias para moradia, para uma casa nova em um bairro urbanizado – é vista de forma muito positiva pelos sujeitos removidos e reassentados. Eles consideram que os problemas reais da nova unidade habitacional, como a falta de espaço e a ausência de segurança pública, acrescidos de outros referentes à qualidade de vida, à mobilidade urbana e à saúde, em nada se comparam aos anteriormente vividos.

## 6. TRABALHO SOCIAL

O Projeto de Extensão Universitária Irati-Trianon coordenado pelo Curso de Serviço Social da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP para atender os eixos estratégicos de sociabilidade e emancipação, processos criativos, comunicação e meio ambiente, contou com a participação de professores, alunos e estagiári(o)as dos cursos de Serviço Social, Comunicação e Artes do Corpo e com profissionais de campo: assistente social arquiteto, radialista, socióloga, ambientalista e com agentes comunitários constituídos por moradores das favelas Irati e Trianon.

O trabalho social desenvolveu-se em uma ação interdisciplinar em três frentes de atuação: Frente de Comunicação com a criação de Rádio Comunitária; Frente de Meio Ambiente, que implicou na realização de oficinas em torno de temáticas ambientais a partir do aprendizado de montagem e instalação dos Aquecedores Solares de Baixo Custo e Frente de Cultura, que envolveu o trabalho com crianças, jovens e idosos.

Todas as discussões nas frentes de trabalho pautaram-se em decifrar crenças e valores dominantes nessas comunidades que afetam o indivíduo e a sociedade no mundo contemporâneo. Por outro lado, foram reforçados determinados valores de sociabilidade vistos nas diversas atividades realizadas em Taboão da Serra.

Os anseios e expectativas da população participante do programa HBB relacionados às questões de moradia e condições de vida e trabalho foram o elo para o estabelecimento das mediações criativas. O estímulo às formas próprias e autônomas de organização estiveram no eixo central das pautas de assembleias, reuniões, encontros e frentes de trabalho.

A participação de agentes comunitários no Projeto de Extensão foi fundamental no desenvolvimento de todo o trabalho, em razão da vivência cotidiana nos núcleos habitacionais, dos vínculos afetivos e familiares e da participação na vida comunitária. A presença desses profissionais foi facilitadora por ocasião das visitas, entrevistas, pesquisa qualitativa e quantitativa, ações nas frentes de trabalho, no reconhecimento das ruas, vielas, terrenos baldios e na apresentação de seus moradores.

### **6.1. Frente de Comunicação: Rádio Comunitária**

A comunicação em massa, no Brasil, existe para promover a alienação, padronizar comportamentos e consumos e manter a desinformação, constituindo-se em um sistema que tem por função criar também a ilusão de que todos pertencem a uma mesma sociedade virtualmente sintonizada. Na realidade, apenas uma minoria, a classe dominante, é que se apropria privadamente da riqueza produzida socialmente pela maioria da população explorada economicamente e oprimida socialmente. Os meios de comunicação, portanto, são instrumentos ideo-políticos e culturais de um projeto de classe para perpetuar o modo capitalista de produção.

A televisão é uma das formas mais eficientes da comunicação em grande escala e se enquadra na reprodução de valores e comportamentos para vender sonhos de consumo. As intencionalidades são direcionadas pela imagem e som para o desenvolvimento de hábitos e visões de mundo.

A produção de valores veiculados em novelas, telejornais e propagandas se engendra no processo de circulação de mercadorias como parte integrante do sistema capitalista. A comunicação de massa e a propaganda se apropriam de todos os valores e de expressões culturais necessárias à comercialização de produtos.

Os dados da pesquisa realizada pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC, 2005) sobre as principais redes de televisão do Brasil apontaram que o sistema brasileiro de televisão é composto, atualmente, de 332 emissoras, sendo 263 vinculadas às redes Globo, SBT, Record, Bandeirantes, Rede TV! e CNT. Segundo esse estudo, Globo e SBT possuem, respectivamente, 20 e 11 emissoras próprias, o que não é permitido pelo Decreto-lei nº 236/67, em seu Art. 12, que estabelece que uma mesma entidade só pode deter o máximo de 10 concessões de radiodifusão de sons e imagens (TV aberta) em todo o território nacional.

A Rede Globo, de propriedade da família Marinho, um conglomerado, líder com 223 veículos próprios ou afiliados, número maior que o SBT e a Record juntos, que ocupam o segundo e o terceiro lugares, respectivamente. A Globo detém ainda 33,4% do total de veículos ligados às redes privadas nacionais de TV e controla o maior número de veículos em todas as modalidades de mídia: 61,5% de TVs UHF; 40,7% dos jornais; 31,8% de TVs VHF; 30,1% das emissoras de rádio AM e 28% das FM. Os principais grupos regionais de mídia, em sua maioria, são afiliados à Rede Globo, e seu conglomerado é o único presente em todos os tipos de veículos de comunicação existentes no País.

Alguns estudiosos descreveram a situação dos estados, apontando a hegemonia e a centralização da informação e domínio da comunicação brasileira por alguns, apenas, que detêm os meios. Uma emissora de TV, em geral, é afiliada à Rede Globo e predomina na audiência local. Há presença de, pelo menos, dois jornais diários, sendo que, na maioria dos casos, um deles está vinculado a um canal de TV (geralmente afiliado à Rede Globo de Televisão), que é também ligado a uma rede de emissoras de rádio AM e FM.

Como se não bastasse tamanha penetração nos âmbitos nacional e local, outra constatação é a de que os noticiários veiculados, nacionalmente, por emissoras de rádio e TV e jornais da Rede Globo, são reproduzidos por todos os veículos dessa teia de comunicação, então criada localmente. Isso se faz, de maneira oposta ao que está estabelecido na Constituição de 1988, no Art. 220, § 5º, no qual estabelece que os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

Segundo dados do IBGE de 2010, 98% dos domicílios no território nacional são cobertos por rede televisiva. Em março de 2013, a Rede Globo anunciou que, até 2014, 70% do território nacional estaria coberto pelo sistema digital da TV Globo. A televisão é o veículo de comunicação de maior alcance no País e o meio de informação e entretenimento mais utilizado pelos brasileiros.

Essas considerações são importantes para apontar que a realização da Rádio Comunitária tem um papel fundamental na luta por uma sociedade verdadeiramente democrática, justa e igualitária. De um lado, a possibilidade de criar um veículo dessa natureza pode assentar bases para a (re)construção do sistema de comunicação na perspectiva democrática. De outro, é preciso que o sistema de radiodifusão seja distribuído para os setores sociais empobrecidos, espoliados e que seja operado sem fins lucrativos.

### **A. Objetivos**

O objetivo central das atividades de formação, fomento e implantação da Rádio Comunitária foi o de estimular os moradores à comunicação recíproca e ao desenvolvimento das expressões artísticas, dando oportunidade a todos de utilizarem o microfone e perder, na prática, a timidez e o medo de falar em público. A Rádio Comunitária é um instrumento importante a serviço da população, na qual as reivindicações, trajetórias de lutas e conquistas, informações e denúncias são transmitidas à população, com criticidade e qualidade. Ademais, a possibilidade de transmissão e divulgação das expressões artísticas e culturais dos moradores significa um ponto central de encontro para iniciativas de interesse da coletividade.

## B. Formação

Por meio do Projeto de Extensão Universitária Irati-Trianon, ocorreram oficinas experimentais da Rádio Comunitária na Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis para que os moradores acompanhassem a trajetória histórica das rádios comunitárias brasileiras. Nesses encontros, houve exposições e debate sobre a organização e legislação das rádios comunitárias; direitos e deveres da comunicação; a luta pela descriminalização dos locutores populares e dos movimentos sociais. Ademais, era necessário abordar a abertura de concorrência pública; os patamares técnicos de funcionamento de uma rádio nos parâmetros da lei; a rádio web e digital nos parâmetros da legislação; o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) e outros sistemas de funcionamento; a democratização da comunicação e a importância de participação na Conferência Nacional de Comunicação (CONFECON).

Nessas oficinas, foram discutidos os seguintes aspectos da comunicação no Brasil.

a. Embora a informação circule em escolas, locais de trabalho, famílias, ambientes interpessoais e vida cotidiana, as informações preponderantes na sociedade, e que uniformizam o senso comum, são veiculadas pelos meios de comunicação de massa, emissoras de rádio e TV, jornais, revistas e, mais recentemente, internet;

b. No Brasil, desde o século XIX, a mídia impressa é essencialmente uma atividade empresarial privada;

c. Uma outra forma de organização dos meios de comunicação está relacionada à radiodifusão;

d. As emissoras de rádio e de televisão são operadas por concessões públicas do Estado, pois embora a Constituição Federal preveja a convivência entre sistemas públicos, estatais e privados, o que predomina é o sistema operado por empresas privadas. O rádio desde 1930 e a TV desde sua inauguração, em 1950, são privados;

e. O oligopólio privatista da comunicação, no Brasil, está concentrado nas mãos de famílias ou grupos empresariais, a saber:

- Família Frias – *Folha de S. Paulo*/UOL;
- Família Mesquita – jornal *O Estado de S. Paulo*
- Rede Eldorado de Rádio;
- Família Abravanel – SBT
- Família Saad – Rede Bandeirantes e mais seis rádios
- Edir Macedo – Rede Record e mais Rede Aleluia com 72 emissoras de rádio

- Família Civitta – Abril;
- Família Roberto Marinho – Org. Globo (Rede Globo de televisão e jornal *O Globo*);
- Família Sirotsky, à frente da Rede Brasil Sul (RBS) nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, está presente de forma predominante no âmbito regional da comunicação.

As oficinas e vivências foram coordenadas por oficiais da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO)<sup>51</sup> e do Coletivo Brasil de Comunicação Social (INTERVOZES)<sup>52</sup> e foram abertas aos moradores dos núcleos Irati-Trianon do Projeto de Extensão, aos trabalhadores de comunicação da região, à população interessada e aos funcionários das secretarias de habitação e de comunicação do município de Taboão da Serra.

### **C. Estratégias para implantação da Rádio Comunitária**

- Descobrir se há demanda para a implantação da Rádio Comunitária;
- Criar grupos de discussão sobre liberdade de expressão e direito de expressão;
- Buscar espaços públicos ou nas comunidades para a implantação da rádio;
- Solicitar à prefeitura a criação de rádio educativa na região;
- Fazer mapeamento e verificar quantas rádios existem e comportam no município;
- Sensibilizar e aglutinar os moradores em torno dessa iniciativa;
- Diagnóstico para entender a demanda da comunidade e debater sobre os meios de comunicação.

### **D. Vivência experimental da Rádio Comunitária**

Foi realizada em 2010, um dia de vivência experimental da Rádio Comunitária na Escola Machado de Assis<sup>53</sup>. Os alunos da escola foram convidados a integrar a experiência e, ao todo, 72 alunos propuseram-se a fazer o programa de rádio. Em seguida, foi realizada reunião com eles para organizar essa atividade. Resolveu-se fazer o programa com auditório, no qual todos pudessem se manifestar e participar, entrevistando convidados, alunos, moradores e professores; os participantes do auditório também poderiam fazer perguntas.

---

<sup>51</sup> A ABRAÇO foi fundada, em 25 de agosto de 1996, com o objetivo de unificar a luta pela regulamentação das rádios comunitárias no Congresso Nacional, pela democratização dos meios de comunicação e pela liberdade de expressão; essa organização luta, também, contra os monopólios de comunicação no Brasil por meio de manifestações radiofônicas das comunidades das cidades, das periferias e do campo.

<sup>52</sup> O INTERVOZES é uma organização que trabalha pela efetivação do direito humano à comunicação no Brasil.

<sup>53</sup> Vivência é a expressão usada quando as atividades desenvolvidas contam com responsabilidade e presença ativa, implicando participação nas decisões no âmbito do processo de trabalho.



Oficina de Rádio Comunitária

Projeto de Extensão Cultural Irati-Trianon  
PMTS-SP e PUC-SP

Oficina experimental na Escola Machado de Assis

A montagem do equipamento e transmissor foi feita na biblioteca da escola, bem como cenário e ambientação com características próprias de auditório e rádio. Os testes realizados na frequência 97,7 FM e, por internet, na Rádio Pietá tiveram boa repercussão. O auditório estava lotado com moradores, alunos, professores, técnicos, secretários municipais. O programa contou com dois estudantes que serviram de âncora e uma aluna ajudou a operar a mesa de som. A Rádio esteve no ar, ao vivo, ininterruptamente, das 18 às 22 horas, com informações e debate dos temas: saúde, educação, trânsito, aquecedor solar, a importância da rádio comunitária, da democratização, da comunicação e o dar voz à população para sua organização e expressão cultural e artística; houve direito à réplica e tréplica dos participantes.

Enquanto a Rádio Comunitária estava no ar, direto da PUC-SP, a professora e coordenadora do Projeto de Extensão, Maria Beatriz Costa Abramides, acompanhou o programa com a turma de alunos que participou com perguntas pelo viva voz de celulares.

A experiência dessa rádio experimental foi altamente positiva. Moradores, alunos, e técnicos da prefeitura perceberam a dimensão e o poder de uma rádio comunitária, e a repercussão foi igualmente excelente, com muitos elogios à experiência.

Na prática, população e prefeitura local decidiram, a partir dessa vivência, montar uma rádio comunitária permanente na cidade de Taboão da Serra. Ao longo de 2010, a Secretaria Municipal da Cultura e a ABRAÇO organizaram encontros para implantar a Rádio Comunitária no município.

De fato, essa iniciativa pode ser referência para outros experimentos de Rádio Comunitária a serem desenvolvidos pela população. A vivência experimental da Rádio Comunitária cumpriu seu papel social (com o microfone colocado a serviço da comunidade), dando voz aos que excluídos de participação política tivessem um canal democrático como legítimo exercício da liberdade de expressão.

### **E. Efetivação da Rádio Comunitária**

Após a formação e a vivência experimental da Rádio Comunitária, a ABRAÇO, o radialista do Projeto de Extensão da PUC-SP, a arquiteta da prefeitura municipal, a equipe da secretaria de cultura e o movimento social organizado em Taboão da Serra realizaram várias discussões e ações para implantar a Rádio Comunitária no município. Esse grupo organizado conseguiu um espaço e, com a coleta de milhares de assinaturas, a cidade de Taboão da Serra ganhou a licitação para viabilizar a radiodifusão no ano de 2011.

### **F. Análise crítica**

As rádios comunitárias têm se constituído em importante veículo de comunicação e organização para bairros periféricos das grandes cidades que viabilizam a comunicação das reivindicações e expressões artísticas e culturais locais, ensejando a aglutinação, mobilização e organização dos moradores.

As rádios comunitárias, também chamadas de radios livres, têm se aglutinado por todo o País por intermédio de militantes da comunicação organizados na ABRAÇO e no coletivo INTERVOZES os quais procuram, em conjunto, articular ações no sentido de consolidar as rádios comunitárias como instrumentos de luta social.

As rádios comunitárias têm favorecido à participação social de forma significativa e sua ampliação pode, cada vez mais, assegurar o protagonismo dos movimentos sociais populares, étnico-raciais, de livre orientação sexual, dos sem-terra, dos sem-teto, dos indígenas, das populações quilombolas e ribeirinhas, do movimento feminista, dos estudantes e dos trabalhadores.

## 6.2. Frente de Meio Ambiente: Aquecedores Solares de Baixo Custo (ASBC)

A Frente de Meio Ambiente do Projeto de Extensão Universitária Irati-Trianon foi formada para associar a questão energética, que dentro da temática ambiental se configura como a mais urgente, ao trabalho imediato das questões concretas que surgem, no processo de urbanização, relacionadas ao direito humano fundamental da moradia.

Há uma crise ambiental que antecede à energética, determinada pela mudança climática e gerada pelo uso intensivo de fontes energéticas fósseis, como petróleo e carvão. Ambas, crises ecológica e energética, são antecedidas por outras crises de natureza social, política e econômica, bastante graves e profundas.

As agressões ao ecossistema planetário, como a desertificação, a perda da qualidade do solo, o buraco na camada de ozônio, a escassez de água-doce, a degradação dos oceanos, a extinção da biodiversidade do planeta e as crises de mudanças climáticas são os problemas ambientais que acometem a humanidade.

Para a classe trabalhadora, é possível superar as mudanças climáticas e a crise ecológica ou ambiental, se elas estiverem associadas às lutas históricas pelos direitos sociais, contra a desigualdade econômica, social, política e cultural e pela emancipação humana.

As iniciativas contra a desigualdade econômica e social são lutas fundamentais e necessárias para se enfrentar as mudanças climáticas. As questões trazidas pela urgência das mudanças climáticas e as relacionadas à crise energética deverão ser aproveitadas para se aprimorar o pensar e o fazer e para a articulação das lutas sociais mais gerais.

O sol é a principal fonte de energia e todas as demais fontes são derivadas dele. Desde 2001, a Sociedade do Sol (SOSOL), organização não governamental associada à Frente de Meio Ambiente do Projeto de Extensão, dedica-se à luta pelo Direito à Energia e à Energia Solar, e oferece à sociedade brasileira e internacional acesso ao conhecimento sobre um sistema autoconstruído de Aquecedor Solar de Baixo Custo, o ASBC. Essa opção tecnológica de caráter social e patente pública justifica-se por razões bastante conhecidas, mas que merecem destaque, a saber:

- Quem já sofre desigualdade social, econômica e ambiental sofrerá primeiro os impactos das mudanças climáticas;
- A principal problemática da sustentabilidade na moradia, após regularizada, são os altos gastos impostos pelas concessionárias de energia elétrica;
- A luz solar é inesgotável e disponível, exceto em lugares muito nublados.
- A energia solar não gera gases estufas e nem lixo radioativo.

A energia solar deve ser cada vez mais utilizada, como medida mitigadora e adaptativa frente às mudanças climáticas, tendo em vista à superação da crise ecológica.

Segundo dados de pesquisa realizada pela Eletrobras, nas edificações residenciais brasileiras, o chuveiro elétrico, equipamento mais empregado para o aquecimento de água para o banho em habitações de interesse social, é responsável por uma média de 24% do consumo de energia elétrica nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, além de ser utilizado no horário de pico do sistema elétrico, fato que aumenta sobremaneira essa demanda. O banho é responsável, também, por uma das maiores parcelas do consumo de água de uma edificação residencial. No caso dos chuveiros elétricos, isto se deve principalmente à longa duração do banho.

Por se tratar de uma região tropical próxima à linha do Equador, o Brasil possui favoráveis índices solarimétricos, dados determinantes para o uso da energia solar. O País possui cerca de 90% de seu território em regiões com potencial para o uso dessa energia.

As aplicações práticas da energia solar podem ser a que utiliza dispositivos para convertê-la diretamente em energia elétrica (painéis fotovoltaicos) ou em energia térmica (coletores solares e concentradores). O sol emite energia sob forma de ondas eletromagnéticas denominadas de radiação solar. O coletor solar é responsável por absorver e transferir o calor dessas ondas (radiação solar), em geral, para a água que circula em tubos no seu interior. Os sistemas de aquecimento com energia solar são essencialmente constituídos pelo coletor, reservatório térmico, fonte auxiliar de energia, elétrica ou gás, e rede de distribuição da água aquecida.

Segundo o criador do sistema, o engenheiro Augustin Woeltz, o ASBC é um projeto para livre utilização da população, cuja tecnologia não foi patenteável pela simplicidade, sendo ela adquirida por meio de um manual desenvolvido pela SOSOL<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> Material disponível, gratuitamente, na internet, ou em curso de capacitação oferecido na sede da ONG.



Reservatório de água revestido de manta térmica e placas solares



Caixa-d'água revestida com isolante térmico

A proposta é disseminar tecnologias à população, especialmente, a de baixa renda, permitindo ao residente fabricar e instalar seu próprio sistema de aquecimento solar de água para banho, utilizando materiais plásticos que originalmente são fabricados para outras aplicações, mas que apresentam um custo de aquisição substancialmente menor que os empregados nos sistemas convencionais.

O sistema do ASBC processa-se com a água aquecida pela radiação solar que incide sobre a superfície preta do coletor que circula por termossifão para o reservatório de água quente. O sistema auxiliar de aquecimento é feito por um chuveiro elétrico ligado em série com um *dimmer* (controlador eletrônico de potência de um chuveiro elétrico), que permite ajuste da temperatura da água do banho. A tubulação que interliga os coletores, o reservatório e o chuveiro elétrico pode ser executada com os tubos tradicionais de PVC, utilizados normalmente em instalações hidráulicas residenciais. Segundo estudos realizados pela ONG Sociedade do Sol, a água aquecida pelo ASBC não ultrapassa a temperatura de 45°C e o PVC convencional suporta temperaturas de até 60°C. Essa possibilidade é apontada como uma das vantagens do sistema ASBC, pois além da tubulação de PVC ter normalmente um custo menor que as tubulações específicas para água quente, as grandes adaptações nas residências podem ser evitadas. O ASBC é composto por quatro partes fundamentais: reservatório, coletores, distribuição, com os tubos e conexões e chuveiro elétrico com misturador para água quente e *dimmer*.

### **A. Objetivos**

Os objetivos principais foram: promover participação ativa dos moradores no processo de instalação dessa tecnologia limpa, possibilitar redução dos gastos com energia elétrica às residências dos moradores e ser projeto de referência e difusão nas comunidades vizinhas para incentivar outras famílias na montagem e instalação desses aquecedores em suas residências.

As oficinas de formação para a concretização das oficinas hidráulicas e implantação dos aquecedores solares de baixo custo oferecidas aos moradores dos núcleos Irati, Trianon, Jardim Primavera e Pôr do Sol foram pensadas no sentido de auxiliá-los na auto-organização e no exercício de seu protagonismo social, objetivos relacionados à sociabilidade e à emancipação social.

## **B. Etapas de implantação**

- Discussão sobre a forma de implantação de Aquecedores Solares de Baixo Custo;
- Realização de oficinas socioambientais para formação, tendo em vista a construção e implantação dos aquecedores solares;
- Reflexão crítica com moradores envolvidos sobre a questão ambiental durante o processo;
- Realização de oficinas de introdução aos conceitos, de manufatura e de instalação de aquecedores solares;
- Implantação de aquecedores solares, em apenas, quatro habitações;
- Realização de Oficina de Hidráulica.

Foram realizadas duas oficinas em torno de temas ligados à educação ambiental, capacitação acerca da tecnologia social, introdução aos conceitos, fabricação e instalação dos aquecedores solares de baixo custo com a participação de 22 moradores dos núcleos Irati, Trianon, Jardim Primavera e Jardim Pôr do Sol na sede da ONG Sociedade do Sol no CIETEC/IPEN/USP, com duração de oito horas cada oficina.

Na continuidade da atividade formativa, foi realizada outra oficina sobre funcionamento hidráulico com técnicos da PMTS, moradores dos núcleos, estagiários(os), agentes comunitários e profissionais do Projeto de Extensão Universitária Irati-Trianon da PUC-SP.

O segundo momento deu-se pelo contato com as famílias que haviam participado da oficina formativa na USP e, em seguida, a seleção de quatro casas que receberiam a tecnologia social e instalação a partir dos seguintes critérios:

- Presença de relógio de luz e água;
- Suporte de estrutura para receber outra caixa-d'água;
- Ser originário do programa HBB;
- Necessidade social;
- Família numerosa;
- Contas altas de energia elétrica;
- Existência de possíveis multiplicadores da tecnologia social na família

Em síntese, foram feitas as quatro instalações de aquecedores solares de baixo custo no Jardim Primavera em casas de famílias, que gastavam acima R\$100,00 de contas mensais

pagas à AES Eletropaulo; em famílias com a presença de muitas crianças na casa; presença de possíveis multiplicadores da tecnologia social e membros cadastrados no programa HBB desde o início.

A implantação dos aquecedores solares de baixo custo pressupõe:

- Aproximação com a comunidade;
- Participação da comunidade em todas as fases do projeto: instalação, gestão e manutenção;
- Conhecimento da tecnologia a ser aplicada;
- Uso de linguagem simples;
- Apropriação da tecnologia por seus usuários;
- Manutenção dos equipamentos a cargo da comunidade.

### **C. Análise crítica**

As tecnologias sociais podem ser capazes de contribuir para novas práticas sociais no enfrentamento da questão ambiental. A tomada de consciência das pessoas a partir do trabalho educativo é condição imprescindível para a participação ativa e a mudança de hábitos de consumo, associada ao emprego de tecnologias economizadoras.

A educação ambiental aliada ao aprendizado da fabricação do equipamento solar pode se tornar possibilidade de trabalho para os 22 moradores que participaram dos cursos de formação. Nos trabalhos de urbanização e de provisão habitacional realizados, foi possível entender que a população necessitava de ações concretas em razão da morosidade do processo de urbanização em seus locais de moradia.

A prática referenciada à teoria, mais especificamente, a formação ambiental articulada ao aprendizado técnico e a materialização com a instalação dos aquecedores e as atividades desenvolvidas em torno da Rádio Comunitária, já apontadas, são exemplos de práticas alternativas e criativas frente aos desafios colocados aos profissionais que trabalham na efetivação dos direitos.

### **6.3. Frente de Cultura**

#### **I. Trabalho com jovens**

Na favela Irati, um dos caminhos percorridos foi o desenvolvimento do trabalho social com jovens, a partir da necessidade construção de local para a realização de oficinas com a mediação de processos criativos e de diferentes formas de expressões culturais.

É importante destacar que, os jovens pobres, mais precisamente, os jovens negros estão desempregados, ou trabalham em atividades informais e precárias, sem perspectivas de futuro e de projetos de vida, em função das desigualdades materiais, econômicas, políticas e culturais a que estão submetidos permanentemente.

Os jovens foram chamados a participar de grupos de trabalho para pensar ações de desenvolvimento cultural a serem incorporadas no cotidiano da favela. Assim, eles foram estimulados a desenhar, a projetar intelectivamente a materialização de necessidades (prévia ideação) e expressar vontades que foram se traduzindo em escolhas frente às alternativas possíveis. A questão central foi a de estimular a produção cultural para organização e autonomia desses jovens.

Nessa vivência, em torno de crenças, valores, expectativas e modos de vida, os jovens escolheram debater suas trajetórias, práticas e representações, estratégias de sobrevivência e conflitos. Essas reflexões contemplaram igualmente o entendimento deles sobre ordem social contemporânea, seus embates, contradições, antagonismos, desafios e formas de luta e resistência. Além desses elementos constitutivos da vida social, outros como cotidiano e trabalho compuseram o repertório da ação profissional.

Os encontros giraram em torno das demandas por eles apresentadas, como a necessidade de espaços para atividades culturais, de lazer e para encontro das mulheres da comunidade; de debate das prioridades a serem desenvolvidas; de metodologias a serem utilizadas e de formas de ampliação da participação dos jovens.

As manifestações culturais, artísticas e de lazer escolhidas ou já praticadas pelos moradores foram a capoeira, futebol, grafite, vídeo, parque infantil e formação de um grupo de mulheres para o desenvolvimento de atividades corporais, artísticas e profissionais.

## **A. Objetivos**

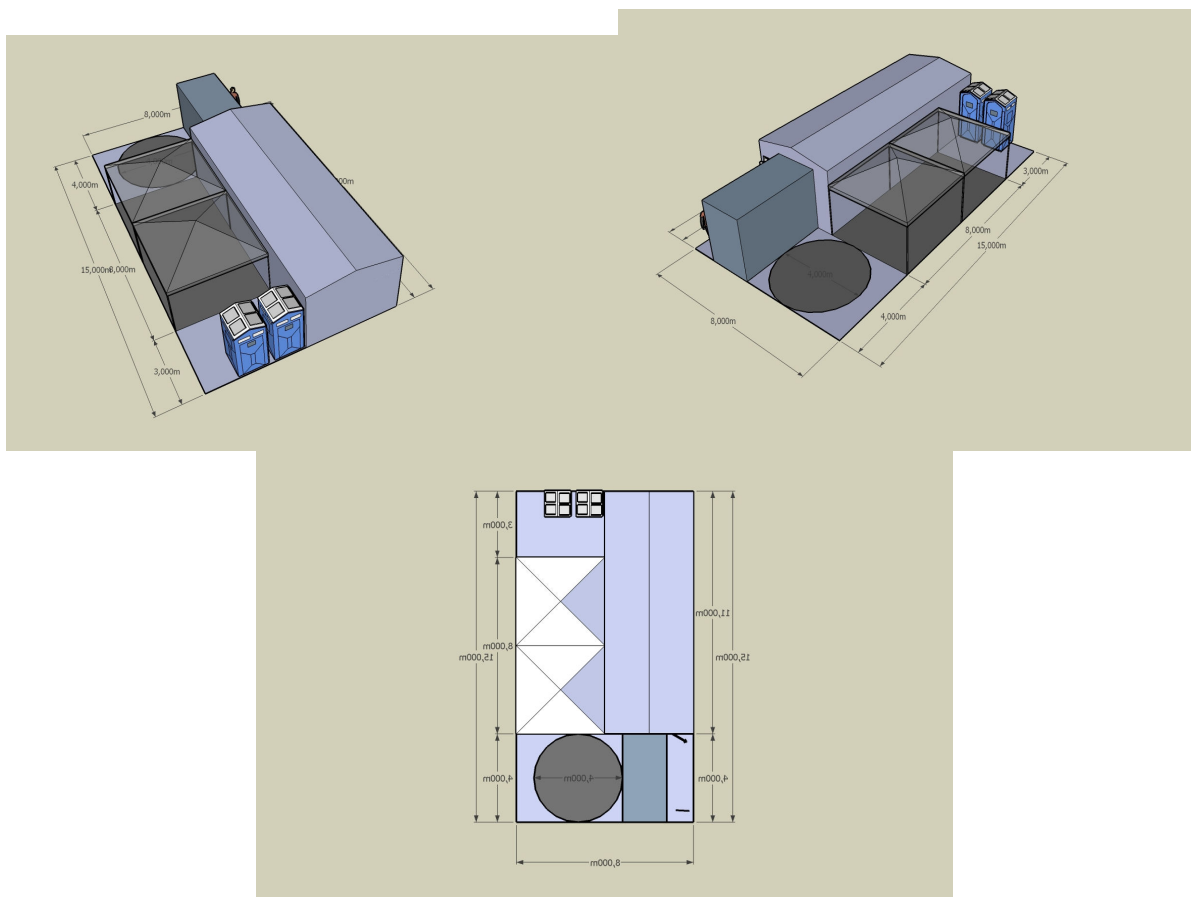
As principais questões que deram direção às atividades desenvolvidas e que nortearam o trabalho profissional estavam centradas na preocupação de como transformar sonhos e expectativas de um grupo de jovens de determinado projeto social em interesse amplo dos moradores da comunidade. Por outro lado, a equipe de trabalho focou a atenção nas formas de ampliar a participação dos jovens, de estabelecer ações, iniciativas e de estimular processos criativos dos moradores a partir da cultura. Com essa perspectiva, os objetivos foram assim estabelecidos:

- Discutir e elaborar o projeto de tenda cultural no Irati por meio de maquete construída com os moradores;
- Criar espaço cultural pelos moradores em um antigo bar com adaptações para atividades culturais do Irati;
- Inserção de agentes comunitários nos processos criativos e de cultura;
- Fortalecimento e potencialização da diversidade cultural;
- Utilizar poemas, vídeos, fotos, como mediação do trabalho social para discussão do processo de urbanização.

## **B. Formas de fazer**

Em Irati, os participantes da Frente de Cultura decidiram construir um espaço cultural para aglutinar moradores em torno de atividades artísticas e culturais, contribuindo para a troca de saberes e novas criações, enquanto elementos de sociabilidade.

O espaço, por muito tempo pensado como tenda cultural, teve a participação direta de profissionais e de moradores em um processo coletivo para escolha do local e elaboração do projeto arquitetônico. Maquetes eletrônicas foram utilizadas, como ferramentas para a comunidade, que a partir de desenhos discutiu a configuração do chão, a iluminação e a parte elétrica da referida tenda.



Maquetes da tenda cultural

Posteriormente, decidiu-se pela construção de um barracão cultural feito de canos, vigas de madeira e telhas, ao invés de lona, proposta para a tenda cultural. A construção desse barracão efetivou-se em um processo avaliativo entre moradores e equipe técnica do Projeto de Extensão, a partir da constatação de que outra tenda instalada próxima ao núcleo Irati havia sido rasgada, e que um barracão teria estrutura mais resistente e com o qual a população mais se identificaria.

No entanto, em reunião, os jovens levaram um folheto elaborado por eles explicitando o esboço do projeto de cultura que queriam para o bairro. O folheto fazia referência à melhoria e ao bem-estar dos moradores com a construção do projeto denominado “Becos e Vieiras” que tinha o propósito de oferecer cursos profissionalizantes e culturais.

Durante esse processo, foi realizado um mutirão coletivo com esforço e dedicação de mulheres do núcleo Irati, mestre de obras, de jovens e crianças do bairro e de profissionais vinculados ao programa HBB para limpeza do local, colocação de pedras, construção do piso, que foram experiências de sociabilidade em torno de esforços conjuntos para a realização de atividade importante para a comunidade do Irati.

Os jovens mostraram como se sentiam responsáveis pelo espaço e, ao mesmo tempo, confiavam na equipe do trabalho social, como se ela pertencesse ao bairro.

A edificação prevista não se efetivou, porque a prefeitura, que havia se comprometido com o fornecimento dos materiais não os viabilizou, ocasionando mais uma vez descrédito por parte dos jovens em relação às ações do poder público. Mesmo diante das dificuldades e da indecisão de escolha do formato de tenda ou barracão para o espaço cultural, os jovens já bastante mobilizados e organizados não desistiram da iniciativa e conseguiram local e recursos financeiros para melhoria de um espaço após a reivindicação organizada junto à PMTS. Os jovens participaram também ativamente na proposta de ampliação de unidade habitacional inicialmente utilizada como bar para a instalação do ponto de encontro de cultura e de expressões artísticas; nesse processo de trabalho, os jovens contaram com um profissional ligado à Extensão Universitária da PUC-SP para elaboração do projeto arquitetônico.

O processo de viabilização desse espaço cultural aconteceu em uma instância coletiva com moradores da comunidade sobre as demandas culturais. Após consulta, surgiu a proposta dos próprios moradores de criação do espaço cultural “Becos e Vielás”, que se constituiu em uma forma autônoma de organização. A capoeira angola, já praticada entre eles, transformou-se em atividade central do espaço, por ser referência histórica e identitária desses jovens que se reconhecem em sua ascendência africana. Além disso, foi elaborada agenda de atividades sugeridas pela comunidade, como cursos de culinária, dança para idosos, projeções de filmes e cursos de desenhos, para citar algumas.

Ouvir os moradores e conhecer expectativas, opiniões, ideias, reivindicações e principais queixas foram fundamentais para o planejamento e execução do trabalho social que esteve colado à realidade. O conhecimento das situações concretas que os moradores enfrentam é elemento norteador para definir as estratégias de ação.

### **C. Análise crítica**

O trabalho social tomou por referência os processos sociais nos quais a cultura, enquanto mediação, pode se expressar na práxis social da vida cotidiana. A ação desenvolvida, em sua intencionalidade encaminhou-se para concretizar encontros entre os jovens, a partir de interesses comuns e diferenciais, mas unidos pela necessidade de ampliar vivências culturais. Essa contribuição profissional com reflexões fez ampliar a consciência desses jovens quanto ao papel fundamental que exercem na comunidade para fazer avançar conquistas e cidadania.

A discussão e implantação desse espaço cultural foi um estímulo criativo e de coletividade, no qual as decisões foram sempre democráticas. Vale destacar o companheirismo na aproximação entre jovens, participantes do grupo de cultura, que propicia relações de amizade e de solidariedade. Adentra-se a uma rede de relações que amplia a reflexão sobre a condição social e as determinações estruturais da sociedade capitalista. Os participantes do grupo passam a compreender os elos de ligação entre o rural (de onde vieram) e o urbano (onde estão) que apresentam traços de similitudes da mesma e única ordem da sociedade capitalista ao gerar as desigualdades e a privação de direitos à maioria que se constitui enquanto classe trabalhadora.

A necessidade de essas pessoas sobreviverem as une, e a solidariedade se agrega às necessidades de morar, comer, beber, dormir e vestir-se, seja na experiência coletiva da projeção da tenda, das instalações do barracão, do mutirão do piso do espaço cultural ou da reformulação de unidade habitacional transformada em espaço cultural “Becos e Vieiras”. Esse projeto é expressão da ação coletiva em que a cultura se configura em instrumento de luta das camadas populares na construção de uma relativa autonomia; a conquista de um espaço cultural pelos moradores tem essa perspectiva.



Situação do terreno do “Becos e Vuelas” antes do mutirão de limpeza



Trabalho de assentamento do solo

## II. Trabalho com idosos

*Nem sei o que te responder do futuro. Eu, vivo o hoje.  
Amanhã não sei se eu vou estar viva  
Eulália, moradora do Trianon*

A opção pelo trabalho com idosos representou um momento fundamental de recuperação da memória individual e da trajetória histórica desse segmento de população<sup>55</sup>.

A identidade individual e coletiva dos idosos manifestou-se por simbologias ligadas a seus territórios de pertencimento, do rural ao urbano, na transição de seus locais de origem e do modo de vida a eles ligados.

A proposta de oficinas com oito idosos da comunidade deu-se a partir do uso da expressão plástica com desenhos, colagens, audição de músicas instrumentais e materiais, como barbante, cola, caneta, lápis de cor, botões e retalhos de tecido. Cada um realizava suas composições manuais e, após esse momento de estímulo criativo, fazia-se a socialização de histórias e de imagens surgidas nas atividades. Assim, foram realizadas atividades com artes plásticas, trabalhando a sociabilidade do grupo de idosos e a recuperação de memórias.

No momento de socialização, mulheres e homens mostravam em seus cartazes, rios, roçados, casas em que moraram e relatos de situações familiares. A necessidade de comunicar, socializar, compartilhar, conhecer e conversar com as pessoas fazia com que ao menos dois deles fossem para a igreja ou para outra atividade de acolhimento e sociabilidade. A dona Eulália disse-me não ir à igreja, às quartas-feiras, para poder participar da atividade.

Foi realizada uma proposta de mapeamento para expressar trajetórias de vida e origens. A investigação sobre a origem familiar desenvolveu a capacidade comunicativa, a partir das lembranças e do recurso da memória.

Segue o diálogo mantido com um senhor participante da oficina na socialização de seu painel.

— O que vocês gostariam de ter feito e não tiveram oportunidade?

*Eu queria ter estudado.*

— O senhor não pensa em estudar agora?

*Eu não aprendo. Eu não sei ler. Na hora de ver TV me dá um branco. Eu conheço as letras, mas não dá. Já fazer conta, eu sei fazer conta de dividir, multiplicar, sei tudo.*

---

<sup>55</sup> Infelizmente, áudios, fotos e cartazes foram perdidos no processo de trabalho.

Dona Júlia tem 80 anos e mora há 36 anos, no Trianon, desde as primeiras ocupações e traz lembranças e reflexões semelhantes a de outros idosos da região.

— *Eu tive uma infância muito complicada. Eu nasci na Bahia, me casei com dezenove anos, tive dois filhos. Me separei, ai vim para São Paulo com meus dois filhos. Fiquei com meus irmãos por uns três ou quatro anos. Depois eu me casei de novo e fui morar no Pirajussara.*

*Ai eu trabalhava numa firma. Minha filha ainda era pequena. Eu tinha de chegar em casa com leite para dar para a criança pequena. Passei na quitanda, comprei uva, maçã, pera e comprei uma panela de cozinhar. As frutas foram para dentro da panela.*

*Quando eu cheguei em casa eu fui na casa da dona Marta para ver se ela tinha leite para dar para a Patrícia. Quando eu tô subindo a ladeira do Santo Onofre, ai vem um menino correndo e diz que minha casa pegou fogo. Eu estava grávida, mas encontrei forças e subi rápido. Minha menina estava dormindo, mas tiraram ela de lá só com a roupa do corpo. Quando eu cheguei, os vizinhos estavam jogando água. Perdemos tudo, só ficaram os botijões. Eu não tinha para onde ir.*

*Me deram roupas, me ajudaram e fomos para a casa de uma mulher. Na firma, juntaram dinheiro (uns 80 cruzeiros, na época) e assim consegui alugar uma casa. Mas ficamos na casa da mulher por uns 14 dias dormindo no chão, depois nos mudamos para a casa alugada.*

*Depois que eu tive o menino, quando a casa pegou fogo eu estava grávida, ai o dono da casa alugada queria a casa. Foi quando invadimos aqui. Fui na prefeitura e falei com o prefeito: ele disse que “se a gente for abrir mão e dar casa para todo mundo, ninguém alugaria nem compraria casa”.*

*Não tínhamos para onde ir. O cara da casa anterior, a alugada, deu umas telhas e tábuas e fizemos aqui. Quando o barraco foi desmanchado já estava com cinco cômodos. Tenho cinco filhos, uma filha com 25 anos e um com 30 e poucos anos. Após quatro ou cinco anos, veio uma família da Vila Mariana e colocou madeiras para fazer casa e a prefeitura veio e embargou. Na época era o Buscarini. Ele falou assim: se você tiver madeira – eu trabalhava com madeira bruta, pode cercar o tanto que você quiser.*

*Eu cerquei até lá, adiante, porque eu tinha mandioca e milho. O povo foi enchendo, foi crescendo e veio, ai um moço, que trabalhava na prefeitura, fez casa em cima da minha roça. Não tínhamos água nem luz. Tinha um poço. Dizem que não pode beber água de poço, mas eu cuidei da minha menina com essa água.*

*Foi enchendo, enchendo, enchendo e eles falaram que iam tirar o pessoal. Voltei na prefeitura e pedi para eles reservarem meu pedaço aqui para colocar minhas plantas.*

*Antigamente eu não tinha medo de nada, mas hoje em dia eu tenho medo. Fico sozinha com minha neta durante o dia. Meu filho mora ali atrás, agora eu desço correndo porque sempre esbarro nuns caras usando droga.*

*Eu morei vinte anos no barraco. Houve uma chuva que tirou todas as telhas, caíram árvores. Quando rachou a parede da casa da Deusa, ela tava pra cair. Meu marido trabalhava numa firma e conseguiu tábuas, cimento, areia, pedra e fizeram mutirão para não cair a casa da Deusa. Caiu o barranco na altura de um metro e pouco. Por isso tivemos que construir mais dois cômodos.*

A lembrança da experiência individual nasce das experiências sociais. Cada memória pessoal é singular, mas aponta para um recorte da memória coletiva. A apreensão desse coletivo se faz a partir do enquadramento dado por aquele que se lembra. A memória individual transforma-se em fonte histórica, pois as pessoas são impregnadas de elementos que ultrapassam suas próprias existências e que aludem aos conteúdos comuns dos grupos nos quais se inserem. A história se concretiza a cada instante nas singularidades e se revela nas lembranças pessoais.

O compartilhamento dos trajetos migratórios vividos por grande parte dos idosos foi um momento significativo. A busca de superação dos limites da vida os impulsionou a reviver trajetos e valorizar os esforços, motivações e caminhos percorridos que deram sentido à participação de cada um e uma no grupo.



### III. Processos criativos com crianças

Um dos avanços desse trabalho foi o envolvimento das crianças da Frente de Cultura no processo de participação, na tomada de decisões e nas formas de organização local. As crianças escolheram o local para a construção de um parque infantil feito com madeiras reutilizadas, que indica um caminho de continuidade de sociabilidade e de ajuda mútua. As crianças estiveram presentes em atividades de dança, nas assembleias e reuniões com os pais, na limpeza lúdica pela favela e nas oficinas de dança. Esses momentos foram avaliados positivamente pelas crianças, por se sentirem parte desse processo com vivências lúdicas, criativas e reflexivas.

#### A. Reuniões e assembleias

Nas reuniões sobre a urbanização nos bairros, foram realizadas atividades educativas e lúdicas com as crianças, como pintura, desenhos e brincadeiras. As crianças se manifestavam de forma bastante ativa e respondiam positivamente aos desafios e às descobertas das atividades sugeridas. De outro lado, os pais puderam participar com mais tranquilidade das reuniões já que as crianças também estavam com atividades voltadas para seus interesses.



Momento de concentração no desenho

#### B. Limpeza lúdica do lixo

Em um dos dias de mutirão para construção do piso da tenda, um grupo de sete crianças e a profissional brincaram de limpar a favela, que consistia em entregar para as crianças máquina fotográfica com vídeo para registro de imagens da favela Irati e de possíveis locais para espaços de lazer. Ao encontrar esses locais, a proposta era limpá-los e buscar, em outras partes do bairro, possíveis objetos que poderiam ser reaproveitados e levá-los aos locais de lazer escolhidos.

### **C. Oficina de dança**

Foram realizadas oficinas de dança com doze crianças dentro do espaço do CRAS Trianon com o acompanhamento da agente comunitária. As oficinas consistiram em alongamentos, exercícios lúdicos e expressão corporal, com aulas que estimularam a melhorar a concentração dos alunos e serviram como um espaço de convivência e sociabilidade. As crianças levantaram interesse em aulas de balé e algumas técnicas foram ensinadas a elas, no entanto, avalia-se que as crianças inscritas nessas aulas estavam interessadas na cultura do balé e, em sua beleza estética, especialmente, os saltos, as posições em duplas.

### **D. Cinema**

A projeção de filmes foi realizada no local que, posteriormente, se tornou espaço cultural no Irati, que contou-se com equipamentos fornecidos pela prefeitura, como projetor, tela, notebook e cadeiras. Tudo era instalado e recolhido no dia da exibição e com a mediação do agente comunitário, morador do núcleo que sugeriu o local.

No boletim semanal, a divulgação do cinema contava com o seguinte texto:

*A partir da assembleia feita com moradores do núcleo Irati, ficou claro para o projeto de extensão que os principais interesses da população estão voltados, principalmente, para a retomada das obras. No entanto, gostaríamos de propor uma reflexão para uma temática que vai além das obras, que é a questão do direito à cultura e ao lazer. Nós sabemos que a questão das obras está num lugar prioritário, neste momento, mas é importante ressaltar que o acesso à cultura e ao lazer também são temas de extrema importância na vida de uma pessoa. Queríamos pedir a colaboração e disponibilidade dos moradores frente a essa iniciativa, para participar do cineclube, onde será visto e discutido o filme “O contador de*

*histórias”. Queremos ressaltar que o filme não é para abafar o atraso nas obras.*

Apesar de a divulgação para o cinema ter sido ampla e sugestiva para os adultos, as crianças que brincavam na rua, no mesmo horário das sessões, foram as mais interessadas no cinema. Optou-se assim pela projeção de filmes infantis.

Os processos criativos desenvolvidos com as crianças foram importantes no sentido de recolher necessidades e demandas por elas manifestadas, mas também de propiciar a realização de atividades com todos os segmentos etários, estimulando participação, decisões coletivas, solidariedade e expressões culturais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Minha mãe, eu já vou daqui  
quero uma passagem pra tucuruí  
Ó minha mãe, escuta o que eu vou te falar  
depois do tucuruí eu vou pro Marajó  
5 de Ouro*

A fundamentação teórico-metodológica referente à problematização, ao objeto, ao caminho investigativo e expositivo deste estudo assentou-se no legado de Marx e Engels e na tradição marxista, histórica e contemporânea e na centralidade do trabalho. Essa categoria, entendida como categoria fundante do ser social está relacionada aos fundamentos filosóficos da estética e da cultura, na interlocução do Trabalho e Cultura, que permitem a objetivação e a subjetivação da própria vida aliados a outras expressões de práxis, como a ética, a política, a educação, a estética, a arte, entre outras.

O trabalho é a principal modalidade da práxis, que enquanto ação humana criativa sobre a matéria é função central na estrutura ontológica da teoria social de Marx. O resultado de toda e qualquer práxis é gerar uma nova realidade que subsiste independente dos sujeitos que a geraram, a partir da transformação da matéria e da interação entre os seres sociais.

Este estudo baseou-se no conhecimento da totalidade alcançado pelo espectro da dialeticidade em que o complexo processo de mediação tem por objetivo o conhecimento da totalidade histórica.

Buscou-se apreender o imediatismo e a mediação relacionados mutuamente e complementarmente nas relações sociais de produção e reprodução social no sentido de compreender e propor sociabilidades.

O capital é um sistema devorador que atinge todos os poros da vida social, da economia à cultura, da saúde à educação e todas as relações interpessoais – esse é o sistema metabólico do capital de exploração e dominação do trabalho e da vida (MÉSZÁROS, 2002). No cotidiano da vida social, a cultura aliena tal qual todas as esferas da vida social, porém pode se constituir em um elemento de objetivação do processo de desalienação.

A vida social compreende contradições e expressões de lutas de resistência a essa ordem destrutiva, e é nessa direção que o Projeto Ético-Político do Serviço Social brasileiro se orienta em sua perspectiva hegemônica de ruptura com o conservadorismo.

Nos espaços sócio-ocupacionais permeados de contradições, o projeto profissional nem sempre se desenvolve de forma crítica e contestatória à ordem do capital e voltado aos trabalhadores como sujeitos de direitos, de classe com protagonismo histórico na direção da conquista emancipatória.

A defesa intransigente dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais são constitutivos do Código de Ética profissional, das diretrizes curriculares e dos pressupostos da Lei de Regulamentação da Profissão. É nesse contexto de referência profissional que se desenvolve a perspectiva de trabalho profissional com quilombolas no Pará e com moradores de favelas em Taboão da Serra, levando em conta as realidades concretas nas quais vivem essas populações.

Os processos criativos como mediação do trabalho profissional articulados à perspectiva teórico-ontológica apresentada constituíram-se no objeto desta dissertação como uma das possibilidades de alicerçar momentos de reflexão e suspensão da vida cotidiana. Esse movimento estabeleceu-se em duas direções que se complementaram: de um lado, pelo reconhecimento e estímulos aos processos criativos dos quilombolas e moradores das favelas e, de outro, na utilização de processos criativos e inovadores na ação profissional.

Ao lidar com o mundo sensível da práxis artística e cultural, da subjetividade e das determinações histórico-culturais dos sujeitos sociais, o Serviço Social tem possibilidades, por meio dessas ações profissionais, de se vincular ao projeto emancipatório.

A cultura como particularidade no desenvolvimento do trabalho profissional é algo a ser destacado, a mediação da cultura na ação profissional junto aos sujeitos sociais da classe trabalhadora parte de suas condições de vida, moradia e trabalho na dimensão simbólica, de identidade, das práticas culturais, dos saberes, das corporalidades, das (con)tradições culturais expressas no cotidiano, incidindo nas ações políticas e coletivas, como forma de recuperação, manutenção, superação e transformação das práticas, saberes, símbolos e cultivos, como objetivações humanas.

Os processos criativos podem ser viabilizadores na prática interventiva de estratégias, com os sujeitos históricos, que atendam às necessidades cotidianas em questões que afetam a vida social e a sociabilidade (cultura, trabalho, educação, juventude, gênero, raça e etnia, comunicação, saúde e violência) e possibilitem momentos de suspensão das ações repetitivas e alienantes presentes na vida cotidiana. Esses processos objetivam-se em práxis profissional

ancorados em uma concepção teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa voltada aos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora em que o projeto profissional se articula a um projeto societário emancipatório.

Segundo Netto, os projetos profissionais construídos coletivamente pela categoria dos assistentes sociais apresentam a autoimagem da profissão: valores, saberes, escolhas teóricas, práticas, ideológicas, políticas, éticas, normatizações, debates, investigações expressas na relação ética com o movimento da sociedade.

[o projeto profissional] (...) afirma a defesa intransigente dos direitos humanos e a recusa do arbítrio e dos preconceitos, contemplando positivamente o pluralismo – tanto na sociedade como no exercício profissional (...) a dimensão política do projeto profissional baliza-se na luta pela: equidade e justiça social, universalização do acesso aos bens e serviços relativos às políticas e programas sociais, ampliação e garantia dos direitos civis, políticos e sociais das classes trabalhadoras, radicalização da democracia como socialização da política e da riqueza socialmente produzida (NETTO, 1992, p. 12-13).

O processo de criação é indispensável para a existência humana. A cada contexto histórico e social, a criatividade adquire um valor na produção cultural significativa para o desenvolvimento da humanidade, uma vez que as dimensões da objetividade e subjetividade constituem unidade indissolúvel.

Nas diversas formações sócio-históricas, desde a formação de classes sociais antagônicas (dominantes e dominados) a partir do surgimento do excedente econômico, pós sociedade primitiva, as classes dominantes são as que se apropriam e usufruem de toda a criação humana (trabalho, arte, educação, cultura, filosofia, entre outros).

No modo de produção capitalista, a contradição antagônica ocorre entre capital e trabalho em que a maioria da população se constitui como classe trabalhadora que só tem a vender sua força de trabalho para o capital. A exploração da força de trabalho, a opressão e a dominação de classe, de gênero, de raça e de etnia e a desigualdade social são elementos constitutivos do capitalismo que necessitam ser abolidos.

A perspectiva emancipatória pressupõe que toda conquista humana se constitua em patrimônio da humanidade em uma sociedade de supressão positiva da ordem do capital, no fim da propriedade privada dos meios de produção, da exploração do trabalho humano, das classes sociais, do Estado e na auto-organização dos indivíduos sociais livres e igualitários, a que Marx denominou de sociedade comunista.

Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social, dada pela omnilateralidade humana, somente poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho do capital hoje vigente e, portanto sob base inteiramente nova, possa se desenvolver uma nova sociabilidade. Uma sociabilidade tecida por indivíduos (homens e mulheres) sociais e livremente associados, onde ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano, na multilateralidade de suas dimensões. Em formas inteiramente novas de sociabilidade, onde liberdade e necessidade se realizem mutuamente. Se o trabalho torna-se dotado de sentido, será também (e decisivamente) através da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo (ANTUNES, 2012, p. 91).

Experiências, processos criativos, expressões culturais, artísticas e valores revelam uma dada realidade social e possibilitam a construção de propostas sociais de enfrentamento às demandas sociais de maneira mediada e imediata. Processos criativos podem ser estimulados de forma afetiva na construção de alteridade entre profissionais e usuários de serviços e projetiva em propostas que podem ser compostas e conquistadas coletivamente no sentido de buscar alternativas sociais e criativas aos limites da cultura hegemônica burguesa.

O conjunto das expressões culturais, músicas, capoeira, contação de histórias, manifestações religiosas foram fundamentais para o conhecimento do cotidiano das populações trabalhadas nos quilombos e nas favelas, na medida em que auxiliaram na percepção do modo de ser, agir, se expressar, se organizar e compreender a relação espaço, tempo, ritmo, cultura, como elementos norteadores do trabalho.

O profissional, ao lançar mão de registros em desenhos, fotos, vídeos e poemas, pesquisa de mímese, para caracterização e conhecimento da realidade trabalhada, pode ampliar suas possibilidades criativas, bem como incentivar a população a reconhecer a importância de sua história, cultura e protagonismo social.

Este estudo buscou apresentar o conjunto das práticas sociais criativas: sociodrama, temas e jogos teatrais, dança, desenhos, história oral, expressão corporal, massagem, Rádio Comunitária, espaço cultural e aquecedor solar de baixo custo articuladas à reflexão da vida cotidiana, das formas de sociabilidade e ações coletivas reivindicatórias e organizativas.

Esses elementos metodológicos podem se constituir referências a outros projetos e ações profissionais tanto na área da habitação quanto dos quilombos e em outras esferas da

intervenção social. Vale destacar que essas experiências e outras referentes a processos criativos ao serem sistematizadas e socializadas devam ser incorporadas à formação e ao exercício profissional de forma articulada aos projetos pedagógicos dos cursos relacionando a questão da cultura e dos processos criativos a outras esferas no âmbito da totalidade da vida social.

O trabalho profissional interdisciplinar esteve voltado a encontros potencializadores da criatividade somado ao uso de instrumentos, meios e estratégias costumeiramente utilizados na ação profissional, tais como: reuniões, pesquisas, assembleias, visitas domiciliares, relatórios, observação, em uma única direção, ou seja, a de reconhecimento do protagonismo dos moradores dos quilombos e das favelas a partir de sua trajetória histórica, cultural, de resistência e criação humana. Nesse sentido, o incentivo aos processos criativos podem auxiliar em momentos de suspensão da vida cotidiana, contribuir na libertação dos automatismos alienantes, rotineiros e reiterativos e auxiliar na reflexão, na crítica e nas propostas de ação coletiva.

Soma-se a isso, a singularidade de desenvolvimento de uma metodologia interdisciplinar aliando a comunicação e as artes do corpo às questões socioeconômicas e ambientais no desenvolvimento das atividades do trabalho social.

Cabe ressaltar que apesar das dificuldades ocorridas pode-se apontar uma série de sistematizações significativas do ponto de vista das metodologias de ação, da apropriação de direitos por parte da população e da elaboração e aplicação de instrumentos técnico-operativos necessários à práxis social, a partir dos interesses imediatos dos moradores em articulação com seus interesses históricos na luta pela igualdade.

Importante reafirmar que os processos criativos como mediações na intervenção profissional nortearam-se por um projeto de profissão, articulado às lutas sociais na direção do projeto societário emancipatório. A teoria social da totalidade da vida social que articula singularidade, particularidade e universalidade norteou teórica e metodologicamente o projeto de Extensão Universitária Irati-Trianon, na relação entre produção e reprodução social no âmbito das relações sociais.

*Essência*

*Até a folha Seca  
Pra cair tem seu Tempo  
Vem um grande Temporal  
Cai folha Verde  
E ela não Cai*

*Quando é Madrugada  
Ela Solta  
Sem vento nem Nada  
Da árvore Cai*

*Vai...e nutre o Espaço  
Tão bem Ornado  
Em todo o Tempo  
Que é levar o tempo a Cabo*

*Leva sem Precedências  
E já em tanta Ausência  
De novas Canções  
Surge esta bela Essência*

*Ela vem...  
E que Venha!  
E ela Vai...  
E que 'Vá berando' a Cadência  
E traga Mais!*

## GLOSSÁRIO

**BAMBAÊ DO ROSÁRIO** – manifestação de origem afro-brasileira, de cunho religioso em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, realizada na Vila de Juaba. É uma tradição que existe há mais de 100 anos e passa de geração a geração.

**BANDOLIM** – instrumento de corda.

**BANDURRA** – pequeno alaúde espanhol de cordas trasteadas, braço curto e bordões.

**BANGUÊ** – cantoria de versados musicais que contam histórias, causos e fatos cotidianos.

**BANTU** – grupo linguístico formado por dialetos e línguas faladas, principalmente, na porção continental da África subsaariana, como o Umbundu, o Quibundu e o Quicongo.

**BICHARADA** – bloco carnavalesco com indumentária confeccionada, artesanalmente, e caracterizando animais da fauna da região Amazônica.

**BOI-BUMBÁ** – auto pastoril de origem popular.

**BUMBO** – instrumento percussivo; tambor grande que usa pele grossa de animal.

**CABANAGEM** – revolta popular brasileira dos anos de 1835-1840.

**CARANGO** – caranguejo.

**CASA DE FORNO** – compartimento para tratar a mandioca com tábua de preparar massa, tirar a farinha, peneira, sarilho, tipiti e máquina de triturar; forno.

**CASCO** – barco.

**CONGADA (O)** – ritual afro-brasileiro que nasce dos cortejos de coroação de reis, do culto aos ancestrais africanos e das celebrações de santos da Igreja Católica. Os dançantes prestam homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, aos antepassados e aos santos de sua devoção. O ritual composto por elementos da cultura bantu é reelaborado, no Brasil, sob a influência do contato com outros povos africanos, europeus e nativos.

**CONTAÇÃO DE VISAGENS** – Contação de histórias de assombração, histórias de caçadores.

**COPIÚBA** – Do tupi kupyúua, um tipo de arbusto.

**CUMARU** – Árvore nativa do Brasil, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Peru, Ilhas Seychelles e Suriname, que pode atingir 30 metros.

**CURANDEIRO** – pessoa que tem o dom de curar.

CURIMBÓ ou TAMBOURO – instrumento rústico da cultura paraense feito de troncos de árvores ocas, e revestido com couro de animal (cobra, veado ou na falta dos dois, boi); geralmente são usados dois tipos, um maior e mais grosso para fazer a marcação e um outro menor para dar o ritmo.

DANÇA DA PENEIRA – dança que descende do samba de cacete.

DANÇA DO AÇAI – dança que imita os movimentos de pegar a fruta no açazeiro.

DANÇA DO TIPITI – dança que descende do samba de cacete.

FARINHA DE TAPIOCA – Farinha cozida feita com a fécula da mandioca.

FARINHADA – dança que nasce do trabalho de fazer farinha de mandioca.

FOLIAS – Cantoria, que sai às ruas, às vésperas da festa de Santo que seja festejado por irmandades de leigos.

FOLIAS DE REIS – festejo religioso de culto católico de origem portuguesa.

GENGIBRITE/GEGIBIRRA/DESIMBRITE/DESIMBIRRA – bebida quente feita de gengibre que impulsiona o povo a dançar a noite toda.

IGARAPÊS – curso d'água amazônico, constituído por um braço longo de rio ou canal, caracterizado pela pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata.

JONGO – dança de origem africana dançada ao som de tambores, palavra oriunda do termo quimbundo *jihungu*, conhecido como caxambu e corimá.

*Luthiers* – pessoa que constrói instrumentos musicais.

MACUMBAGEM – macumba.

MANDIOCA – dança.

MANISSOBA – prato típico paraense.

MARIERRÊ – cortejo religioso em homenagem a Nossa Senhora do Rosário praticado na Vila de Carapajó, sua prática se assemelha a diversos festejos afros e afro-brasileiros de coroação de reis e rainhas do Congo.

MISURA – bagunça.

MOCAMBO – quilombo.

MOPONGA – pular e bater com a mão na água.

ONÇA – tambor fino, tipo de cuica feita de madeira grossa.

PAI D'ÉGUA – algo é muito bom, interjeição, usa-se também égua.

PANEIRO – cesto de vime usado para pescar e guardar coisas.

QUEBRADURA – mau-olhado

QUILOMBO – de *kilombo*, o mesmo que capital, povoação, união, contribuição lexical da língua bantu ao português.

QUILOMBOLA – residente em quilombos.

RECO-RECO – instrumento percussivo.

RONCA – barulho como ronco.

SACADURA - doença da alma

SAMBA DE CACETE – grupo musical.

SAMBA DE CACETE – música e dança de lavoura criado por Maria Luiza Piriá, quilombola que viveu no mocambo matriz, o Mola; batucada feita por quatro tocadores em dois tambouros por volta de um metro e meio de comprimento. Em cada tambor, um tocador batuca na pele com as mãos e outro com dois cacetes de madeira na metade do tambor. Na região de Cameté é comum dançar o samba de cacete embalado por cachaça, sem calços e com vestimenta de chitão.

SAMBA OU DANÇA DOS NEGROS – dança e música em que todos os brincantes pintam o corpo todo com tinta preta, criadas por Dona Jandira na Vila de Juaba, por ocasião do centenário da abolição da escravatura.

SARILHO – dobradilho de fios ou cordas.

TAMBORES – nome genérico atribuído a vários instrumentos musicais do tipo membranofone, consistindo de uma membrana esticada percutida.

TAPIRI – casa fincada na terra.

TIPITI – espécie de prensa de palha trançada para escorrer e secar raízes utilizada precipuamente, por índios brasileiros e ribeirinhos da Região Amazônica com uso polivante.

TUCUPI – Líquido extraído da mandioca quando espremida no tipiti.

VALSAS – gênero musical clássico de compasso ternário.

XOTE JUABENSE – dança trazida pelos portugueses, que a cultivavam em reuniões festivas. De longe, os escravos assistiam aos movimentos e os guardavam na memória. Em 1798, quando, em Bragança (PA), os escravos fundaram a Irmandade de São Benedito, o xote foi magnificamente aproveitado pelos escravos, tornando-se a mais representativa dança do povo bragantino.

## BIBLIOGRAFIA

- ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa. *O Projeto Ético-Político Profissional do Serviço Social Brasileiro*. Tese (Doutorado em Serviço Social). Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.
- AMORIM, Maria Joana Pompeu. *Etnografia do Cunvidado: trabalho e lazer de grupos familiares em Tomásia, Cametá – Pará*. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA). Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, 2000.
- ANTONACCI, Maria Antonieta Martines. *Memórias Acoradas em Corpos Negros*. São Paulo: EDUC, 2013.
- ANTUNES, Ricardo. *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. 1 ed. rev. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 14.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Os Sentidos do Trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- AVNER, Úrsula. O Cotidiano em nós. Disponível em: <http://sitedepoesias.com/poesias/43354>  
Acesso em: 22/07/2013
- BARROCO, Maria Lucia Silva; TERRA, Sylvia Helena. *Código de Ética do/a Assistente Social Comentado*. Conselho Federal de Serviço Social – CFESS. (Org). São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Ética: fundamentos sócio-históricos*. São Paulo: Cortez Editora, 2008. (Biblioteca Básica de Serviço Social, v. 4)
- \_\_\_\_\_. *Ética e Serviço Social: Fundamentos Ontológicos*. São Paulo: Cortez Editora, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ontologia Social e Reflexão Ética*. Tese (Doutorado em Serviço Social). Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1996.
- BARROS, Edir Pina. *Quilombo, Resistência e Movimentos Negros*. Belém, 2007. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/1300029.pdf> Acesso em: 8/09/2012.
- BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica – arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Documentos de Cultura – Documentos de Barbárie* (Escritos Escolhidos). Seleção e Apresentação de Willi Bolle. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

- BLANCO, Cid. *Erradicar, Inovar, Urbanizar: Políticas Públicas para Favelas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP. São Paulo, 1998.
- BODEN, Margaret A. *Dimensions of Creativity*. Massachusetts Institute of Technology. USA, 1996.
- BOSI, Ecléia. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 3/06/2013.
- \_\_\_\_\_. Ministério das Cidades. Curso de formação sobre a cidade para os funcionários e equipe da PUC-SP. Taboão da Serra: Prefeitura Municipal, 2009.
- BRITES, Cristina Maria et al. A importância da reflexão ética na formação do profissional de serviço social. In: BONETTI, Dilséa Adeodata et al. (Orgs.) 8.ed. *Serviço social e ética: convite a uma nova práxis*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- BURNIER, Luís Otávio. *A arte de ator: da técnica à representação*. Campinas: Editora Unicamp, 2001.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant e NETTO, José Paulo. *Cotidiano: Conhecimento e Crítica*. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- CHASIN, José. *Marx: Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. 14. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- COSTA, Emilia Viotti da. *Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue - A rebelião dos escravos de Demerara em 1825*. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- COUTINHO Carlos Nelson. *O Estruturalismo e a Miséria da Razão*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- DADOS POPULACIONAIS. Informações dos grandes aglomerados urbanos do mundo. Disponível: <http://citypopulation.de/world/Agglomerations.html> Acesso em: 20/11/2013.
- DAVIS, Mike. *Planeta favela*. Tradução de Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.
- D' ELIAS, Jéssica Oliveira. *A Copa do Mundo é Nossa: Diretrizes para o reassentamento das famílias atingidas pelas obras da Copa de 2014 em Itaquera*. Disponível em: [http://issuu.com/jessicadelias/docs/tfg\\_jessicadelias](http://issuu.com/jessicadelias/docs/tfg_jessicadelias) Acesso em: 1/12/2013.

DIÁSPORAS. *Projeto História 44*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, PUC-SP, n. 44, jun. 2012.

DOSSIÊ. ARTICULAÇÃO NACIONAL DE COMITÊS POPULARES DA COPA. *Megaeventos e Violações de Direitos Humanos no Brasil*, 12, dezembro de 2011. Disponível em: [www.comitepopulario.files.wordpress.com/2011/12/dossie\\_violacoes\\_copa\\_completo.pdf](http://www.comitepopulario.files.wordpress.com/2011/12/dossie_violacoes_copa_completo.pdf) Acesso em: 3/04/2013.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em Homem”. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p.13- 34.

\_\_\_\_\_. *A questão da habitação*. São Paulo: Acadêmica, 1988.

\_\_\_\_\_. *Dialética da Natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FISCHER, Ernst. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FNDC – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. Pesquisa sobre Redes de Televisão do Brasil. 2005. Disponível em: <http://www.sindmetau.org.br/site/index.php/destaque/18696-democratizar-a-comunicacao-para-garantir-a-democracia.html> Acesso: 5/04/2012.

FREderico, Celso. *Marx, Lukács: a arte na perspectiva ontológica*. Natal: Editora da UFRN, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Jovem Marx 1843-1844*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

GABARRA, Larissa Olivera e. O destino do reino do Congo no Brasil de Minas Gerais. *Diásporas*. Projeto História 44. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, PUC-SP, n. 44, jun. 2012. p. 85-113.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamim*. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *As afinidades eletivas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. 4. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GREINER, Christine; AMORIM, Cláudia. (Orgs.). *Leituras do Corpo*. São Paulo: Annablume, 2003.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Organizado por Liv Sovick. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

- HARVEY, David. *Condição Pós-moderna. A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2007.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 7. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O Homem do Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia de la Vida Cotidiana*. Tradução de José-Francisco Ivars e Enric Pérez Nadal. Barcelona: Ediciones Península, 1977.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- IAMAMOTO, Marilda Villela. *O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 3 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010*. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/resultados> Acesso em: 12/10/2012.
- IOSHIMOTO, Lilian Wurzba. *A Dança da Alma. A dança e o sagrado: um gesto no caminho da individuação*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000.
- JAMESON, Fredric. *Pós-Modernidade e Sociedade de Consumo*. Tradução de Vinicius Dantas. São Paulo: Novos Estudos, 1984. Disponível em: [Http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/jameson\\_posmodernidadeesociedadedeconsumo.pdf](Http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/jameson_posmodernidadeesociedadedeconsumo.pdf) Acesso em: 2/09/2012.
- KOWARICK, Lúcio (Coord.). *As lutas sociais e a cidade: São Paulo, Passado e Presente*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- LARA, Larissa Michelle. *O sentido ético-estético do corpo na cultura popular*. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2004.
- LEFEBVRE, Henri. *Lógica Formal, Lógica Dialética*. 4. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombolas no Brasil: questões conceituais e normativas. *Revista Etnográfica*, Vol IV (2). pp. 333-354. Florianópolis, 2000. Disponível em: [http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_04/N2/Vol\\_iv\\_N2\\_333-354.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf) Acesso em: 04/04/2013
- LESSA, Sérgio. *Trabalho e Proletariado no Capitalismo Contemporâneo*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

- LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992
- LUKÁCS, György. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- \_\_\_\_\_. O Romance como Epopéia Burguesa. In: *Revista Ad Hominem 1*. Tomo III – Música e Literatura. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Ontologia do Ser Social*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Velha e Nova Cultura*. México: Ediciones Pasado y Presente, 1978. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/mes/cultura.htm> Acesso em: 12/12/2012.
- \_\_\_\_\_. *Estética*. Tomo I. Barcelona: Editorial Grijalbo, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Introdução a uma estética Marxista*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.
- LUXEMBURGO, Rosa. *Camarada e Amante – Cartas de Rosa Luxemburgo a Leo Jogiches*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1983.
- MALLARMÉ, Stéphane. *Mallarmé*. Tradução de Augusto de Campo, Décio Pgnatari e Haroldo de Campos. 4 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.
- MARCUSE, Herbert. *A Ideologia na Sociedade Industrial*. O Homem Unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Cultura y Sociedad*. – Acerca del carácter afirmativo de la cultura. 1967. Disponível em: [http://www.infoamerica.org/documentos\\_pdf/marcuse1.pdf](http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/marcuse1.pdf) Acesso em: 5/03/2014.
- MARICATO, Ermínia. O Nó da Terra. In: *Piauí 21 (revista)*. São Paulo/Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-21/tribuna-livre-da-luta-de-classes/o-no-da-terra> Acesso em: 13/11/2013.
- \_\_\_\_\_. *Habitação e Cidade*. São Paulo: Atual Editora, 1997.
- MARTINELLI, Maria Lúcia. *Serviço Social: Identidade e Alinação*. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cultura, Arte e Literatura – Textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Direito Natural e Direito Positivo de Propriedade Privada: em Face da Necessidade Social de Nacionalização do Solo e da Terra*. Tradução de Emil Asturig von München e Castelnau Rochel von Gennevilliers, 2005. Disponível em: <http://www.scientific-socialism.de/KMFEDireitoCAP2Port.htm> Acesso em: 12/11/2013.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.

MARX, Karl. *A Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social” de um prussiano. *Revista Praxis*, n. 5, Belo Horizonte: Projeto Joaquim de Oliveira, 1995. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1844/08/07.htm>  
Acesso em: 4/10/2012.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos Económico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. Cap. V. Processo de Trabalho e Processo de Valorização. In: *O Capital*. Seção III – Produção da Mais Valia Absoluta. Livro Vol. I. 3 ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1988. p. 142-156.

\_\_\_\_\_. Para a crítica da economia política. 1. ed. Seleção por José Arthur Giannotti. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1974. p. 107-263. (Coleção Os Pensadores)

MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital*. Boitempo Editorial. São Paulo, 2002.

MOTA, Dalva Maria. *Os camponeses e a busca da 'autonomia possível': estratégias de sobrevivência e resistência na implantação de projetos de irrigação no estado de Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural). Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, 1990.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. *Quilombos – Resistência ao Escravismo*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. *Os Quilombos e a Rebelião Negra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. *Rebeliões da Senzala: insurreições, quilombos e guerrilhas*. São Paulo: Editora Edições Zumbi, 1959.

MOREIRA, Flávio. *Pródromos da Cabanagem – Geografia e capítulos da história do Grão-Pará*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2012.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez Editora, 2006. (Biblioteca Básica de Serviço Social; v.1)

NETTO, José Paulo. *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*. São Paulo, Cortez, 1992.

OLIVEIRA, Janete M. G. C. de; PADILHA, Marcel Ribeiro. *Repensando a Rede Urbana na Amazônia: Novas Dinâmicas Espaciais para Antigas Cidades*. Trabalho do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), apresentado no Seminário Internacional “Amazônia e Fronteiras do Conhecimento”, realizado de 9 a 11 de dezembro de 2008.

- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977. Disponível em:  
<http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/Criatividade%20e%20Processos%20de%20Cria%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 19/01/2013
- PESSOA, Fernando. *Navegar é Preciso*. Disponível em:  
<http://www.slideshare.net/lucilafiorini/poemas-de-fernando-pessoa>. Acesso em: 7/02/2013
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina*. Belém: Editora Açai, 2010.
- \_\_\_\_\_. Escravidão, Fuga e a Memória de Quilombos na Região do Tocantis. *Diásporas*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, PUC-SP, v. 22, jun. 2001. p. 333-342.
- PRADO, Adélia Prado. *O poder humanizador da poesia*. Exposição no projeto “Sempre um Papo”, 2008. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=sisSITXY6bM> Acesso em: 07/07/2013. Vídeo.
- PROGRAMA RAÍZES. Governo do Estado do Pará. *Decreto nº 4.045, de 11 de maio de 2000*, cria programa que atende demandas dos povos indígenas e das comunidades quilombolas e busca estruturar política governamental específica. Disponível em:  
<http://www.cpis.org.br/htm/leis/pa06.htm> Acesso em: 09/02/2013.
- PROGRAMA RAÍZES. *Documentos relativos ao programa*. Belém, 2009.
- PUC-SP. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (Coord.). *Avaliação do Pós-Ocupação no Programa Habitar Brasil BID – Município de Taboão da Serra*. São Paulo: PUC-SP, 2009.
- RICOEUR, Paulo. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Unicamp, 2007.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal-Estar na Modernidade: Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SAID Edward Wadie. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SALLES, Vicente. *O negro no Pará*. Belém: Fundação Getúlio Vargas/Universidade Federal do Pará, 1971.
- SAMPAIO, Paula; RODRIGUES, Elza Fátima. *Terra de Negro 3*. Instituto de Artes do Pará. Belém: Instituto de Artes do Pará/Programa Raízes/Secretaria de Justiça do Estado, 2006.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SÃO PAULO. SEADE. *Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados*. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/>. Acesso em: 28/03/2013..

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Habitação (HABI). Disponível em: <http://habisp.inf.br>  
Acesso em: 06/10/2013

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Taboão da Serra. Documentos referentes à questão habitacional do período de 1997 a 2010.

SILVA, Amarílis Maria Faria de. *Saberes Cotidianos e Azeite de Andiroba: A Presença da Mulher Extrativista, no Contexto Histórico das Práticas Socioculturais dos Sujeitos da Ilha de Juaba, Cametá – PA*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

SILVA, Márcia Cristina Lopes e Silva. *Da casa da família à casa da escola: dimensões de gênero na experiência educativa em alternância no município de Cametá – Pará*. Dissertação (Mestrado em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável). Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.

SILVA, Simone Rezende da. A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola no ambiente florestado atlântico. *Revista Nera*, ano 14, nº 19, jul-dez.2011. Disponível em: <http://www.ufrb.edu.br/olharessociais/wp-content/uploads/trajetoria.pdf> Acesso em: 30/04/2013.

SMITH, Adam. *A Riqueza Das Nações*. São Paulo: Editora Madras, 2009.

SIMONIAN, Lígia Teresinha Lopes. *Mulheres da Amazônia Brasileira: entre o Trabalho e a Cultura*. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)/Universidade Federal do Pará (UFPA), 2001.

SINGLY, François de. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o Tempo*. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

TERRA DE NEGRO 3. Produção de Paula Sampaio e Elza Fátima Rodrigues. Belém: Instituto de Artes do Pará/Programa Raízes/Secretaria de Justiça do Estado, 2006. 1 DVD

TRECCANI, Girolano Domenico. *Terras de Quilombo – caminhos e entraves do processo de titulação*. Belém: Secretaria Executiva de Justiça/Programa Raízes, 2006.

TROTSKY, Leon. *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007a.

\_\_\_\_\_. *A revolução permanente*. São Paulo: Expressão Popular, 2007b.

- \_\_\_\_\_. *O futurismo*. 2007c. Disponível em:  
[http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/ma000068.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/ma000068.pdf) Acesso em: 08/03/2012.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e socialismo*. In: MIRANDA, Orlando (Org.). *Leon Trotski: política*. São Paulo: Ática, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Questões do modo de vida*. A época do “militantismo cultural” e as suas tarefas. 1923. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/trotsky/1923/vida/> Acesso em: 25/08/2013.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da Praxis*. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- VIGOTSKI, Lev Semyonovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Coleção Psicologia e Pedagogia. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores).
- WHITAKER, João Sette. *A cidade para poucos: breve história da propriedade urbana no Brasil*. Bauru: UNESP/SESC, 2005. In: *Anais do Simpósio “Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização”*, realizado em Bauru de 21 a 26 de agosto de 2005.
- WINNICOTT, Donald Woods. *A criatividade e suas origens*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975a.
- \_\_\_\_\_. *O Brincar: A Atividade Criativa e a Busca do Eu (Self)*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. In: WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975b. p. 79-93.
- \_\_\_\_\_. *A Localização da Experiência Cultural*. In: WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1971. (Coleção Psicologia Psicanalítica)
- YAZBEK, Maria Carmelita. *Classes Subalternas e Assistência Social*. São Paulo: Cortez Editora, 1993.